

Andrews University

Digital Commons @ Andrews University

Professional Dissertations DMin

Graduate Research

2013

Modelo de Evangelismo Continuo para a Igreja de New Bedford, Massachusetts

Paulo Gerhardt Vieira
Andrews University

Follow this and additional works at: <https://digitalcommons.andrews.edu/dmin>

Recommended Citation

Vieira, Paulo Gerhardt, "Modelo de Evangelismo Continuo para a Igreja de New Bedford, Massachusetts" (2013). *Professional Dissertations DMin*. 140.

<https://dx.doi.org/10.32597/dmin/140/>

<https://digitalcommons.andrews.edu/dmin/140>

This Project Report is brought to you for free and open access by the Graduate Research at Digital Commons @ Andrews University. It has been accepted for inclusion in Professional Dissertations DMin by an authorized administrator of Digital Commons @ Andrews University. For more information, please contact repository@andrews.edu.



Seek Knowledge. Affirm Faith. Change the World.

Thank you for your interest in the

**Andrews University Digital Library
of Dissertations and Theses.**

*Please honor the copyright of this document by
not duplicating or distributing additional copies
in any form without the author's express written
permission. Thanks for your cooperation.*

ABSTRACT

THE MODEL OF CONTINUOUS EVANGELISM FOR
NEW BEDFORD CHURCH, MASSACHUSETTS

by

Paulo Vieira

Adviser: Ricardo Norton

ABSTRACT OF STUDENT RESEARCH

D. Min. Dissertation

Andrews University

Seventh-day Adventist Theological Seminary

Title: THE MODEL OF CONTINUOUS EVANGELISM FOR NEW BEDFORD
CHURCH, MASSACHUSETTS

Name of researcher: Paulo Vieira

Name and degree of faculty advisor: Ricardo Norton, DMin, PhD

Date completed: October, 2013

The Problem

With 50 years of existence, the New Bedford church was founded in order to evangelize the community. Recognizing that the purpose of its origin consists in the ability to fulfill its mission, its first years as a church were dedicated to practicing personal and public evangelism, and various methods of growing the church were adopted. The church's history shows evidence of great results in its primary years of existence. However, as time passed on, conventional methods were no longer producing the same effects, and the church officials dedicated themselves to elaborating programs that only were directed to the members of the church. Unfortunately, this new change caused personal evangelism to be neglected, public evangelism only happened within the church and to church members, and obsolete methods of evangelism were not modernized. Due to the lack of innovation in evangelistic approaches, many members

lost interest in its mission and consequently, only a few people attended the meetings. In the last couple of years, the church of New Bedford has not planted any other church and has not presented any growth in the quantity of members.

The Method

This is a qualitative project that not only aims in implementing the traditional methods of evangelism, but also in offering a continual approach, in which every event can be turned into an evangelistic process, which starts with the establishment of friendships, develops through the encouragement of a relationship with Christ, through integration of the interested to the body of members, and of the maturation of the discipleship.

The Results

New Bedford church experienced a new passion in conquering souls for the Lord; each ministry was stimulated to practice missional evangelism and so evangelism stopped being an isolated event, but turned into a continuous process. In a period of one year, the number of baptism and tithe increased in this church, showing evidences of its lifestyle going back to evangelism. Southern New England Conference also applied this project in other churches in the states of Connecticut and Massachusetts showing great and positive results.

Conclusion

This project revealed the effectiveness of continual evangelism, whose practice should be considered a duty and a privilege for the church. Unfavorable circumstances should not prevent the blessings or the success that results from an evangelism that is

adapted to modern times and, with the orientation of the Spirit, subjected to novel methods. With the action of consecrated pastors, the involvement of committed members, and the support of the Conference, the results are superior to those of conventional evangelism, based on isolated events.

This project is unequivocal evidence that the success of a missional church depends upon the participation of persons converted to a continuous process of evangelism.

RESUMO

MODELO DE EVANGELISMO CONTÍNUO PARA A
IGREJA DE NEW BEDFORD, MASSACHUSETTS

por

Paulo Vieira

Orientador: Ricardo Norton, DMin, PhD

RESUMO DE TESE DOUTORAL

Dissertação

Andrews University

Seventh-day Adventist Theological Seminary

Título: MODELO DE EVANGELISMO CONTÍNUO PARA A IGREJA DE
NEW BEDFORD, MASSACHUSETTS

Nome do pesquisador: Paulo Vieira

Nome e titulação do orientador: Ricardo Norton, DMin, PhD

Data de conclusão: Outubro de 2013

Problema

Com 50 anos de existência, a igreja de New Bedford foi plantada para evangelizar a comunidade local. Reconhecendo que o propósito de sua origem consiste no cumprimento dessa missão, seus primeiros anos foram dedicados à prática do evangelismo pessoal e público, e vários métodos de crescimento de igreja foram adotados. Sua história evidencia bons resultados nos primeiros anos de sua existência. No entanto, com o passar do tempo, os métodos convencionais deixaram de produzir os mesmos efeitos, e os ministérios da igreja se dedicaram à elaboração de programas voltados apenas aos membros. Dessa forma, o evangelismo pessoal foi negligenciado, o evangelismo público passou a acontecer somente dentro da igreja e os métodos obsoletos de evangelismo não foram atualizados. Em virtude da falta de inovação nas abordagens

evangelísticas, muitos membros perderam o interesse pela missão e, conseqüentemente, poucas pessoas compareciam às reuniões e a igreja deixou de crescer.

Metodologia

Este projeto objetiva não somente atualizar os métodos tradicionais de evangelismo, mas também oferecer uma abordagem contínua, em que cada evento se torne um processo evangelístico, que começa com o estabelecimento de amizades e se desenvolve por meio do incentivo a um relacionamento pessoal com Cristo, da integração do interessado ao corpo de membros e do seu amadurecimento no discipulado.

Resultados

A igreja de New Bedford experimentou uma nova paixão pela conquista de almas; cada ministério foi estimulado à prática do evangelismo missional e o evangelismo deixou de ser um evento isolado, tornando-se um processo contínuo. No período de um ano, o número de pessoas batizadas e dízimo nessa igreja aumentaram, evidenciando seu estilo de vida voltado para o evangelismo contínuo. A Southern New England Conference também aplicou o projeto em outras igrejas, nos estados de Connecticut e Massachusetts, os resultados foram bastante favoráveis.

Conclusão

Este projeto revelou a eficácia do evangelismo contínuo, cuja prática deve ser considerada um dever e um privilégio pela igreja. As circunstâncias desfavoráveis não podem impedir as bênçãos e o sucesso que resultam de um evangelismo adaptado às mudanças do tempo e, sob a orientação do Espírito, submetido a novos métodos. Com a ação de pastores consagrados, o envolvimento de membros comprometidos e o suporte da

Conference, os resultados são superiores aos dos evangelismos convencionais, baseados em eventos isolados.

Este projeto é prova inequívoca de que o êxito de uma igreja missional depende da participação de pessoas convertidas em um processo contínuo de evangelismo.

Andrews University
Seventh-day Adventist Theological Seminary

MODELO DE EVANGELISMO CONTÍNUO PARA A IGREJA DE
NEW BEDFORD, MASSACHUSETTS

Tese
Apresentada em cumprimento parcial
aos requisitos para o título de
Doutorado em Ministério

Por
Paulo Vieira
Outubro 2013

© Copyright por Paulo Vieira 2013
Todos os direitos reservados

MODELO DE EVANGELISMO CONTÍNUO PARA A
IGREJA DE NEW BEDFORD, MASSACHUSETTS

Tese
Apresentada em cumprimento parcial
aos requisitos para o título de
Doutorado em Ministério

por

Paulo Vieira

APROVADA POR:

Orientador
Ricardo Norton

Diretor, Doutorado em Ministério
Skip Bell

Emílio Abdala

Decano, Seminário Teológico Adventista
Denis Fortin

Nilson Ferreira

Data de aprovação

Sou grato a Deus pelo privilégio de ter sido usado por Ele na realização deste projeto.

À minha esposa Dausele, por sua compreensão e incentivo.

Às minhas filhas Silzie e Karize, pela ajuda nas traduções.

A SNEC, por seu patrocínio e motivação.

Aos membros da igreja de New Bedford pela paciência, credibilidade, comprometimento e participação neste projeto.

Ao meu primeiro leitor, Dr. Ricardo Norton, por suas orientações.

Ao meu segundo leitor, Dr. Emílio Abdala, por suas correções e sábias sugestões.

Aos amigos Luis Biazotto de quem aprendi muito sobre estratégias evangelísticas e Alex Machado pelas horas gastas na correção gramatical. Este pavimentaram o meu caminho rumo ao doutorado.

ÍNDICE DE CONTEÚDO

LISTA DE FIGURAS	vi
RECONHECIMENTO	vii
Capítulo	
I. INTRODUÇÃO	1
Problema.	1
Propósito..	2
Justificativa	3
Metodologia.	3
Expectativa.	4
Descrição do Projeto	4
II. FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS SOBRE EVANGELISMO CONTÍNUO	6
Evangelismo Contínuo na Divindade	7
Deus Pai: O Originador do Evangelismo.	7
Deus Filho: O Fundamento do Evangelismo.	10
Deus Espírito Santo: O Agente do Evangelismo.	12
Evangelismo e os Servos de Deus.	15
O Mandato.	16
A Mensagem.	19
A Tarefa.	21
Evangelismo e Ação Contínua.	24
Serviço Compassivo.	25
Evangelismo Espontâneo	28
Evangelismo Sistemático.	30
III. EVANGELISMO CONTÍNUO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA	33
Definições de Evangelismo	34
Definição Homilética de Evangelismo.	35
Definição Sociológica de Evangelismo.	37
Definição Prática de Evangelismo..	38
Modelos Contemporâneos de Evangelismo.	40
Willow Creek Church.	41
Saddleback Valley Community Church.	43
New Hope Church.	45
Métodos Contemporâneos de Evangelismo.	46

Evangelismo Relacional (Oikos)	47
Evangelismo da Compaixão.	48
Evangelismo Por Meio da Mídia.	50
Evangelismo de expansão (Série de Colheitas).	51
Evangelismo de Extensão (Pantio de Igrejas).	53
IV. EVANGELISMO CONTÍNUO NA IGREJA DE NEW BEDFORD.	56
Breve História da Igreja de New Bedford.	57
Perfil Demográfico da Igreja de New Bedford.	59
Desenvolvimento da Igreja de New Bedford.	62
Frequência aos Cultos.	63
Perfil Financeiro da Igreja de New Bedford.	65
Os Líderes da Igreja de New Bedford.	67
Como Obtive Um Desenvolvimento Geral da Igreja?.	68
Estudo de campo	69
A Importância do Estudo de Campo.	70
Método Usado no Evangelismo Contínuo em New Bedford.	71
Análise Qualitativa de Dados.	73
Implicações das Informações Obtidas.	74
V. MODELO DE EVANGELISMO CONTÍNUO PARA A IGREJA DE NEW BEDFORD.	78
Descrição do Modelo	78
A Igreja Como Uma Comunidade Qualitativa.	79
A Igreja Formando Estruturas Funcionais.	81
A Igreja Evangelizando a Comunidade Local.	83
A Igreja se Multiplicando em Novas Comunidades.	85
Implementação do Modelo.	88
Iniciando a Visão	88
Elaborando o Planejamento Estratégico.	90
Pequenos Grupos.	91
Redes Sociais.	92
Grupos de Oração.	92
Começando o Treinamento.	93
Pequenos Grupos.	94
Testemunhos Efetivos.	94
Multiplicação Espiritual.	94
Liderança Missional.	95
Organizando Equipes de Ministérios.	95
Mobilizando e Supervisionando Membros Para o Serviço.	97
Avaliação do Modelo	99
VI. CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES	101

Conclusão	102
Recomendações	102
Apêndice	
A. LISTA DE GRÁFICOS.....	105
B. IDÉIAS DE PROGRAMAS DE ORAÇÃO.....	108
C. IDÉIAS DE PROGRAMAS DE ESTUDO DA BÍBLIA.....	109
D. IDÉIAS DE COMO TESTEMUNHAR NO EVANGELISMO.....	110
LISTA DE REFERÊNCIAS.....	111
CURRICULUM VITAE.....	121

LISTA DE FIGURAS

1. Perfil dos Membros da Igreja de New Bedford.	59
2. Perfil Demográfico dos Membros	60
3. Culturas que Formam a Igreja de New Bedford.	60
4. Batismos Realizados entre 2008 – 2012.	61
5. Atendimento aos Cultos Entre os Anos de 2008 – 2012.	63
6. Porcentagem de Ofertas por Ministério entre os Anos de 2008 – 2012.	64
6.1 Contribuição Financeira de Dízimos e Ofertas.	65
7. Porcentagem de Líderes Voluntários na Igreja.	66

RECONHECIMENTO

Em primeiro lugar, reconheço que este projeto, em todas as etapas, tem sido pavimentado pelas bênçãos de Deus.

Reconheço na minha querida esposa Dausele uma companheira incansável que, neste projeto, soube crescer espiritual e intelectualmente comigo. Ela foi uma constante fonte de energia e motivação, impulsionando-me a prosseguir nesta jornada tão desafiadora

Reconheço a participação tão importante do Dr. Ricardo Norton, que não me deixou sair da rota a ser seguida.

Reconheço a grande ajuda do Dr. Emílio Abdala; cada página deste projeto está cheia de sua influência e idéias.

Reconheço a presença marcante do Pastor e Editor Alex Machado, que, sem medir esforços, analisou e corrigiu as questões gramaticais, dando brilho aos meus pensamentos e tornando a leitura simples e agradável.

Reconheço a criatividade do grande amigo Pastor Luis Biazotto, que investiu tempo, materiais e outros recursos para promover uma grande campanha evangelística nas minhas igrejas, dando origem este projeto de Evangelismo Contínuo.

Reconheço a participação especial dos Pastores Natal Gardino e Otoniel Ferreira, que administraram treinamentos aos líderes das igrejas e os ajudaram a amadurecer na vida espiritual.

Reconheço o suporte financeiro da Southern New England Conference, a quem devo a minha gratidão e lealdade.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Evangelismo é o mais alto chamado de Deus para que a igreja atue na comunidade. Esta atuação deve ser um reflexo da atuação missionária de Deus e do ministério de Cristo em favor dos perdidos (Jo. 5:17). Evangelismo é a razão da existência da igreja (1 Pe. 2:9), por isso a igreja deve praticar o evangelismo como um processo contínuo de transformação de seres humanos (At. 2:42, 46, 47). Por anos, o evangelismo tem sido uma atividade de apenas programas e eventos na igreja de New Bedford. Quando é anunciado uma campanha evangelística, os membros se preparam para um evento de um final de semana, de uma semana ou de um mês. Tradicionalmente a igreja tem visto o programa de evangelismo como um evento em que o evangelista prega uma sequência de doutrinas bíblicas e vai embora deixando os resultados com os membros da igreja, ou o pastor local realiza seminários por um curto período de tempo e conclui com uma cerimônia de batismo dos interessados.

Esta dissertação é um chamado à igreja de New Bedford para uma ação contínua de evangelismo, quando ela deixa de ser uma igreja de eventos evangelísticos para ser uma igreja missional.

Problema

A igreja de New Bedford, durante os 50 anos de existência, sempre esteve envolvida em programas evangelísticos e esporádicas atividades comunitárias e sociais. Apesar de todos os esforços evangelísticos e de todos os batismos realizados, a igreja

nunca teve mais de 250 membros. A estagnação tem caracterizado a situação da igreja por muitos anos. Os ministérios da igreja têm realizado o tipo tradicional de evangelismo esporádico (eventos, programas e atividades) e não um processo contínuo de evangelismo, onde a amizade feita com uma pessoa de maneira intencional visa torná-la um discípulo de Cristo, pronto para se multiplicar-se em outros discípulos. De acordo com Towns (1995), se este processo não fizer parte da estratégia do evangelismo, não houve o verdadeiro evangelismo (p. 220). O evangelismo contínuo deve ser parte intrínseca da vida do discípulo e a razão de cada ministério da igreja. Sem esta paixão evangelística, a igreja de New Bedford perde a sua razão de existência e a motivação dos seus ministérios, a comunidade não é atendida e os perdidos não são alcançados.

Propósito

O propósito desta tese é o de implementar um projeto estratégico de crescimento; não um evangelismo esporádico, mas um evangelismo contínuo com a finalidade de levar a igreja a cumprir sua missão na comunidade. Através da atuação do Espírito Santo capacitando os membros da igreja, esse processo evangelístico se tornará um estilo de vida missional enraizado na vida de cada membro, que naturalmente participará deste esforço evangelístico produzindo discípulos capazes de se reproduzirem em outros discípulos. Este processo contínuo de evangelismo está fundamentado no mandamento de Cristo (Mt. 28:19, 20). Atendendo a este alto chamado, desde o Pentecoste a igreja tem continuamente transformado vidas humanas em todos os tempos e em todos os lugares onde o evangelho é pregado.

Justificativa

Por muitos anos a igreja de New Bedford tem praticado evangelismo como um programa a curto prazo e sempre feito por um evangelista convidado pela igreja ou pelo próprio pastor. Ao estudar autores bíblicos, contemporâneos e o Espírito de Profecia, todos concordam que devemos estar sempre usando novas estratégias para alcançarmos novos grupos de pessoas. A promessa de Deus é que Ele está pronto para realizar novas coisas em nosso meio (Is. 43:18, 19). White (1978) declarou que devemos criar novos planos e novos métodos para despertar o interesse dos membros da igreja em ganhar almas (p. 105). Stetzer e Putman (2006) declararam que quando a igreja busca novas maneiras de alcançar a comunidade, isto significa de que ela está pronta para ver Deus trabalhando em várias maneiras (p. 108). Neste projeto de evangelismo contínuo estarei envolvendo todos os departamentos da igreja nos eventos de pré-evangelismo, proclamação e pós-evangelismo tornando estes eventos em um processo contínuo. Todos os líderes deverão estar envolvidos em constante oração, estudo da Bíblia, testemunho e serviço reacendendo neles o amor pelas almas e a paixão pelo evangelismo.

Metodologia

A metodologia que aplicarei neste estudo iniciará com um estudo da literatura bíblica, dos escritos de Ellen G. White e de varios autores que escreveram sobre temas relacionados com a natureza e métodos de evangelização contínua. A seguir, um perfil da igreja adventista de New Bedford será elaborado com base em uma análise dos métodos de evangelismo que se tem praticado nos últimos cinco anos. Então, um modelo de evangelismo contínuo será implantado para melhorar o crescimento quantitativo da igreja

e implementado uma estrutura de ministérios missionais. A fase final do projeto envolverá avaliação dos resultados durante o período de um ano.

Expectativas

As expectativas são: a de levar os membros da igreja a um envolvimento missional com a comunidade; aproveitar cada oportunidade e adaptar a cada circunstância; formar grupos de estudo diário da Bíblia e oração; transformar cada ministério em agência ganhadora de almas e transformar cada discípulo imaturo em um discípulo comprometido com Cristo e cada discípulo em outros discípulos num evangelismo contínuo.

Descrição do Projeto

Este projeto está organizado em cinco capítulos. No capítulo um está a introdução, depois revela o verdadeiro motivo do projeto descrevendo o problema; em seguida temos o propósito, a justificativa, o modelo e o que é esperado como resultado da aplicação do projeto. O capítulo dois apresenta o fundamento teológico, com referências bíblicas e dos livros de Ellen White sobre o evangelismo contínuo. O capítulo três mostra diferentes métodos e estratégias encontrados na literatura contemporânea, que foram implementadas por líderes religiosos no crescimento de suas igrejas e apresenta o modelo aplicado na igreja de New Bedford. O capítulo quatro apresenta o histórico da igreja de New Bedford, analisa os dados obtidos nos últimos cinco anos da existência da igreja, avalia as fraquezas e seu potencial de crescimento e apresenta um plano de ação. O capítulo cinco apresenta o plano e os resultados obtidos à Southern New England

Conference, as falhas e as correções e recomendações para os que vão usar o método contínuo de evangelização.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS SOBRE EVANGELISMO CONTÍNUO

O propósito deste capítulo é descrever os fundamentos teológicos da natureza do evangelismo contínuo. O capítulo está dividido em três sessões principais que explicam o evangelismo contínuo na Divindade, o evangelismo contínuo entre os servos de Deus e o evangelismo como uma ação contínua.

A palavra “Contínuo” é fundamental em evangelismo. Ela é repetida várias vezes no Novo Testamento, principalmente quando está relacionada com a expansão do cristianismo (At. 2:46, 47; 4:33; 14:6, 7; 21:7; 26:7). Em sua enciclopédia sobre evangelismo e crescimento de igreja, Towns (1995) comparou o evangelismo a experiência do nascimento. O nascimento é um evento, mas o crescimento e o amadurecimento da pessoa acontece através de um processo; chamado de santificação. Salvação não é o início e nem o fim do processo do evangelismo, mas sem este preparo (gestação), sem este evento (nascimento) e sem este processo (crescimento) não existe o verdadeiro evangelismo, pois não é evangelismo contínuo (p. 220).

O processo da salvação pode ser chamado de “evangelismo contínuo”, pois a igreja cristã nasceu no dia do Pentecostes e se desenvolveu de maneira continuada (At. 2:41, 42-47). Esse processo de evangelismo contínuo permeia a missão da igreja através da oração incessante, do constante recebimento do Espírito, do atendimento às necessidades da comunidade e de um ininterrupto programa de proclamação do evangelho. Isso resultará num rápido e contínuo crescimento. Obviamente, todo estudo

sobre crescimento de igreja não apenas deve começar com a Divindade, mas deve também continuar focalizado nela, pois Deus é a fonte de todo o crescimento.

Evangelismo Contínuo na Divindade

Evangelismo contínuo de igreja começou com Deus e continua com Ele (Gn. 3:9-11; 1Co. 3:6, 7). Trata-se de um evangelismo missional que produz crescimento tanto qualitativo quanto quantitativo e tanto interno quanto externo (Cl. 2:19). A Bíblia mostra como Deus opera de maneira missional na Divindade para realizar a obra de salvar o ser humano (Jo. 14:16). Deus enviou o Seu Filho (Jo. 5:30). Ele enviou o Espírito Santo (Jo. 14:26). E também envia o Seu povo ao mundo (Rm. 9:10-13). McNeal (2009) declara que a noção de enviar jaz no coração de uma igreja missional, pois ela revela o coração de Deus imbuído de comprometimento contínuo na Sua obra redentiva no mundo (pp. 20, 21). Barrett et al (2004) afirma que a igreja só existe porque ela participa dessa missão divina de reconciliação (p. ix).

Nesta dissertação, o autor mostrará como a Trindade está continuamente envolvida no processo evangelístico, bem como a participação do ser humano nesse tipo de evangelismo e a natureza desse processo chamado “evangelismo contínuo”.

Deus Pai: O Originador do Evangelismo

Evangelismo é a essência do caráter de Deus. Deus é revelado como Espírito que busca verdadeiros adoradores (Jo. 4:24). Ele também é revelado como luz (1Jo. 1:5); quem O aceita não vive em trevas (Sl. 18:28). Deus é amor (1Jo. 4:8, 16) e deseja Se relacionar profundamente conosco (Jr. 31:3). Segundo Peters (1972, pp. 57, 60), essas qualidades divinas têm profundas implicações missionárias. Ao falarmos sobre

evangelismo, falamos do propósito de Deus idealizado antes mesmo da fundação do mundo (1Pe. 1:20) e realizado por meio do Seu Filho Jesus Cristo (Ef. 3:11). Assim, a glória de Deus é o mais elevado alvo do evangelismo, pois nenhum homem, ou igreja, ou qualquer instituição está envolvida em salvação. Tudo começa e termina no Deus triúno. Isso, de maneira simples, é o que chamamos de *missio Dei*.

No início da Bíblia, é relatada a tragédia da queda humana (Gn. 3:1-24). Kaiser (2012) afirma que, em cada uma nesta crise, Deus proferiu uma promessa, que se destinava a todo ser humano (p. 12). Deus é um Ser missionário. Na queda de Adão e Eva (Gn. 3:6), a primeira fase de Deus em Sua missão foi procurar e buscar o que se havia perdido (Gn. 3:9; Lc. 19:10). Ele mesmo tomou a iniciativa e veio ao encontro do casal transgressor, andando por todo o jardim do Éden, procurando e chamando por Adão e Eva (Gn. 3:8, 9). Deus sabia onde eles estavam escondidos (Sl. 139:7-12) e, naturalmente, também conhecia o que eles haviam feito (Gn. 3:11; Sl. 139:1-6), mas foi a Sua natureza evangelística que O impulsionou a procurar e a chamar Seus filhos perdidos (Gn. 3:9; Lc. 19:10).

Quando Adão e Eva foram encontrados entre as árvores do jardim, iniciou-se a segunda fase do evangelismo contínuo: a proclamação do evangelho. Deus mostrou para o casal sua condição de transgressores da ordem divina (Gn. 3:11, 13). Ele amaldiçoou o agente que os induziu à transgressão (Gn. 3:14, 15) e advertiu-os das consequências da desobediência à Sua lei (Gn. 3:16-19). Mas, em meio às advertências proferidas, Deus lhes mostrou o evangelho trazendo a esperança da salvação (Gn. 3:15). De acordo com McIntosh (2003), esse verso tem sido por muito tempo chamado de “o primeiro evangelho” (p. 29).

Após a pregação do evangelho, Deus iniciou a terceira fase do evangelismo contínuo: a ação restauradora. Graciosamente, Ele os cobriu com vestes de pele de um cordeiro que foi morto para esse propósito (Gn. 3:21). Em seguida, foram transferidos para um novo ambiente, onde, mesmo sofrendo as consequências da desobediência, poderiam aguardar pacientemente a vinda do prometido Salvador (Gn. 3:22, 23).

Deus usou o mesmo processo de evangelismo contínuo ao lidar com o povo de Israel. Eles estavam presos no cativeiro egípcio quando clamaram por auxílio (Êx. 2:23). A angustiante súplica do povo chegou até o Céu (Êx. 2:24, 25). Deus veio para tirá-los da escravidão em que se encontravam (Êx. 3:7, 8). Moisés foi usado por Deus para transmitir aos anciãos israelitas o plano de libertação (Êx. 3:16-22). Com grande poder, Deus castigou os agentes que escravizavam Seus filhos (Êx. 3:20). O evangelho de salvação foi pregado por meio do sangue do cordeiro espalhado nas ombreiras das portas (Êx. 12:12-14). Então, os israelitas foram libertos pela mão poderosa do Senhor (Êx. 12:40-42) e, embora conduzidos para um lugar cheio de desafios, perigos e lutas, puderam contar com a proteção e as bênçãos advindas da presença de Deus (Sl. 78:52-54). O ambiente era propício para eles crescerem espiritualmente até estarem prontos a entrar na terra prometida (Sl. 78:55).

Assim, a restauração da humanidade não foi somente o primeiro plano de Deus, mas é Sua obra contínua e prioritária. Onde quer que esse *missio Dei* se realize, independentemente dos resultados, há evidências de sua origem divina. Enquanto algumas pessoas, alcançadas por esse processo contínuo de evangelismo, sentem profunda convicção de que necessitam de uma urgente mudança de mente e coração, outras rejeitam a oportunidade e acabam em trevas maiores do que antes.

Essa obra contínua de Deus, visando o resgate do pecador, continuou com Seu Filho quando o Pai O enviou ao mundo com a missão de buscar e salvar o perdido (Lc. 19:10).

Deus Filho: O Fundamento do Evangelismo

Profetizando a respeito da missão de Cristo, o profeta Zacarias declarou: “Ele mesmo edificará o templo do Senhor” (Zc. 6:12, 13). Ao tratar dessa passagem, White (1981a) explicou que pelo Seu sacrifício e mediação, Cristo é tanto o fundamento como o edificador da igreja de Deus (p. 415). Destacando a missão evangelística do Filho de Deus, Peters (1972) comentou que Jesus foi realmente um Cristo missionário. O foco de Suas mensagens era o reino de Deus (Mc. 1:14, 15; At 1:3); o centro de Suas revelações era Deus, o Pai (Jo. 1:18); Ele se identificava como o Filho do Homem (Mt. 8:20); o Seu propósito fundamental era Sua morte expiatória e ressurreição (Jo. 10:11); a Sua propulsão missionária era o Seu ministério (Lc. 19:10) e o resultado de Sua missão será visto brevemente (Mt. 25:31-46) (p. 39). Por causa desses motivadores ideais, Cristo é o único fundamento do evangelismo.

Evangelismo é um processo contínuo e cada evento desse processo não terá nenhum significado se Jesus não for apresentado como o único meio de salvação para o pecador (At. 4:12). Ele é também o único fundamento da nossa fé (Gl. 3:26), nossa única esperança (1Tm. 1:1), salvação (At. 16:31) e vida eterna (Rm. 6:23). Esse firme fundamento foi estabelecido antes mesmo da fundação do mundo (1Pe. 1:20).

White (1958a) declarou que quando o mundo foi formado, no propósito de Deus, o Cordeiro já havia sido morto. Então, a redenção vem antes da criação; o plano da salvação foi estabelecido antes da criação da Terra. (pp. 63, 64). Esse plano, executado

inicialmente no jardim do Éden (Gn. 3:21), esteve presente no monte Moriá salvando a vida de Isaque (Gn. 22:13); no sistema de sacrifícios oferecidos no santuário e no templo (Êx. 29:38, 39; 2 Cr. 7:12); e foi revelado plenamente no Calvário (1Co. 5:7). Mas, como esse plano é um processo contínuo de salvação, o resultado do ministério terrestre de Cristo continua no Céu com a Sua obra de mediação em nosso favor perante o Pai (1Tm. 2:5; Hb. 8:6; 9:15). Portanto, Sua redentiva atividade evangelística é pré-temporal, contínua e eterna.

Jesus não é somente o fundamento e a essência do evangelismo, mas também é o maior de todos os evangelistas. White (1915) afirmou que nunca houve um evangelista como Cristo. Ele veio para ministrar às nossas necessidades mais urgentes (Lc. 4:18, 19). Ele visitou cada cidade, cada bairro e cada vila (Lc. 8:1). Ele ia a todos os lugares fazendo o bem (At. 10:38) e levando as boas-novas de salvação aos pecadores (Mt. 4:17) (p. 44).

Jesus também praticou o evangelismo em massa, ou pregação pública (Mt. 5:1, 2; 7:28). A pregação era uma tarefa importante no evangelismo de Jesus (Lc. 4:18, 19). Ele enviou os discípulos para exercerem essa mesma atividade (Mc. 3:13, 14). Também nos confiou o ofício da pregação do evangelho (Mc. 16:15). O apóstolo Paulo clamou: “Ai de mim se não pregar o evangelho” (1Co. 9:16). Embora muitos o chamassem de profeta (Mt. 21:11; Lc. 24:19), Jesus era, acima de tudo, um pregador (Mt. 4:17; Lc. 4:19). Sua mensagem era sucinta: “O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc. 1:14-15). Terry (1994) declarou que “embora o Senhor demonstrasse um equilíbrio no tríplice ministério de ensinar, curar e pregar (Mt.

4:23), Ele mesmo afirmou que veio primariamente para pregar (Mc. 1:38)”. E como Jesus praticou o evangelismo contínuo?

1. Ele *priorizou* o evangelismo ao ensinar que a salvação é a coisa mais importante do mundo. As parábolas da pérola de grande preço e do tesouro escondido no campo ilustram esse princípio (Mt. 13:44-46).

2. Ele *treinou* seus discípulos para a evangelização. Antes de dar a Grande Comissão, Jesus enviou os doze e os setenta para pregar (Mt. 10 e Lc. 10). Coleman (1964, pp. 21-114) sugere sete princípios no método usado por Jesus: seleção, associação, doação, demonstração, delegação, supervisão e multiplicação.

3. Ele *praticou* um estilo de vida evangelístico. Há pelo menos quarenta relatos nos evangelhos de pessoas que foram evangelizadas por Jesus. O estudo desses casos revela que Ele aproveitou todas as oportunidades e adaptou Sua apresentação a diferentes audiências. Ainda assim, Ele não alcançou todos os que desejava ganhar (p. 10).

Para Jesus, o evangelismo é um processo contínuo: “Meu Pai trabalha até agora e Eu também trabalho” (Jo. 5:17). É por isso que o Espírito Santo foi enviado, como o Executivo da divindade, visando o cuidado com o crescimento e a preservação da igreja na Terra.

Deus Espírito Santo: O Agente do Evangelismo

Evangelismo contínuo não é missão humana; é tarefa do Espírito Santo (At. 1:6-8). The Cape Town Commitment (como é citado em Tyra, 2011) declara que o amado Espírito Santo é o missionário, enviado pelo Pai missionário e pelo Filho missionário, que sopra vida e poder na igreja missionária de Deus. Sem Ele, o nosso testemunho é fútil, a nossa pregação é vã e a nossa missão é mero esforço humano (p. 11).

O Espírito Santo desempenha um papel crucial na obra missionária de Deus. O êxito de Seu trabalho missional está na maneira simples como é realizado. Ele é citado trinta e uma vezes como "vindo" sobre grupos de pessoas; em dezessete ocasiões há menção de pessoas sendo "cheias" do Espírito Santo e um verso fala dEle como "repousando" sobre uma pessoa (Is. 11:2). Por que o Espírito Santo anseia encher, morar e pousar nas pessoas? Porque Ele trabalha com o simples ser humano visando alcançar todos os tipos de pessoas. Newbigin (1995) declarou que a missão não é algo que a igreja faz; trata-se da ação do Espírito Santo que atua como testemunha, transformando tanto o mundo quanto a igreja. Esse Espírito conduz a igreja em Sua jornada missionária (p. 56).

No Antigo Testamento, o Espírito Santo é descrito movendo-Se sobre a face das águas (Gn. 1:2). Ele atuou na formação do homem (Gn. 1:26), na capacitação de pessoas para realizarem tarefas especiais, como nos casos em que o povo de Deus tinha que guerrear contra algum inimigo (Jz. 3:10; 6:34; 11:29). Já no Novo Testamento, a atuação do Espírito nunca está relacionada com atos de guerra, mas com a capacitação do ser humano para atender às necessidades físicas e espirituais das pessoas (Lc. 4:18-20; At. 2:38-47).

O trabalho do Espírito Santo no processo de evangelismo contínuo é de vital importância. Esse Espírito, como terceira pessoa da Trindade, está continuamente trabalhando para convencer as pessoas dos seus pecados (Jo. 16:8), adotá-los como filhos de Deus (Rm. 8:23) e torná-los membros da igreja (At. 16:5). O início desse processo ocorre por Sua intervenção em nossa vida, tornando-Se o agente responsável por todas as nossas experiências espirituais (Jo. 3:5). Ele é o poder convertedor que nos leva à convicção (1Ts. 1:5) e regeneração (Tt. 3:5); é o agente que promove nosso crescimento

espiritual no processo de santificação (1Pe. 1:2) e o selamento para a redenção (Ef. 4:30). Sem a atuação do Espírito Santo não há evangelismo, não há conversão e também não há crescimento espiritual. Ele é o agente distribuidor dos dons espirituais (Hb. 2:4), equipando os crentes para o ministério (Ef. 4:11-13) e usando-os como Seus agentes na salvação de outras pessoas (2 Tm. 2:20, 21; At. 4:31; 9:17; 10:38).

Na Grande Comissão de Mateus 28:19-20, Cristo viu a necessidade de capacitar os discípulos para o cumprimento da missão com a seguinte orientação: “Não vos ausenteis de Jerusalém, mas esperai a promessa do Pai [...]” (At. 1:4). Após receberem a promessa de capacitação para o serviço e a delimitação do território a ser trabalhado (At. 1:8), os discípulos permaneceram juntos, orando fervorosamente (At. 1:14). White (1976) declarou que a promessa de Cristo foi fielmente cumprida quando, de repente, ouviram “um som como o soprar de um forte vento vindo do Céu” (At. 2:2) e “todos foram cheios com o Espírito Santo” (At. 2:4) (p. 22). Roxburgh e Boren (2009) explicam que uma igreja missional é formada pelo Espírito de Deus trabalhando em pessoas comuns, como ocorreu com os discípulos. Dessa maneira, em vez da ênfase em programas, planos, estratégias e alvos, eles apenas perguntam como podem cooperar com o Espírito na obra que Ele já está realizando entre as pessoas (p. 122).

Peters (1972) afirmou que a presença do Espírito era a prova do trabalho divino na vida das pessoas (1Jo. 3:24; 4:13). O dom do Espírito Santo foi enfatizado no dia do Pentecostes (At. 2:17) e é dado a todos os que obedecem a Deus (At. 5:32). Foi dado aos crentes judeus, samaritanos e gentios (At. 6:5; 8:17; 9:31) (p. 144). O dom do Espírito Santo está disponível a todos; Deus o dá com prazer àqueles que preenchem Seus requisitos.

Nenhum apóstolo tinha condição de ser cristão, de ter poder e autoridade, nem de realizar o serviço de Deus sem a atuação dinâmica do Espírito Santo em sua vida (At. 2:4). De acordo com Terry (1994), o Espírito Santo afetou o evangelismo dos apóstolos de diversas maneiras: dando-lhes ousadia (At. 4:31), impulsionando-os a pregar com poder (Cl 1:28, 29); capacitando-os na realização de sinais e maravilhas (At. 11:44-47); vocacionando-os a servir como missionários e evangelistas (At. 13:1-3; Ef. 4:11) e guiando-os na execução da missão (At. 16:6-10) (pp. 20-22).

O Espírito Santo sempre usou agentes humanos para cumprir Sua missão. Peters (1981) afirma que o Espírito Santo, usando as pessoas e a Palavra, é repetidamente mencionado em Atos. O etíope eunuco; Saulo de Tarso; Cornélio, o centurião de Cesareia; e Lídia de Tiatira, todos experimentaram a graça de Deus que culminou em conversão. Cada um deles tinha sido graciosamente preparado. O eunuco etíope estava lendo as Escrituras e tinha ido a Jerusalém em busca da verdade (At. 8:27, 28). Saulo tinha estudado o Antigo Testamento, embora tivesse recebido uma interpretação errônea. Cornélio era chamado de “temente a Deus,” uma expressão indicativa do seu relacionamento com a sinagoga (At. 10:22). Lídia se encontrou com Paulo em Filipos, num sábado, em um local de oração (At. 16:12, 13). Assim, todos estavam sob a influência da Palavra (semente) e das pessoas (semeadores) (p. 68).

Por experiência, os apóstolos sabiam que o Espírito Santo estava imanado na Palavra de Deus e unido na proclamação da mensagem por meio dos Seus servos.

Evangelismo e os Servos de Deus

Na execução da Grande Comissão, os servos de Deus estiveram sempre em harmonia com a ordem do Seu Mestre. Em todo tempo eles agiam não como escravos

impelidos a cumprir uma obrigação, mas como servos consumidos por um profundo interesse e dedicação a uma missão. O relacionamento dos servos de Deus com a obra de evangelismo contínuo envolve pelo menos três elementos básicos: o mandato, a mensagem e a tarefa.

O Mandato

O principal propósito de Deus é salvar os seres humanos onde quer que eles estejam (Mt. 28:18-20). Uma igreja missional entende bem o mandato divino e faz dele a razão da sua existência. Se uma igreja falha no cumprimento desse mandato, não se trata de mera falha na execução de uma tarefa; na verdade, ela deixou de ser igreja, pois a sua natureza deveria ser missionária. O mandato de Cristo para ir, fazer discípulos, batizá-los e permanecer num processo contínuo de ensino não é apenas uma sugestão, mas é uma ordem e uma grande comissão. Segundo Dayton e Fraser (1990), quando a igreja cessa de evangelizar pessoas, ela cessa de ser a verdadeira igreja. É por isso que a Grande Comissão é um mandato de vital importância (p. 45). Uma igreja que tem um processo contínuo de missão não conhece limites no cumprimento do mandato. Não escolhe determinada cultura, local ou raça, mas anseia evangelizar e alcançar todas as nações, "começando por Jerusalém". Minatrea (2004) afirmou que a igreja, quando se envolve no mandato de Cristo, sente o amor de Deus por todos povos da terra. Ela é motivada para a missão a cada dia (p. 18).

Deus deu o urgente mandato para que o povo de Israel se levantasse e fizesse a Sua luz brilhar, pois as trevas cobriam a face da Terra (Is. 60:1, 2). A todos os profetas, depois de instruí-los em sonhos e visões, o mandato era consistente, definido e claro: “Vai...” O profeta Isaías recebeu a ordem de anunciar à rebelde casa de Israel que

voltasse ao Senhor (Is. 6:8, 9). Deus ordenou ao profeta Jeremias: “Vai aonde Eu te mandar e dize o que Eu te ordenar” (Jr. 1:7, 8). Ele também ordenou que o profeta Ezequiel fosse à casa de Israel e transmitisse a Palavra de Deus (Ez. 3:1-4). Por sua vez, o profeta Jonas recebeu o mandato para pregar na ímpia cidade de Nínive por duas vezes (Jn. 1:2; 3:2). De maneira geral, o mandato de pregação no Antigo Testamento envolvia mais advertências para Israel do que mensagens de salvação para os gentios.

O Novo Testamento mostra o profundo anseio de Jesus na salvação dos perdidos. Isso era bastante evidente em Seu ministério: “Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido” (Lc. 19:10). Ele deixou claro também o fato de haver recebido esse mandato do Pai (Jo. 17:18). Cristo deu a própria vida para cumprir esse mandato (Jo. 15:13). No dia de Sua ressurreição, ao cair da tarde, Cristo apareceu a dez dos Seus discípulos transmitindo-lhes o mesmo mandato que havia recebido do Pai (Jo. 20:21). Segundo White (1940), esse mandato foi repetido várias vezes para que os discípulos pudessem apreender melhor o seu significado (p. 818).

De acordo com Towns (1995), a Grande Comissão pode ser denominada como “o mandato evangelístico da igreja” (p. 251). White (1976b) confirma que a comissão evangélica é a Carta Magna missionária do reino de Cristo. Os discípulos deviam trabalhar fervorosamente pelas almas, dando a todas o convite de misericórdia. Não deviam esperar que o povo viesse a eles; deviam eles ir ao povo com sua mensagem (p. 28). Essa comissão foi dada em quatro diferentes ocasiões e localidades: à tarde, no dia da ressurreição de Cristo (Jo. 20:21); uma semana mais tarde, quando os onze discípulos estavam à mesa (Mc. 16:15); duas semanas mais tarde, num monte da Galileia (Mt. 28:16-20); e no dia da ascensão de Cristo (At. 1:8).

O mandato de Cristo em Mateus enfatiza a tarefa de fazer discípulos (Mt. 28:19-20). Fazer discípulo é a parte central da tarefa, enquanto batizar e ensinar são eventos que pertencem ao processo contínuo dela. Mas, antes mesmo de fazer discípulos, de acordo com McIntosh (2003), existe a ordem de ir. Sem essa ação de ir, não há como fazer discípulos. Embora o termo “ide” não esteja numa forma imperativa no texto original, esse verbo auxiliar pode ser corretamente traduzido como imperativo (p. 65). Esse mandato destaca a iniciativa de fazer discípulos em todas as nações e, para que isso ocorra, os servos não podem ficar esperando por um contato casual, mas devem procurar as pessoas onde elas estão e trazê-las para Cristo.

Se o produto da Grande Comissão consiste em fazer discípulos, a que se parece um discípulo? Russell (1996, pp. 38, 39) explica que um discípulo possui as seguintes características: mantém uma atitude de submissão e perseverança em meio às provas (Mt. 10:24, 25; 2 Co. 4:8-11); é capaz de renunciar qualquer coisa pela causa de Cristo (Lc. 14:26, 27, 33); compreende e observa os ensinamentos básicos de Jesus (Mt. 28:19, 20); possui uma vida transformada por Aquele que Se fez carne (Jo. 13:34, 35); e produz frutos, cooperando na multiplicação de discípulos para Cristo (Jo. 15:8).

De acordo com McIntosh (2003), o crescimento bíblico da igreja é encontrado muito mais em congregações que desenvolvem o processo de discipulado envolvendo as três ações do mandato do Senhor (ide, batizai e ensinai), do que em igrejas que focalizam apenas uma dessas ações (p. 68).

O princípio bíblico do verdadeiro mandato é sair em busca do perdido, achá-lo e ligá-lo à igreja local, ajudando-o a amadurecer espiritualmente. White (1940) esclareceu que a própria vida da igreja depende do cumprimento do mandato do Senhor e a

negligência em cumprir esse mandato levará a igreja à fraqueza e à decadência espirituais (p. 825).

A Mensagem

A principal tarefa da igreja é pregar uma mensagem com consequências eternas. Woodford (2012) afirma que sem a proclamação da mensagem não há como buscar e salvar o perdido. A mensagem deve ser a prioridade da igreja na busca pelo perdido, pois, sem ela, não há como salvar o pecador (p. 141). Os servos de Deus são instrumentos usados pelo Espírito Santo com uma mensagem para pregar, instando a tempo e fora de tempo (2 Tm. 4:2). Jesus pregava de forma contínua em todos os lugares (Lc. 4:43, 44); o apóstolo Paulo pregava em todo o tempo (Rm. 15:19); os apóstolos pregavam continuamente (At. 5:42); os três anjos do livro de Apocalipse são apresentados pregando o evangelho eterno num processo contínuo, sem pausas ou interrupções (Ap. 14:6-9).

As três mensagens angélicas têm sido o fundamento da mensagem e da missão adventista. Burrill (2006) diz que a compreensão adventista de missão não pode ser separada das três mensagens angélicas. Segundo ele, enquanto Mateus 24:14 nos deu a comissão, Apocalipse 14:6-12 nos deu a mensagem para cumprirmos essa comissão (p. 73). A proclamação das três mensagens angélicas a cada nação, tribo, língua e povo é ordenada a todo servo de Deus. Anderson (1965) observa que essas mensagens, proclamadas pelos adventistas, não são diferentes das mensagens anunciadas pelos grandes reformadores; elas apenas são mais amplas (p. 374). Portanto, cada uma dessas mensagens deve ser compreendida, aceita, vivenciada e proclamada, sempre revelando a vontade de Deus e tocando os corações humanos. Se deixarmos de lado qualquer dessas ações, a nossa visão de missão ficará incompleta.

A natureza dessa mensagem é poderosa, urgente, universal, contínua e eterna, como eternas também são suas consequências. Sendo assim, seria viável pensar que ela devesse ser pregada por anjos, mas o seu conteúdo foi posto em vasos humanos e frágeis (2 Co. 4:7). Sua proclamação, no entanto, deve ser em alta voz, como o som de trombeta (Is. 58:1) e como as vozes dos três anjos voando pelo meio do Céu (Ap. 14:7). Todos têm que ouvir a mensagem e tomar uma decisão, pois, logo após ter sido pregada, Cristo Jesus é apresentado vindo nas nuvens do Céu com uma foice na mão para fazer a colheita (Ap. 14:14-16; Mt. 24:14, 30, 31).

A mensagem a ser pregada deve vir da Palavra de Deus. As mensagens dos profetas vinham diretamente de Deus (Ez. 1:3; 13:2). Cristo tirava Suas mensagens da Palavra de Deus (Lc. 24:25-27) e os apóstolos a pregavam com ousadia (At. 4:31). A mensagem tem que ser relevante porque sua fonte original é o próprio Deus (2 Tm. 3:16). Portanto, ela possui a mesma autoridade de Deus (1 Pe. 1:21). A mensagem também precisa ser cristocêntrica (Jo 5:39). Jesus era a essência das mensagens de Paulo (1 Co. 2:2). Se a mensagem não for cristocêntrica, é amaldiçoada (Gl. 1:6-9).

A mensagem precisa ser contextualizada à cultura onde ela é pregada. Para que isso ocorra, os servos de Deus devem conhecer Jesus (Ef. 3:17-19), a natureza humana (At. 14:15; Ef. 2:1-5) e o contexto cultural no qual sua comunidade está inserida (1 Co. 10:33).

A mensagem pregada pelos apóstolos realizou um verdadeiro reavivamento, levando milhares de pessoas a abandonar a vida de pecado e a voltar-se para Deus (At. 2:37, 38). Pessoas foram curadas (At. 5:16); louvores a Deus encheram o ambiente onde os crentes estavam reunidos (At. 2:47); a alegria inundou o coração dos novos conversos

(At. 8:8); conversões aconteceram diariamente (1 Co. 15:2); os novos conversos se uniram alegremente, formando um grupo especial (At. 2:46; 5:12); serviram a comunidade de maneira espontânea (At. 9:36); e, conseqüentemente, Deus multiplicou o número de conversos (At. 2:47).

White (1978) afirma que a mensagem não mudou; apenas devemos proclamá-la com maior diligência, pois estamos mais perto da volta de Cristo. A mensagem para este tempo é simples, positiva e extremamente importante. Precisamos agir como homens e mulheres que creem nela. Esperar, vigiar, trabalhar, orar e advertir o mundo; esse é o nosso trabalho (p. 219). Todos os que crerem e aceitarem o desafio da mensagem de Deus estarão prontos para a realização da tarefa.

A Tarefa

Deus tem um plano missional para os seres humanos (Jr. 29:11). Gelder et al (2008) declarou que a atividade missional de Deus, em Cristo, é central no cristianismo. Por meio de Cristo, Deus chama a igreja para participar do *missio Dei*, capacitando-a pelo Espírito Santo e enviando-a ao mundo como missionária (p. 104). Cristo enviou os doze discípulos (Mt. 10:1, 5); posteriormente, um grupo maior de setenta (Lc. 10:1) e cento e vinte pessoas (At. 1:8, 15). Mas Deus ainda envia o Seu povo para realizar o Seu plano em favor dos seres humanos (1 Co. 12:7-11, 28; Ef. 3:10). Deus tomou providências para que a Sua igreja conheça a Sua vontade e o Seu plano (1 Pe. 1:10-12), pois Ele quer atender a cada necessidade do ser humano (Fp. 4:19). De acordo com Stetzer e Rainer (2010), a igreja deve se envolver na comunidade com grande paixão e com a visão de mudar toda a sua estrutura no atendimento às suas necessidades (p. 217).

Logo no início do Seu ministério, Jesus deixou bem claro qual seria a Sua tarefa

(Lc. 4:18, 19). Pregar e curar é como dois braços num corpo: a ausência de um, ou de outro, torna o corpo aleijado e, dessa maneira, a tarefa fica incompleta. Cristo veio primeiramente pregar (Mc. 1:38). Ele pregava de uma maneira tão simples que “a grande multidão O ouvia de boa vontade” (Mc.12:37). Ele iniciou Seu ministério anunciando: “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos, e crede no evangelho” (Mc. 1:15). Terry (1994) declarou que Cristo desafiava o povo de Seus dias a se arrepender e a acreditar nEle. Ele não somente pregava as boas-novas, Ele era as boas-novas. Cristo apresentava a Si mesmo ao povo para ser aceito ou rejeitado (p. 11). Cada igreja, cada membro tem o privilégio de desempenhar uma importante parte no plano de Deus; seguindo as lições dadas por Cristo, podemos obedecer a ordem de “pregar o evangelho a toda a criatura” (Mc. 16:15).

A outra tarefa de Jesus consistia em ensinar (Mt. 5:1, 2). Seja numa montanha, nas ruas, à beira da praia, no templo ou nas sinagogas, Cristo transformava esses lugares em verdadeiras escolas de ensino. White (1978) comenta que, em Seus ensinamentos, Cristo não pregava sermões, como fazem os ministros atualmente. Sua tarefa era a de edificar sobre a estrutura da verdade (p. 56). Seu ensino não se baseava em matérias ou tradições comumente ensinadas nas escolas dos mestres em Israel, mas na vontade de Deus para os seres humanos (Mt. 7:21; Jo. 6:39). Na questão do ensino, Cristo foi o mestre dos mestres. Seus métodos eram variados e simples. Ele ensinava pelo exemplo (Jo. 13:15); ensinava com autoridade (Mt. 7:29); era paciente quando os discípulos demoravam a aprender (Jo. 14:9); ilustrava o que ensinava por meio de parábolas (Mt. 13:34); e estimulava os discípulos a praticar o que haviam aprendido (Mc. 6:7). Trata-se da mesma tarefa dada aos Seus servos: “Ide e ensinai a todas as nações e ensinai tudo o que vos

tenho mandado” (Mt. 28:19, 20). Essa tarefa só pode ser realizada por pessoas que são cheias do Espírito Santo (At. 1:8; 5:42) e que sejam dedicadas (Rm. 12:7).

A terceira tarefa, no ministério de Cristo, era a da cura. White (1985b) comentou que Cristo curava os enfermos e pregava o evangelho. Em Sua obra, a cura e o ensino estavam intimamente unidos. Eles não devem ser separados hoje (p. 369). Cristo usava o poder da Sua palavra tanto para ensinar quanto para curar (Mt. 8:16). Todos eram curados por Ele (Mt. 4:24; Lc. 6:19). As pessoas vinham a Jesus para serem curadas e encontravam não somente cura, mas também instruções sobre como viver perdoado e em paz com Deus (Lc. 5:17-26). Henry (2000) explica que havia três tipos de enfermos que eram curados por Jesus: o leproso, que tinha o corpo afetado; o lunático, que tinha a mente afetada; e o endemoninhado, que tinha todo o ser afetado (vol. 5, p. 36).

O verdadeiro problema dos servos de Deus não é a magnitude da missão, mas a visão restrita que eles têm da tarefa. Ela não pode ser desempenhada somente com pregação. Peters (1972) enfatizou que quando o homem está com fome, ele precisa de alimento; quando está nu, precisa de roupa; quando tem uma séria infecção, precisa de antibióticos antes de qualquer outra solução (p. 168). White (1985) asseverou que a obra de Cristo deve ser nosso exemplo. Ele andava continuamente fazendo o bem. Sua vida foi de serviço desinteressado e nos deve servir de modelo. Seu terno e compassivo amor constitui-nos uma censura ao egoísmo e à falta de coração (pp. 298, 299).

A tarefa dos servos de Deus é de atender todas as necessidades do ser humano, pois esse é o plano divino. O uso dos próprios métodos na realização da tarefa pode até trazer algum resultado, mas somente os métodos de Cristo podem resultar no verdadeiro sucesso. Samaan (1990) comenta que devemos consagrar nossa mente, nosso coração e

nossas mãos na realização dessa tarefa. Somente então, as pessoas serão atraídas para Jesus e o Espírito Santo fará coisas humanamente impossíveis em favor dos seres humanos (p. 36).

Evangelismo e Ação Contínua

Evangelismo é um contínuo processo de comunicação do evangelho visando não somente a conversão de pessoas, mas também o amadurecimento espiritual e a formação de outros discípulos. Existem diferentes verbos gregos que descrevem os vários aspectos do evangelismo. Colocados juntos, esses verbos produzem um mosaico que retrata, de forma abrangente, o ministério evangelístico. Towns (1995) menciona dezesseis palavras, que aparecem no Novo Testamento, para descrever evangelismo, as cinco principais são:

1. *Martureo* – descreve o processo bíblico de testemunhar (At. 1:8). Essa palavra deu origem ao termo “mártir”, cujo significado é alguém que testemunha ou suporta um testemunho.

2. *Euangelizo* – significa “evangelizando” ou “pregando a palavra”. É a proclamação das boas novas de salvação. Essa era a tarefa espontânea dos cristãos perseguidos (At. 8:1-4).

3. *Didasko* – significa “dar instrução”. O ensino era outra parte do processo evangelístico (Mt. 28:20).

4. *Kerusso* – significa “anunciar publicamente o evangelho para que as pessoas respondam” (At. 8:5).

5. *Matheteou* – termo que aparece na Grande Comissão de “ir e fazer discípulos” (Mt. 28:19). É trazer as pessoas a uma experiência de conversão e levá-las a seguir a Cristo na comunhão da igreja (pp. 207-211).

Esse processo de evangelismo contínuo envolve três áreas específicas: serviço compassivo, evangelismo espontâneo e evangelismo sistemático.

Serviço Compassivo

O ministério de Jesus foi essencialmente compassivo. Atender cada necessidade humana foi o Seu primeiro e mais importante programa. Seu ministério compassivo é evidente nas Escrituras: quando viu o leproso, foi movido por compaixão (Mc. 1:40, 41); quando viu a viúva de Naim chorando pela perda do seu único filho “moveu-se de íntima compaixão por ela” (Lc. 7:12, 13); vendo as multidões confusas e perdidas “teve grande compaixão delas” (Mt. 9:36). Cristo usou a compaixão como porta de entrada para alcançar as pessoas onde elas estavam (Mt. 14:14; 15:32). Por isso, o serviço compassivo no atendimento aos famintos, sedentos, nus, estrangeiros, doentes e prisioneiros (Mt. 25:35, 36) é um dos requisitos para que os servos de Deus estejam preparados para a segunda vinda de Jesus (Mt. 25:34).

Os discípulos presenciavam diariamente essa atitude compassiva de Cristo com cada pessoa. Eles observavam Jesus dando vista aos cegos, fazendo coxos andarem, purificando leprosos, curando surdos e ressuscitando mortos (Mt. 11:5). Pedro resumiu o ministério de Cristo nas seguintes palavras: “Como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com virtude; o qual andou fazendo bem, e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com Ele” (At. 10:38). Esse método compassivo usado por Cristo em Seu ministério é descrito por White (1990) como o único que pode trazer verdadeiro êxito ao nos aproximarmos do povo. Ela explica que o Salvador misturava-se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava, então:

Segue-Me (p. 143).

Foi com esse mesmo método de serviço compassivo, presenciado no ministério de Cristo, que os discípulos começaram a sua missão logo após terem recebido o poder do Espírito Santo. Segundo White (1976), os crentes se preocupavam com as necessidades dos novos conversos. Não importava a emergência, nem mesmo o tamanho das necessidades, elas eram todas supridas alegremente (p. 70). Como não havia avareza no coração dos crentes, também “não havia, pois, entre eles, necessitado algum” (At. 4:34). A igreja dos apóstolos não media sacrifício para o exercício do serviço compassivo (At. 2:44, 45). O amor pelos necessitados era bem maior que o amor pelos seus bens materiais (At. 4:35-37). Esse serviço compassivo unia os corações (At. 4:32) e, de bom grado, as pessoas aceitavam a Palavra de Deus e eram batizadas (At. 2:41).

Foi o próprio Cristo quem tomou a iniciativa do serviço compassivo (Fp. 2:4-7). Ele veio em forma de Servo para atender nossas mais profundas necessidades. Roxburgh e Romanuk (2006) declaram que a encarnação de Cristo deve ser levada mais a sério, pois é por meio dela que discernimos a presença de Deus em lugares pouco prováveis, em situações humanamente impossíveis e com pessoas destituídas de qualquer mérito, manifestando, assim, a Sua grande compaixão (p. 17). Qualquer indiferença, diante do exemplo compassivo de Jesus e dos apóstolos, implica o risco de eterna perdição (Mt. 25:30). Nossas ações devem estar motivadas mais pelas necessidades dos nossos irmãos do que por suas atitudes. Somos guardadores de nossos irmãos (Gn. 4:9); temos que estar presentes na vida deles, interessando-nos por suas necessidades (Fp. 2:4), pois, como cristãos, não vivemos nem morremos para nós mesmos (Rm. 14:7). White (1979) afirma que, no reino de Deus, a única grandeza é a grandeza da humildade e a única distinção se

baseia na dedicação em servir os outros (p. 626).

Serviço compassivo é uma forma eficaz de alcançar pessoas para Cristo. Towns (1995) diz que atos de justiça e misericórdia não devem ser um fim em si mesmos, mas um meio para levar pessoas a abraçar o cristianismo (p. 212). Embora os cristãos não sejam do mundo, eles estão no mundo e precisam atuar como o “sal” e “luz” por meio de palavras e ações. Abdala (2009) comenta que a cada momento tem aumentado o número de evangelistas modernos que estão combinando pregação com projetos humanitários. Segundo ele, esses evangelistas precisam agir como a madre Tereza em atos de compaixão; necessitam ter o zelo e o fervor de Billy Graham na proclamação do evangelho; e carecem do dom de organização de John Wesley nas atividades de consolidação dos novos membros (p. 74).

Para ser bem-sucedida em sua missão de pregar as três mensagens angélicas a todo o mundo, a Igreja Adventista do Sétimo Dia deve se envolver cada vez mais nos serviços comunitários, pois essa é a ponte para chegar mais facilmente aos corações cansados. Sahlin (2003) argumenta que, em geral, as igrejas adventistas estão menos envolvidas no serviço comunitário do que outras denominações. Muitos dos serviços comunitários promovidos pela igreja adventista são normalmente programas tradicionais, desenvolvidos em áreas de serviço informal que são invisíveis, ou comuns, na comunidade. Por isso, as igrejas adventistas estão alcançando menos pessoas do que outras denominações (pp. 57, 58).

Essa conclusão se harmoniza, naturalmente, com o ideal de Ellen White para a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Segundo White (1948a), é importante, primeiramente, satisfazer as necessidades temporais dos pobres e aliviar suas privações e sofrimentos

físicos, pois isso possibilitará o acesso ao coração, onde se podem plantar as boas sementes da virtude e da religião (p. 226).

Serviço compassivo é uma das maiores necessidades do mundo. As pessoas necessitam que nos misturemos com elas e as ajudemos nas suas necessidades mais urgentes. Nunca devemos subestimar o valor da atenção, do sorriso, do elogio, do cumprimento, da oração, da roupa, do alimento ou até mesmo de um copo d'água (Mt. 10:42). Gestos de ternura e compaixão levarão as pessoas a reconhecer que, neste mundo, há seguidores de Cristo que as amam desinteressadamente. Somente observando o evangelho na prática, elas estarão preparadas para ouvi-lo.

Evangelismo Espontâneo

Evangelismo contínuo, de acordo com Pointer (1984), deve ser feito em dois níveis complementares: espontâneo e sistemático. Evangelismo espontâneo envolve cada crente em sua vida diária. Essa é a mais efetiva maneira de ganhar pessoas para Cristo (p. 78). Essa forma espontânea de proclamar as boas novas foi usada por André (Jo. 1:40-42), por Filipe (Jo. 1:43-45; At. 8:26-38) e também deve ser usada por todos os que são tocados pelo poder de Deus (Lc. 8:38, 39). De acordo com Green (1970), foi usando esse método que a igreja, em sua expansão evangelística, alcançou a maioria dos convertidos mais destacados (Jo. 3:1-3; At. 8:26, 27). O primeiro capítulo de João deve ser usado como padrão para esse método espontâneo de evangelismo (Jo. 1:35-37; 40-45) (p. 24). Sahlin (2003) comenta que, de cada cinco igrejas adventistas, em 2002, quatro promoveram o testemunho pessoal nas conversações diárias, no trabalho e na comunidade. Como resultado, a mesma proporção de igrejas relatou que seus membros fizeram visitas e chamadas telefônicas, alcançando pessoas inativas e não-membros da

igreja. É imperativo que os membros da igreja não somente aprendam a abrir as mãos para ajudar, mas também aprendam a abrir a boca para falar (p. 54).

O evangelismo espontâneo, no qual os membros da igreja são motivados a testemunhar de Jesus a pessoas conhecidas, tem sido comprovadamente um dos mais eficientes métodos de ganhar almas. Infelizmente, muitas igrejas ainda não têm explorado devidamente esse grande potencial. Pointer (1984, p. 79) comentou que, se cada crente fosse ensinado a contar a história de sua experiência cristã e a partilhar, de maneira simples, de sua fé (Lc. 8:31; Jo. 9:25), uma imensa onda de testemunhas inundaria a nossa comunidade. Temos que treinar, equipar e motivar os membros da nossa igreja a defender sua fé (At. 26:2) e a testemunhar de Cristo na vida diária (At. 2:46, 47; 4:20).

Gelder e Zscheile (2011) afirmam que a igreja é missionária por natureza, pois Deus é, no mais profundo do Seu ser, missionário. Portanto, essa missão divina é de responsabilidade de toda a igreja, ou seja, cada membro precisa estar espontaneamente envolvido (pp. 32, 33). Portanto, a todo membro da igreja é dada a ordem expressa de ser o sal da Terra (Mt. 5:13) e a luz do mundo (Mt. 5:14). Como sal, o servo de Deus, por meio do contato pessoal, deve levar as pessoas a sentir o sabor de Cristo (At. 8:26-38). Como luz, deve proporcionar a cada indivíduo uma clara visão de Jesus Cristo (Jo. 12:20-23). De acordo com Ferraz (1991), Jesus Cristo sempre escolhia um lugar de ação (Mt. 15:21; 15:29; 19:1; Lc. 5:17). Os discípulos também tinham um lugar com o seu correspondente plano de ação (pp. 47, 48). Nosso lugar de ação pode ser os nossos familiares, nossos vizinhos, os amigos de infância, os colegas de estudo ou de trabalho, nossos clientes, chefes ou empregados, os interessados da igreja ou mesmo um lugar específico no território da igreja ou fora dele para trabalharmos.

Todos podem se envolver no evangelismo espontâneo. Para White (2009a), tão certo como nos está preparado um lugar nas mansões celestes, há também um lugar designado aqui na Terra onde devemos trabalhar para Deus (pp. 326, 327). O teorema de R. Kenneth Strachan (1981) propõe o princípio de que a expansão de qualquer movimento está diretamente relacionado com o sucesso de mobilizar cada membro da igreja em contínuo testemunho do que eles creem (p. 218). Por isso o cristianismo se espalhou tão rapidamente nos três primeiros séculos. “A Palavra do Senhor crescia e se multiplicava” (At. 12:24), pois cada crente era mobilizado a testemunhar espontaneamente do evangelho.

Evangelismo Sistemático

A forma sistemática de evangelismo ocorre quando uma ou mais pessoas fazem missões planejadas, eventos, estratégias e programas para descobrir novos contatos com pessoas desconhecidas, de outras áreas ou de diferentes culturas. Esse foi o mandato de Cristo (Mt. 28:19). Embora os discípulos devessem esperar pela descida do Espírito Santo, em Jerusalém (At. 1:4), e tivessem que começar por esse lugar a pregação do evangelho (Lc. 24:47), eles não deveriam ficar somente em Jerusalém, pois a missão dada por Jesus abrangia todo o mundo e toda criatura (Mc. 16:15). Pointer (1984) esclarece que o evangelismo sistemático se preocupa com estratégias e programas que ultrapassem essas barreiras geográficas e culturais (p. 79). Burrill (1996) assevera que a maioria das igrejas adventistas sabe muito bem como operar uma igreja reunida, mas sabe pouco sobre como educar os membros para operar como igreja espalhada. Para ele, entendemos muito bem a imagem da igreja como uma fortaleza, mas falhamos em entender a imagem da igreja como sal. Para cumprirmos o mandato de Cristo, temos que ser uma igreja

espalhada no mundo (pp. 17, 18).

O trabalho de Deus deve ser feito de acordo com o plano sistemático de Deus. Primeiro, Cristo chamou um grupo de doze discípulos para Si e os capacitou com poder (Mt. 10:1); depois, enviou-os com o elaborado plano de começar primeiro com a sua própria cultura (Mt. 10:5, 6), onde João Batista e Jesus já haviam trabalhado e feito amizades (Mt. 3:1, 5; 4:23; 10:6). Eles deveriam pregar a mesma mensagem que ouviram de João Batista e de Cristo (Mt. 3:2; 4:17; 10:7); deveriam seguir o mesmo método de Jesus: pregar, curar e ensinar (Mt. 4:23; 10:7, 8, 19). Apesar de terem estado com Jesus aprendendo sobre a missão e como cumpri-la, eles ainda não estavam preparados para alcançar outras culturas. Somente com mais poder (At. 1:4, 5) eles estariam aptos para conquistar todo tipo de pessoas (At. 1:8), resultando na conversão de milhares (At. 2:1-13, 41). White (1958a) diz que foram dadas aos servos de Deus, neste século, as mais solenes verdades a proclamar, e cada ação, método ou plano deve corresponder à importância dessa mensagem. Segundo ela, se a mensagem for apresentada à maneira de Cristo, o auditório será mais profundamente impressionado com cada verdade ensinada e haverá convicção de que essa é a palavra do Deus vivo (p. 356).

Para que os servos de Deus sejam bem-sucedidos na missão de fazer discípulos em todos os lugares, o evangelismo na forma sistemática apresenta a necessidade de estratégias. De acordo com Peters (1981, p. 223), essa estratégia deve ser bíblica e guiada pelo Espírito Santo (At. 8:29; 16:6-10); deve ter um lugar para começar (At. 1:4; 2:1); deve começar num tempo estratégico (At. 2:1-13); deve haver um tempo de preparação para que os novos conversos se tornem discípulos de Cristo (At. 2:42-46; 4:23-31); deve haver o avanço do evangelismo em áreas previamente preparadas (At. 9:32-43; 11:19-21;

13:43-45, 49); deve haver o deslocamento a lugares mais distantes (Rm. 15:19-23); deve existir uma equipe bem coordenada e cooperativa (Gl. 2:7-10; At. 11:22-26); e deve haver uma visão global (At. 28:14; Rm. 15:28).

Essa estratégia evangelística foi levada a efeito por um grupo de homens e mulheres submissos à guia do Espírito Santo (At. 13:1-4), com uma ampla visão da missão (At. 6:1-4; 11:27-30) e cheios do poder de persuasão (At. 2:37, 38; 26:28, 29; 2 Co. 5:11). Por isso, “a palavra de Deus crescia e se multiplicava” (At. 12:24) e atingiu “até os confins da terra” (At. 13:46, 47). Esses são ingredientes essenciais para uma igreja missional.

CAPÍTULO III

EVANGELISMO CONTÍNUO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

O termo “evangelismo contínuo” reflete a natureza humana que necessita continuamente de Deus, embora lute contra Ele continuamente. A reconciliação com Deus é a maior necessidade do ser humano; por isso, a igreja recebeu a tarefa de pregar o evangelho, de maneira contínua, por todo o mundo (Mt. 24:14). Segundo Dias (2012), evangelismo não é o mesmo que missão; na verdade, evangelismo é o coração da missão e, por ser parte integral e essencial, não pode ser tratado de forma isolada (p. 3). Warren (2002) define missão como sendo o chamado de Deus para contarmos a história de Jesus e como ela mudou a nossa história. (p. 17). Se não existir um processo contínuo de evangelização, qualquer evento da igreja realizado num tempo específico não pode ser chamado de evangelismo.

Pointer (1984) observou que esse tipo de evangelização demanda todos os recursos da igreja a fim de abranger todo o mundo. O poder do Espírito Santo estará sempre presente, como uma força propulsora, tornando eficaz a pregação do evangelho, conduzindo pessoas ao arrependimento de seus pecados e à aceitação de Jesus como Salvador pessoal (p. 20). Esse processo contínuo de evangelismo integra o convertido ao corpo de Cristo, tornando-o discípulo ativo na busca de outros discípulos para Jesus. Para Shuler (1940), a obra de fazer discípulos deve ser o nosso principal negócio até a volta de Jesus (p. 16).

Neste capítulo, o termo *evangelismo* será definido no contexto homilético, sociológico e prático. Em seguida, serão analisados os três modelos de igrejas bem-sucedidas na prática evangelística contemporânea e as suas principais estratégias.

Definições de Evangelismo

Segundo Billy Graham (1987), não há consenso, na igreja mundial, quanto à definição de evangelismo. Para ele, as inúmeras definições existentes decorrem do fato de as escolas bíblicas e seminários não abordarem esse assunto como deveriam (p. 15). Reid (1998) explica que, para entendermos a base do evangelismo, devemos começar com a Palavra de Deus e permanecer nela (p. 12). De acordo com Webb (2012, p. 7), quando consideramos as atividades dos primeiros evangelistas obtemos uma descrição clara do significado de evangelismo (At. 4:33; 5:42; 2:36-39; 7:56; 13:48). Em todas as atividades evangelísticas desenvolvidas pelos apóstolos, encontramos princípios que devem nortear nossas ações a fim de praticarmos o verdadeiro evangelismo, que resulta em conversão, batismo e discipulado. A Conferência Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia (ADCOM, 2000) declarou oficialmente que Deus tem chamado os cristãos para o evangelismo – que é a proclamação das boas novas de salvação em Cristo (Mt. 28:19, 20). Essa verdade é central para o testemunho e a vida do cristão. Portanto, o cristão é missionário por natureza.

Webb (2012) declarou que é importante ver o evangelismo e o testemunho como um processo contínuo e não como um programa único e isolado. O estabelecimento e a manutenção são partes vitais nesse processo. A palavra “perseveraram” (At. 2:42) evidencia o forte comprometimento dos novos cristãos com uma estratégia contínua, visando o desenvolvimento espiritual (p. 7). Para a igreja cristã primitiva, evangelismo

era muito mais do que pregar o evangelho. Nas atividades diárias, o processo continuava até a formação de novos discípulos que, por sua vez, adotando um estilo de vida evangelístico, ajudariam no crescimento do grupo local de cristãos. Toda pessoa que é beneficiada pelo evangelho eterno deve tornar-se testemunha no lugar onde vive, ou em outros países, envolvendo-se no processo contínuo de fazer discípulos. Segundo White (1978), o desígnio de Deus é que essa mensagem seja apresentada como a maior e a mais elevada obra no tempo presente (p. 18).

Para ser uma testemunha, de acordo com o seu significado bíblico, é preciso haver relacionamento diário e pessoal com Deus e envolvimento com Sua missão. Os líderes judeus, ao observarem o ousado estilo de vida dos apóstolos, convenceram-se de que se tratavam de homens que haviam estado com Jesus, pois Sua vida e Seus ensinamentos faziam parte de sua conversação diária (At. 4:13). O evangelismo contínuo afeta todo o ser e impulsiona a pessoa a testemunhar daquilo que Cristo fez e da diferença que Ele pode fazer na vida daqueles que O aceitam como Salvador pessoal. Embora Towns (1995) defina esse tipo de evangelismo de seis maneiras, destacaremos apenas as três principais: definição homilética, definição sociológica e definição prática (pp. 205, 206).

Definição Homilética de Evangelismo

Consiste na definição de evangelismo no âmbito da pregação ou da proclamação. De acordo com Wagner (1987), essa definição apresenta três distinções na natureza do evangelismo:

1. Presença – “É o primeiro andar de um edifício; é onde está a porta de entrada” (p. 1). É estar presente na vida das pessoas ajudando-as em suas necessidades (p. 119 - 123). Pointer (1984) declara que “o testemunho da palavra surge do testemunho das

obras”. A encarnação de Jesus visava à prática pessoal de boas obras e, conseqüentemente, à proclamação das boas novas (Lc. 4:18, 19). Essa obra presente é necessária para que o evangelho faça sentido à mente e ao coração. Somente assim a igreja falará e será ouvida (p.133).

2. Proclamação – A pregação do evangelho não pode ser um fim em si mesmo. Não se trata de proclamar sem nenhuma obrigação de obter resultados. É preciso que o ouvinte seja encorajado a dar uma resposta positiva à mensagem. Ele deve entender a mensagem, aceitar a Cristo como Seu Salvador pessoal, servir a Deus e fazer parte de Sua igreja. Enquanto esse alvo não for alcançado, o trabalho do pregador não pode terminar. A proclamação nunca será eficaz sem a presença e jamais será completa sem a persuasão.

3. Persuasão – O termo grego *peitho* é traduzido como persuasão e aparece muitas vezes no livro de Atos referindo-se ao evangelismo bíblico (At. 13:43; 17:4; 18:4). Para Norton (2001), a caótica condição moral de nossa sociedade resulta da falta de decisões em favor dos valores bíblicos (p. 32). Cristo Jesus nunca mudou Sua teologia da persuasão. Em cada contato, Ele anelava por uma resposta (Mc. 8:27; 10:51, 52; Mc. 12:34; Lc. 20:41; Jo. 3:7; 21:15). Ele tinha profunda preocupação com os resultados. Towns (1995) declara que é uma vergonha quando o ministro não mais chora por almas que estão perdidas e não mais persuade pecadores a aceitarem a Cristo (p. 216).

Essa definição apresenta o evangelismo como um processo que começa com um contato pessoal e não termina enquanto não houver uma decisão. Isso pode resultar na conversão do indivíduo e na sua conseqüente inserção na igreja como discípulo de Jesus, ou na completa rejeição do evangelho.

Definição Sociológica de Evangelismo

Towns (1995) afirmou que evangelismo social é a maneira mais comum de descrever evangelismo na literatura evangélica (p. 206). O evangelismo precisa ser descrito em suas várias áreas e não somente em eventos específicos. Segundo Sahlin et al. (1994), a característica sociológica do evangelismo consiste no serviço ao pobre e ferido, em nome de Jesus, sem qualquer preocupação com a sua associação racial, política ou religiosa; trata-se de uma obra integral, que abrange todos os aspectos (físico, mental, social e espiritual), considerando o valor infinito de cada ser humano (p. 13). É fazer de tudo para, se possível, ganhar alguns (1 Co. 9:22). Diferente de um evento realizado em um local específico, a parte social do evangelismo consiste em ir onde estão os necessitados e perdidos, usando todas as pontes possíveis da amizade a fim de alcançá-los para Cristo. De acordo com Sahlin et al. (1994), a Igreja Adventista do Sétimo Dia mantém mais de 14 tipos diferentes de entidades que prestam assistência em diversas áreas, possibilitando a abertura de grandes portas para a pregação do evangelho (p. 37).

O evangelismo e o trabalho social são como irmãos gêmeos, cujo pai é o amor. O primeiro comunica palavras de salvação; o segundo transmite ações de amor. Ambos devem fluir naturalmente de uma igreja missional. É preciso que cada membro seja responsável no atendimento às necessidades da comunidade, sejam elas espirituais ou sociais. Em 1971, Jerry Falwell, pastor de Thomas Road Baptist Church, em Lynchburg, Virginia, adotou o princípio sociológico da “sinergia”, que é o uso de múltiplas agências para ter o máximo alcance em evangelismo: escolas cristãs, casas para mães solteiras, ministério para surdos, campos, livrarias e outras agências que atendem às mais variadas necessidades da comunidade (Towns, 1995, p. 218).

Segundo o Comitê de Lausanne, em *Guideline for Action* (1982, para. 6), as necessidades sociais de uma pessoa podem abranger os aspectos físico (alimento, roupa, proteção ou seguro de saúde), psicológico (ansiedade, alienação, desequilíbrio emocional) e econômico (pobreza, desemprego, falta de estudos). Por isso, a pregação e o serviço devem estar juntos, caso contrário o evangelismo não será completo.

Definição Prática de Evangelismo

Stott, em *Christian Theology in Plain Language*, declarou que a igreja pratica o evangelismo, não por uma questão de gosto ou escolha, mas porque ela foi ordenada a fazê-lo. Portanto, inatividade evangelística é desobediência; uma igreja sem evangelismo é uma contradição de termos (p. 162). Evangelismo prático é a adoção de um estilo de vida missional; consiste no envolvimento pessoal dos membros da igreja em atender às necessidades da comunidade. Somente quando isso acontecer, as pessoas espiritualmente sedentas e famintas tornar-se-ão receptivas ao evangelho. White (1995) afirmou que muitos não têm fé em Deus e perderam a confiança no homem, mas apreciam ver atos de simpatia e prestatividade. Ao verem que alguém se aproxima de seus lares, sem qualquer incentivo de louvor terrestre ou compensação, o coração é tocado. Surge um senso de gratidão e a fé é despertada. Eles percebem o cuidado de Deus na vida dos Seus servos e, quando Sua Palavra é aberta, estão preparados para ouvi-la (p. 247).

Em seu estudo sobre estratégias de missões, McGavran (2005) descreve o evangelismo prático como “As Pontes de Deus”. Segundo ele, uma pessoa está tão intimamente ligada à sociedade em que vive, que, para alcançá-la com o evangelho, é necessário não apenas se parecer com eles, mas tornar-se um deles. Só então eles o ouvirão e acreditarão em você (p. 129). Para Henrichsen (1984), quando um homem

derrama o seu viver na vida de outros, quando partilha com eles as insondáveis riquezas do evangelho de Jesus e se envolve com seus problemas, ele se torna um coobreiro de Deus (p. 159).

Em qualquer lugar devemos tornar o evangelismo prático na nossa vida, reagindo com instinto de missão diante das necessidades das pessoas e dos seus dilemas e crises. Nossas palavras e testemunho interferem positiva ou negativamente no evangelismo. Quando assumimos que somos cristãos, muitos olhos se voltam para nós para comprovar a veracidade do cristianismo. McPhee (1978) explica que muitas pessoas estão à procura de amor, e não de uma religião (p. 56). Abdala (2009) recomenda que, na preparação do território para realizar uma campanha evangelística, três meses antes da proclamação da mensagem, deve ser feita uma pesquisa para descobrir as necessidades da comunidade. Em seguida, visando o atendimento a tais necessidades, a igreja deve realizar eventos sociais por meio de grupos de serviços, clubes de desbravadores, ADRA, pequenos grupos, etc. (p. 76).

A prática do evangelismo em atos de bondade e simpatia pode ser compreendida por todos, até mesmo por aqueles que não podem falar ou ouvir, pois é fruto da graça de Deus. De acordo com White (1948a), se o coração estivesse verdadeiramente transformado pela graça divina, uma transformação exterior seria vista por meio da sincera bondade, simpatia e cortesia. Segundo ela, Jesus nunca Se mostrou frio ou inacessível (p. 488). É esse tipo de evangelismo que Jesus praticou em Seu ministério e Sua ordem é: “Assim como o Pai Me enviou, Eu vos envio” (Jo. 20:21).

Modelos Contemporâneos

Estamos vivendo num mundo que está passando por grandes mudanças em tão pouco tempo e onde os padrões absolutos não têm tido espaço para sobreviverem. Muitos líderes religiosos têm adotado modelos contemporâneos como estilo de vida para as suas igrejas a fim de lidarem com os desafios do mundo moderno. Liderar essa geração, num contexto de rápidas transições, não é tarefa fácil. Roxburgh (como citado por Muzio, 2007) explica que as comunidades cristãs não estão familiarizadas com as profundas mudanças ocorridas nos últimos 25 anos no âmbito social e cultural. A consequência é evidente: nós, cristãos, não estamos preparados para transmitir o evangelho a esse novo universo que se forma em nosso redor (p. 12). Não tendo condições de usar métodos antigos em situações modernas, muitos líderes religiosos optam por modelos e métodos mais atraentes, inspirados nas modernas ciências da administração, do marketing e da sociologia, objetivando a conquista da credibilidade diante da cultura moderna. Segundo Stetzer (2002), muitas igrejas estão se envolvendo na cultura contemporânea de uma maneira bíblica e radical, tornando-se missionárias a uma geração pós-moderna (p. 150).

A seguir, serão analisadas três igrejas cujos modelos têm influenciado muitos líderes religiosos e mudado a história de várias congregações. São elas: Willow Creek Community Church, fundada por Bill Hybels, no subúrbio de Chicago; Saddleback Valley Church, fundada por Rick Warren, na região sudoeste da Califórnia; e New Hope Church, fundada pelo pastor adventista H. M. S. Richards, em 1917, na cidade de Laurel, em Baltimore. Será desenvolvida uma breve resenha dessas três igrejas, considerando o impacto de seus modelos nas comunidades locais e internacionais.

Willow Creek Church

Trata-se de uma igreja não denominacional e multicultural. Por não estar ligada a nenhuma outra denominação estabelecida, a sua doutrina, liturgia e estilo de adoração não são supervisionadas por outros líderes ou instituições religiosas, sendo independente e autônoma em sua liderança. Ela foi fundada no dia 12 de outubro de 1975 por Bill Hybels, nos subúrbios de Chicago, numa área de 155 acres, em South Barrington, Illinois. De acordo com Kamstra (1992) sua estratégia evangelística é descrita em sete passos:

1. Crentes constroem pontes para alcançar os não crentes.
2. Crentes partilham testemunho verbal com os não crentes.
3. A igreja providencia uma classe de estudo bíblico onde o não crente possa ouvir falar de Cristo Jesus.
4. A igreja providencia um culto onde os crentes possam glorificar a Deus e crescerem espiritualmente.
5. Membros participam de um Pequeno Grupo para comunhão e discipulado.
6. Membros participam no culto, usando seus dons espirituais.
7. Crentes aceitam que a mordomia é uma forma de discipulado e dar é uma forma de adoração.

Atualmente, a igreja tem 24 mil pessoas que frequentam os três cultos semanais (Community 101), além das classes realizadas às quartas-feiras para promover o crescimento espiritual de seus membros (New Community). As seguintes disciplinas fazem parte do currículo dessas classes: teologia bíblica, práticas espirituais, fé em ação e treinamento. A igreja afirma basear suas doutrinas na infalível Palavra de Deus. Sua liderança é dividida em três setores: (a) pastores que ensinam, (b) conselho de anciãos e

(c) uma equipe de líderes. Há seis regionais nos arredores de Chicago, cada qual com seus próprios ministérios, os quais abrangem todas as idades e atendem às várias necessidades das pessoas. O slogan é: “Uma igreja em vários locais.”

Em 1992, foi criado a Willow Creek Association com o objetivo de “alcançar um número crescente de pessoas perdidas”. Para isso, várias denominações foram conectadas visando à capacitação e à obtenção de recursos para os membros. Hoje, de acordo com a wikipedia.org, a Willow Creek Association conta com mais de 13 mil igrejas afiliadas, procedentes de 90 diferentes denominações e 45 diferentes países. Segundo Hybels (1995), para ser membro dessa associação, a igreja precisa de ter um “entendimento histórico e ortodoxo do cristianismo bíblico”. Desde 1995, a cúpula da liderança da Willow Creek Association se reúne anualmente, tendo como oradores pessoas de destaque na política, nos esportes, na indústria e na religião.

O serviço de adoração é realizado num imenso teatro, avaliado em 73 milhões de dólares, com capacidade para 7,2 mil pessoas. Para Stokes (2005), o auditório de Willow Creek Church é o maior teatro dos Estados Unidos, chegando a ser duas vezes maior que o teatro do Kodak, em Hollywood (p. 30). Nos finais de semana, há uma breve mensagem, acompanhada por uma variedade de músicas e uma encenação que dura, aproximadamente, dez minutos, cujo propósito é introduzir um tema, despertar o interesse ou levantar uma questão a ser respondida pelo pregador durante a mensagem. O louvor, apresentado por uma banda acústica ou uma pequena orquestra, inclui diferentes repertórios com variados estilos musicais. A audiência é de, aproximadamente, 17 mil pessoas nos finais de semana e 7 mil nas quartas-feiras. De acordo com Hybels (1995), nada se compara a uma igreja local que trabalha corretamente. A sua experiência em

Willow Creek Community Church convenceu-o, de uma maneira profunda, de que não há nada neste planeta que seja mais importante, mais estratégico e mais urgentemente necessário do que a igreja local. Ela transforma vidas, coração com coração... alma com alma... vida com vida. É por isso que a nossa maior necessidade é colocar o coração na causa de Cristo (p. 203).

Saddleback Valley Community Church

Situada na parte sudoeste da Califórnia, essa megagreja foi fundada pelo pastor Rick Warren e teve seu primeiro culto na páscoa de 1980, com 205 pessoas (a maioria nunca havia entrado num igreja antes). Em apenas 15 anos de existência, a igreja passou a contar com mais de 10 mil membros, dos quais 7 mil foram batizados como fruto do esforço evangelístico realizado pelo pastor Warren. Ele afirmou: “Nossa sanidade e sobrevivência dependem de desenvolvermos um processo funcional para tornar os pecadores em santos, tornar os consumidores em contribuintes, tornar os membros em ministros e tornar a audiência em um exército” (Warren, 1995, p. 46). Para a realização dessa façanha, Warren contou com a força propulsora da Grande Comissão de Jesus.

A igreja de Saddleback Valley Community tem mais de 200 ministérios, oito lugares de adoração, aconselhamentos, programas de suporte, estudos bíblicos, seminários, programas de evangelismo local e global, além de pequenos grupos que se reúnem nas casas. O objetivo de tudo isso é servir a igreja e a comunidade, realizando o sonho do pastor Rick Warren: plantar uma igreja que fosse um lugar onde os feridos, os deprimidos e os perturbados pudessem encontrar amor, aceitação, ajuda, esperança, perdão e encorajamento. O pastor Warren, em seu livro “The Purpose Driven Church”, motivou mais de 200 mil líderes de igrejas, ao redor do mundo, a focalizar seus ministérios em

cinco propósitos bíblicos para a igreja: (a) adoração, (b) comunhão, (c) discipulado, (d) ministério e (e) evangelismo.

A igreja de Saddleback oferece quatro tipos de classes para o aprofundamento espiritual dos seus membros:

1. Classe 10– Trata-se de uma introdução à família da igreja. Os assuntos estudados são: quem e o que é a igreja, as crenças da salvação, o propósito, a história, a estratégia, a estrutura e os planos para o futuro da igreja. No final, a pessoa decide se quer completar o processo de membro assinando um pacto.

2. Classe 20– Ajuda a desenvolver hábitos para o crescimento espiritual por meio do estudo diário da Bíblia, da oração, do ato de dizimar e da comunhão.

3. Classe 30– Ensina a usar os dons espirituais, o coração, as habilidades, a personalidade e a experiência concedida por Deus, visando o atendimento às necessidades dos outros.

4. Classe 40– Trata da missão de Deus para a vida do cristão. Cada pessoa é estimulada a fazer parte do plano de Deus a fim de alcançar o mundo com o evangelho (Warren, 1995, pp. 331-392).

Após vários anos de estudo na área de crescimento de igrejas, Warren (1995) descobriu um grande denominador comum em todas as igrejas que crescem, não importando o tipo de denominação ou a sua localização. Para ele, a liderança não pode ter medo de acreditar em Deus. Igrejas que crescem são lideradas por líderes que anseiam tal crescimento. São pessoas de fé que, mesmo em tempos difíceis, acreditam nas promessas de Deus. Esse é o segredo que está por trás de tudo o que tem acontecido em Saddleback Church. Warren declara: “Acreditamos nos grandes milagres de Deus e esperamos que

Ele nos use – pela graça, por meio da fé. Essa é a nossa escolha. Essa deve também ser a sua escolha” (p. 398).

New Hope Church

Essa igreja foi resultado de uma série de evangelismo realizada pelo pastor H. M. S. Richards, em 1917, na cidade de Laurel, em Baltimore. Houve muitas dificuldades no início, mas a igreja cresceu. Em 1934, a igreja concluiu a construção do próprio prédio. Em 1946, uma igreja maior foi comprada. Em 1968, a igreja ocupou um prédio ainda maior que foi construído pelos próprios membros. De 2002 a 2005, a igreja experimentou um grande crescimento, passando de 250 para 600 membros. Em 2006, devido ao crescimento, a igreja novamente foi transferida para uma área maior, na cidade de Fulton, Maryland. Nesse período, o Dr. J. David Newman era o pastor sênior e havia mais quatro pastores associados. O logotipo da igreja é uma folha verde com uma cruz que a corta ao meio, representando vida, crescimento e renovação. Newman (2008) explica que a missão de sua igreja é “amar as pessoas, conduzi-las a Cristo, fazê-las crescer espiritualmente e enviá-las como uma irresistível influência à sua comunidade” (para. 1).

O crescimento dessa igreja tornou-se evidente a partir do momento em que se investiu em ministérios. Há um pastor que trabalha na área da família capacitando, equipando e encorajando os pais na educação cristã de crianças e jovens. No sábado, as crianças têm a sua própria igreja onde cantam e fazem artes manuais, tornando a Bíblia viva. Os adolescentes se reúnem todos os sábados, das 9:30am às 10:30am, para classes bíblicas a fim de discutir questões concernentes aos problemas que enfrentam no dia a dia. Para os jovens, há muitas atividades recreativas e espirituais. Os visitantes são convidados a participar em um dos cultos oferecidos pela igreja, às 10:30am e às 12:15am. O culto

começa com um momento de louvor, por meio de músicas contemporâneas, incluindo movimentos do corpo em forma de dança litúrgica, Em seguida, todos participam do “Jardim de Oração” e assistem a um vídeo ou a uma encenação que visa introduzir a mensagem. O sermão é curto e enfatiza o otimismo e a esperança.

A New Hope Church tem um departamento de missão muito forte, denominado SOS (“Sharing Our Strength”), que abrange não somente a comunidade local, mas também nacional e internacional. Um exemplo das atividades desse departamento é o “Jardim da Esperança”, uma horta comunitária cultivada no terreno da igreja por uma equipe especial. O objetivo é oferecer alimentos frescos, por meio do *Food Bank*, a pessoas carentes. O departamento de oração da igreja oferece cinco programas especiais de intercessão: (1) guerreiros de oração, (2) pedidos de oração por meio do *facebook*, (3) momentos de oração ao meio-dia, (4) quartas-feiras de oração com crianças e adultos e (5) recursos de oração.

Métodos Contemporâneos de Evangelismo

Reid (1998) prognosticou que ferramentas e estratégias efetivas para o crescimento de igrejas nascerão no campo; líderes religiosos colocarão em prática métodos que já foram testados e aprovados, em vez de tentar descobrir ou criar novas abordagens; as igrejas que crescem marcarão o passo para o crescimento de igrejas e não os acadêmicos dessa área (p. 287).

Em vez de apresentar uma lista de princípios sobre crescimento de igreja, descreverei alguns dos métodos mais utilizados atualmente.

Evangelismo Relacional (*Oikos*)

De acordo com Arn e Arn (1998), o termo *oikos* significa “família” ou “um sistema social composto por pessoas relacionadas umas às outras por meio de laços comuns, tarefas e território” (p. 40). Em seu estudo, Sahlin (1990) observou que a maioria das pessoas vem à igreja por meio de familiares, colegas de trabalho e amigos (p. 50). Abdala (2009) disse que o objetivo do evangelismo relacional é preparar pessoas, cultivando relacionamentos intencionais com amigos, vizinhos, familiares e conhecidos, a fim de convidá-los aos pequenos grupos, reuniões evangelísticas, Escola Sabatina e cultos evangelísticos (p. 70). É o ato de propagar o evangelho a todos os que, de alguma maneira, relacionam-se conosco. Somos missionários de Deus e o nosso campo de trabalho não precisa ser um país distante, pois podemos nos envolver com os que estão ao nosso redor. Towns (1995) afirma que a nossa esfera de influência abrange a família, os parentes, os vizinhos, os colegas de escola e trabalho, e os amigos. Precisamos elaborar uma listagem com os nomes desses conhecidos que ainda não conhecem a Jesus; devemos orar por esses nomes e aproveitar toda a oportunidade para levá-los a Cristo (p. 405).

Para sermos bem-sucedidos no evangelismo relacional é preciso demonstrar amor às pessoas. White (1938) declarou que “um relacionamento amoroso para com as pessoas é o mais forte argumento em favor do cristianismo” (p. 100). Em seus estudos, Burrill (2003) observou que o relacionamento de bondade está no topo das quatro características das igrejas pesquisadas que mais crescem. Para ele, algumas igrejas adventistas são muito eficientes na prática do evangelismo relacional, enquanto outras estão desesperadamente precisando de ajuda nessa área (p. 72).

Em 2003, p. 201, Burrill falou que as pessoas desenvolvem três níveis de relacionamentos: com os conhecidos (pessoas que conhecemos e cumprimentamos publicamente), com os amigos (pessoas com quem passamos um tempo agradável e produtivo) e com os companheiros (pessoas bem próximas a nós – membros de família, cônjuge e amigos íntimos). São esses níveis de relacionamentos que merecem a prioridade no evangelismo, pois por meio deles muitos têm vindo para a igreja. Por isso, Thompson (1999) elaborou uma estratégia de sete estágios para alcançar pessoas em nosso círculo de influência: reavivar, identificar, orar, aproximar, ajudar, testemunhar e mentorear (pp. 30-34).

Evangelismo da Compaixão

É impossível fazer uma descrição do ministério de Jesus e do caráter de Deus sem usar a palavra compaixão. Em todos os Seus contatos com a miséria humana, Cristo demonstrou tal atitude. A Sua compaixão sempre foi demonstrada de uma maneira integral, incluindo os aspectos físico (Mc. 8:2), espiritual (Mc. 6:34), emocional, psicológico e social (Mc. 5:21-43). Assim como Cristo, em Seu ministério, restaurava completamente as pessoas, todo cristão deve responder às necessidades integrais do ser humano com genuína compaixão. De acordo com a Bíblia, o exercício da compaixão é fundamental no processo de julgamento final do ser humano. O cristão deve alimentar os famintos, dar água ao sedento, vestir o nu, hospedar o forasteiro, cuidar dos enfermos e visitar os presos. Muitos se perderão por não terem exercido a compaixão (Mt. 25:31-46). A compaixão possui o poder de atrair pessoas a Cristo e, segundo Samaan (1999), somente pode ser exercida porque Deus está em nós (p. 38).

Para que possamos ser ouvidos, devemos demonstrar compaixão a cada ser humano em suas mais variadas necessidades. White (1948a) observou que os servos de Deus devem primeiro atender às necessidades temporais e, então, encontrarão uma avenida aberta para que as boas sementes da virtude e da religião sejam plantadas no coração (p. 227). Em seu estudo sobre os ministérios da compaixão, Sahlin (1994) elaborou uma lista com 94 tipos de serviços por meio dos quais podemos demonstrar compaixão à comunidade. Eis alguns exemplos: socorrer os desabrigados, ajudar os desempregados na procura de um trabalho, alimentar os famintos, atender aos portadores da AIDS, promover programas de saúde, prestar assistência a refugiados e imigrantes, auxiliar as pessoas que moram nos centros das grandes cidades e ajudar nas ações da comunidade (p. 42).

O evangelismo de compaixão não deve ser um programa elaborado e votado, mas deve ser um serviço que emana do coração de uma pessoa comprometida com Deus e com o próximo. Esse serviço tão necessário está em falta no mundo e na igreja. Antes de cada programa realizado pela igreja, é preciso que haja paixão e compaixão pelas pessoas, pois a eficácia do testemunho que damos em favor de Jesus está baseada no que Ele fez por nós e no que estamos dispostos a fazer pelo nosso semelhante. White afirmou que a falta de compaixão do homem para com o homem é o nosso maior pecado (White, 1942, p. 249). A igreja primitiva usava duas maneiras a fim de alcançar pessoas para Cristo: proclamavam as boas-novas de salvação (*Kerigma*) e cuidavam das necessidades físicas dos novos crentes (*Koinonia*). Stedman (1976) comenta que os pagãos rejeitaram as boas-novas, interpretando-as como uma outra ideia ou filosofia, mas não puderam facilmente ignorar os resultados visíveis de cada ato de compaixão dos cristãos (p. 108).

Sjogren (2001) mostrou 10 projetos de cortesia que podem ser realizados na comunidade como: limpeza de parques públicos; coleta de roupas, sapatos e alimentos para famílias carentes; visita a hospitais, asilos e prisões; lavagem, troca de óleo e conserto grátis de carro; limpeza de jardins; auxílio em mudança residencial; envio de cartões de aniversário; limpeza de banheiros públicos; verificação de pressão arterial e palestras sobre saúde. A compaixão é um idioma universal que todos entendem e apreciam. Ela é capaz de quebrar os muros do preconceito, apagar as chamas da ira e formar laços de entendimento. Segundo White, “se fôssemos bondosos e corteses, haveria 100 conversos à verdade onde hoje há apenas um” (White, 1909, p. 189).

Evangelismo Por Meio da Mídia

A tecnologia pode nos elevar ou nos corromper. Os meios de comunicação que temos hoje são tão variados, eficientes e abrangentes que estão sendo usados com muito sucesso para alcançar milhares de pessoas para Cristo. Hadden e Swann (1981) afirmam que o primeiro evangelismo usando tecnologia foi feito por meio do rádio em Chicago, em 1922, pelo pastor Paul Rader (pp. 73-75). Em 1988, já havia mil estações de rádios com programas religiosos em todos os Estados Unidos. Em seu estudo, Terry (1994) observou que, em 1958, os Estados Unidos tinham mais aparelhos de televisão do que famílias. Segundo ele, o primeiro pregador a evangelizar por meio da televisão foi Fulton J. Sheen, um bispo da igreja Católica. Entre 1970 e 1980, os pastores Oral Roberts, Rex Humbard e Robert Schuller acumularam mais de sete milhões de audiência, com 200 estações de televisão transmitindo programas religiosos (p. 202).

Hoje, enfrentamos uma explosão nos meios de comunicação envolvendo as redes sociais em suas múltiplas formas. Kietzmann, Hermkens e Silvestre (2011) explicam que

a web 2 (duas vias de comunicação) tem trazido uma grande mudança na comunicação entre organizações, comunidades e indivíduos (p. 241). De acordo com Kaplan e Haenlein (2010), há seis diferentes tipos de mídia social: projetos colaborativos (exemplo: Wikipédia), blogs e microblogs (exemplo: Twitter), conteúdos de comunidade (exemplo: YouTube), social networking sites (exemplo: Facebook), mundo virtual de jogos (exemplo: World of Warcraft), mundo social virtual (exemplo: Second Life). A tecnologia também inclui: picture-sharing, vlogs, wallpostings, e-mail, instant messaging, music-sharing, crowd sourcing, voice over IP, etc. Muitas dessas mídias sociais podem ser integradas com a social network aggregation platforms (pp. 59-68).

Para Nielsen (2010), nos Estados Unidos, o uso das redes sociais ocupam 22% do tempo utilizado na internet. Um total de 234 milhões de pessoas, acima de 13 anos, usaram celulares, em dezembro de 2009. Nesse mesmo período, o Twitter processou mais de um bilhão de tweets, equivalente a uma média de 40 milhões de tweets por dia. Mais de 25% de visualização de página na internet ocorreram em um dos melhores sites de redes sociais. Em 2010, o número de usuários de redes sociais, acima de 65 anos, cresceu 100%. De cada quatro pessoas nessa faixa etária, um está ligado às redes sociais. Em junho de 2011, de acordo com Kincaid (2011), o Facebook tinha 750 milhões de usuários. Essas ferramentas tecnológicas têm sido utilizadas no evangelismo de diversas maneiras.

Evangelismo de Expansão (Série de Colheitas)

Cristo Se preocupa com a expansão de Sua igreja e nos lembra de que deve haver colheita abundante (Mt. 9:37, 38). Mesmo com poucos trabalhadores, é possível realizar uma grande colheita, pois Jesus nos prometeu o poder do Espírito Santo. Segundo Wilson (2008), uma igreja deve estar focalizada na prioridade de Deus que é transformar

indivíduos perdidos em verdadeiros discípulos (pp. 14-18). White (1979) destaca que a própria vida da igreja depende de sua fidelidade no cumprimento da missão que o Senhor lhe confiou. Negligenciar essa obra é convidar a fraqueza e a decadência espirituais. Onde não há ativo trabalho em benefício de outros, o amor diminui e a fé definha (p. 825).

No processo de colheita, há uma lei que não podemos esquecer. De acordo com o apóstolo Paulo, só colhemos o que plantamos (Gl. 6:7-10). Wilson (2008) expande esse princípio e apresenta três elementos da colheita (pp. 34-39):

1. A colheita é um processo: se hoje uma pessoa é batizada, é porque alguém plantou e cultivou a semente do evangelho ontem. São necessários, pelo menos, sete contatos para que uma pessoa esteja preparada para decidir mudar de vida.

2. A colheita é uma consequência: se você não planta nada, não vai colher nada, pois a colheita resulta do ato de plantar e cultivar. Isso pode ser feito por qualquer um e em qualquer lugar, sem instruções de evangelistas.

3. A colheita é o esforço de uma equipe: quando falamos de evangelismo, nomes de evangelistas famosos vêm à mente. No entanto, no verdadeiro evangelismo, cada pessoa tem uma parte muito valiosa a executar. Paulo afirma que alguns plantam, outros regam, mas Deus é quem dá o crescimento (1 Co. 3:6, 7).

Em 2009, Abdala abordou a questão do evangelismo de curta duração como um processo de colheita. O propósito desse tipo de evangelismo é apressar a decisão daqueles que já tiveram contato com as doutrinas adventistas por meio de estudos bíblicos, escola sabatina, televisão, rádio, etc. A vantagem desse método é que ele proporciona ao evangelista a oportunidade de trabalhar em mais lugares (p. 98).

A igreja deve estar localizada onde há pessoas necessitadas de Deus. A cada dia entramos em contato com uma farta colheita que é a nossa vizinhança, nosso ambiente de trabalho ou da escola, nossos familiares, parentes e amigos. Muitos, talvez, não aceitarão um estudo bíblico, mas, certamente, aceitarão um ato de bondade. Como Wilson (2008) comentou, “a jornada de milhares de milhas começa com um simples passo”, assim também é com o caminho para o Céu. Portanto, devemos explorar algumas interessantes maneiras para que, como indivíduos e como igreja local, façamos uma grande colheita.

Evangelismo de Extensão (Plantio de Igrejas)

Em 2006, Hirsch afirmou que, desde o princípio, Deus colocou dentro de nós um senso de missão para que evangelizemos aqueles que estão fora da igreja. Temos a obrigação de alcançar grupos de pessoas em nossa cidade (p. 31). Wagner (1987) fez uma categórica afirmação sobre o princípio de crescimento de igreja: “Plantar novas igrejas é o método evangelístico mais efetivo conhecido debaixo do céu” (p. 168). Evangelismo de extensão, segundo Pointer (1984), consiste em evangelizar pessoas de cultura similar à dos membros da igreja e, por conseguinte, nutri-los em uma nova congregação, formando uma nova igreja (p. 152). Essa é, na verdade, uma estratégia fundamental no crescimento de igreja que tem sido ignorada pela maioria das denominações. Stetzer (2006) observou que o objetivo do plantio de igrejas é alcançar todas as pessoas. Não importa sua filosofia de vida, sua idade ou sua raça. Precisamos compreender o complexo material do qual a sociedade é tecida, sem qualquer receio ou temor. Necessitamos, pelo menos, aprender a respeito dos componentes de nossa comunidade e adaptar nossa aproximação sem ferir os princípios do evangelho, alcançando o pecador da maneira mais eficiente possível. Isso é o básico para o plantio de igrejas missionais (p. 15).

O plantio de igrejas foi definido por Malphurs (2011) como um exaustivo processo e, ao mesmo tempo, como uma excitante aventura de fé. Esse planejado processo de inaugurar e fortalecer uma igreja está baseado na promessa de Cristo de construir Sua igreja, em obediência à Grande Comissão. Jesus é o verdadeiro fundador da igreja (Mt. 16:18). Embora essa ideia de plantar igrejas seja do próprio Cristo, Ele nos permite desfrutar a satisfação de fazer parte desse processo (p. 3).

Malphurs também cita que o plantio de uma igreja é comparado ao nascimento de uma criança – as duas passam pelos mesmos estágios. Por isso, é importante compreender e seguir cada etapa do desenvolvimento para que a futura igreja não pereça. O primeiro estágio é o da concepção. É quando surge a ideia de plantar uma igreja. Durante esse estágio, os vários eventos que acontecem tornam-se fundamentais à futura igreja. Em seguida, há o estágio do desenvolvimento, em que ocorre o recrutamento de pessoas que formarão a base da nova congregação. Há também o estágio do nascimento. É nesse momento que se define quando, como e onde será plantada a igreja. O outro estágio é do crescimento. A igreja, depois do seu nascimento, precisa crescer espiritualmente saudável, segundo os princípios bíblicos.

Por último, existe o estágio da reprodução, cujo objetivo não se resume apenas no plantio de uma nova igreja. É imperativo que uma igreja saudável se reproduza, pois, quanto mais igrejas, maior é a esperança de alcançar mais pessoas para Cristo (Malphurs, 2011, pp. 107-111).

Para igrejas que estão no platô do comodismo ou em processo de morte, a única maneira de continuar vivendo é plantar outras igrejas, estendendo o reino de Deus por meio de outras culturas e de outras raças, em cumprimento ao mandato de Jesus para

pregar o evangelho a todo o mundo. Para que o plantio de novas igrejas seja uma realidade, é necessário que se estabeleça alvos acima da capacidade e recursos humanos. Embora, sob o ponto de vista humano, isso pareça impossível, com o poder do Espírito Santo tudo será possível (Fp. 4:13).

CAPÍTULO IV

EVANGELISMO CONTÍNUO NA IGREJA DE NEW BEDFORD, MASSACHUSETTS

Este capítulo analisará os resultados do estudo sobre a igreja de New Bedford nos últimos cinco anos. Além de seu relato histórico, será revelado o grau de envolvimento dos membros nos departamentos da igreja e na comunidade. O estudo, que foi realizado da maneira mais acurada possível, evidencia as fraquezas e o potencial de crescimento dessa igreja. Tal conhecimento possibilitará a realização de mudanças, visando à correção de problemas que a igreja tem enfrentado e permitindo que ela volte a crescer em quantidade e qualidade.

De acordo com Ammerman, Carroll, Dudley e McKinney (1998), precisamos compreender onde estamos para saber aonde vamos (p.10). Conhecer a real situação da igreja é, na verdade, compreender a sua identidade; somente com a análise dos dados em mãos, em espírito de oração, podemos, como líderes, descobrir soluções para conduzir a igreja a uma mudança de direção e à ênfase na missão (Mt. 28:19).

Woolever e Bruce (2002) declaram que conhecer é diferente de fazer. Qualquer mudança só acontece quando unimos o conhecimento à devida ação (p. 6). Newsletter Training Terms (2001, January, p. 85) mostra o resumo de Lewin numa frase: “Não existe ação sem pesquisa e nem pesquisa sem ação”. E a revista MARC newsletter (August, 1972, p. 3) faz a significativa pergunta: “De que maneira nós, cristãos, podemos ser efetivos mordomos dos recursos, ou tomar decisões que honrem a Deus, ou comunicar o evangelho de uma maneira inteligente, quando estamos diante de informações

desconhecidas?” Assim como o próprio crescimento da igreja, esse tipo de avaliação deve ser frequente e natural.

Breve História da Igreja de New Bedford

De acordo com Wind (1993), há momentos em que todas as igrejas devem refletir sobre quem elas são e onde têm estado, a fim de entender para onde estão indo (p. 2). É importante que a igreja pesquise, crie e apresente a sua história. Quatro décadas já se passaram desde que a igreja de New Bedford foi iniciada. Um grupo de 116 imigrantes, vindos de Portugal, Cabo Verde e Brasil, que frequentavam uma igreja hispana localizada em Acushnet, MA, resolveu, com seus próprios recursos e mão de obra voluntária, construir uma igreja que refletisse a sua cultura. Depois de um ano e meio de intenso trabalho, em maio de 1962, a obra foi concluída e o sonho realizado. A igreja, com capacidade para 350 pessoas e com um custo total de \$124,979.00, foi dedicada a Deus sem nenhum débito. Em 49 anos de existência, a igreja de New Bedford teve oito pastores, numa média de seis anos para cada pastor. Donald Mansel foi o primeiro pastor dessa igreja. Em seguida, Mansel foi substituído pelo pastor Leonardo Westphals que veio do Brasil e falava a língua portuguesa e inglesa.

Embora os membros fossem imigrantes de Portugal, Cabo Verde e Brasil, eles viviam há muitos anos na América do Norte, por isso a maioria apresentava fluência no inglês. Portanto, até março de 1968, os serviços da igreja eram realizados em inglês. Mas, devido ao aumento do número de imigrantes brasileiros e cabo-verdianos que não falavam bem o inglês, dois serviços de culto foram iniciados: o primeiro das 9:00am às 10:00am, em português, e o outro das 11:00am às 12:00pm, em inglês. Nesse período de seis anos, de maio de 1962 até março de 1968, a igreja de New Bedford era chamada de

Portuguese-American SDA Church. A partir de março de 1968, a igreja teve seu nome trocado para Rockdale SDA Church. Após alguns anos, o nome foi alterado pela última vez e a igreja passou a ser conhecida como New Bedford SDA Portuguese Church.

Em 1968, o Pastor Westphals, numa campanha evangelística, batizou 23 pessoas. Em 1975, um grupo de 13 pessoas saiu para fundar uma nova igreja na cidade de East Providence, RI. Atualmente, essa igreja está localizada em Seekonk, MA, e possui 80 membros. Em 1977, houve outra grande campanha evangelística na cidade de New Bedford, mas nenhum batismo foi registrado. Em 1978, a igreja enfrentou um sério problema doutrinário com um grupo chamado Brunch. Em 1983, o Pastor Arthur Oliveira lançou um programa de televisão chamado “Uma Luz no Caminho”, que existe até hoje. Desde o ano 2000, quando uma família se mudou para a cidade de Palm Coast, na Flórida, outras famílias começaram a mudar também e, conseqüentemente, a igreja de New Bedford passou a ser uma comunidade em movimento.

De fato, segundo Wind (1993, p. 4), as comunidades mudam. Enquanto algumas pessoas saem de nossa comunidade, outras entram. A igreja de New Bedford, nos últimos 10 anos, tem refletido muito bem essa realidade. Devido à aposentadoria, ao clima mais quente e aos preços bem mais baixos das residências, cerca de 38% dos membros se mudaram para a Flórida. Outros 10% dos membros voltaram para o país de origem por causa da crise financeira e da falta de documentação para viver legalmente nos Estados Unidos. Os estudos e as novas oportunidades de trabalho levaram outros 5% dos membros a se mudarem para outros estados da América. Em compensação, houve um acréscimo de 23% dos membros devido à busca por melhores trabalhos e salários.

Essas transferências de membros foram tantas que deixaram marcas profundas e transformaram as características da igreja de New Bedford. Sua identidade foi fortemente afetada, tornando-se irreconhecível para os antigos membros. No ano de 2008, um programa de evangelismo contínuo foi realizado em todas as igrejas da Southern New England, inclusive a igreja de New Bedford, resultando no maior batismo da história da igreja – 52 pessoas foram acrescentadas ao rol de membros do distrito.

Os oito pastores que passaram pela igreja de New Bedford, nestes 49 anos de existência, estabeleceram novas igrejas nos Estados Unidos e em outros países; mantiveram programas de televisão e rádio; criaram serviços para atender às necessidades da comunidade; fortaleceram a educação cristã, providenciando meios de transporte, recursos financeiros e manutenção à Escola do Cedar Brook; realizaram grandes campanhas evangelísticas na cidade; e promoveram acampamentos anuais de famílias, envolvendo todas as igrejas de língua portuguesa. Dessa forma, a igreja de New Bedford – a primeira igreja de língua portuguesa da América do Norte – tornou-se um modelo de igreja e missão para as igrejas em crescimento.

Perfil Demográfico da Igreja de New Bedford

De acordo com Miller e Hoffman (1995, p. 63), a maioria dos movimentos tem um número de mulheres substancialmente maior do que o número de homens. Sahlin (2003, p. 30) confirma que esta é uma realidade nas igrejas adventistas. A igreja de New Bedford é composta por 58% de mulheres e 42% de homens. Do total de membros, 67% são casados do primeiro casamento, 2% são pessoas que contraíram matrimônio após uma experiência de divórcio; os viúvos representam 1% e os solteiros 30%. A média de idade dos membros é de 34 anos e 8% dos membros estão acima de 60 anos. Há 2% de casais

sem filhos e 1% de pais solteiros; a média é de dois filhos por casal. Quanto ao salário anual, 54% recebem entre \$25,000 a \$49,999 e 12% recebem acima de \$50,000 (Veja figura 1).

Apesar de ser uma comunidade em movimento, 18% dos membros estão na igreja por mais de 25 anos e 8% frequentam-na desde o nascimento; a quantidade de membros que moram entre 15 minutos a uma hora da igreja é de 25%. Quanto ao grau de escolaridade, 22% são graduados e 48% concluíram o Ensino Médio. Aproximadamente 61% estão empregados e 2% desempregados. Os imigrantes possuem a característica de trabalhar muito e, portanto, não têm tempo para estudar. Os que estudam em tempo integral representam 5% dos membros; 4% trabalham em casa devido a filhos pequenos e 3% são aposentados. (Veja figura 2).

De acordo com Woolever e Bruce (2002), os imigrantes encontram na igreja uma ponte para sua sobrevivência em um novo país (p. 22). As diferenças culturais são um tesouro presente em nossa igreja; diferentes tipos de expressão e costumes se evidenciam em todas as suas atividades. Com a capacitação do Espírito Santo, todos os membros lutam para manter uma saudável diversidade cultural dentro da mesma igreja, o que é essencial para um crescimento contagioso da comunidade. Segundo Lewis e Cordeiro (2005), dar atenção especial às diferentes culturas presentes na igreja influencia tudo o que fazemos ou dizemos, assim como a maneira como escolhemos e apresentamos os programas e a forma que usamos para eleger e treinar líderes (p. xxi). Esse é o perfil da igreja adventista de New Bedford.

Para Bull e Lockhart (1989), quase todos os principais grupos étnicos estão representados na igreja adventista americana (p. 273). De igual maneira, a igreja de New

Bedford reflete não somente a realidade da cidade onde está localizada, mas também a situação da igreja apostólica e a própria identidade adventista na América do Norte, pois ela é formada por 4 diferentes culturas: portuguesa (57%); brasileira (22%); cabo verdiana (20%); e hispanos (1%). A igreja de New Bedford é considerada uma igreja multicultural, pois cada grupo étnico tem seus representantes em sua liderança (Veja figura 3).

Figura 1

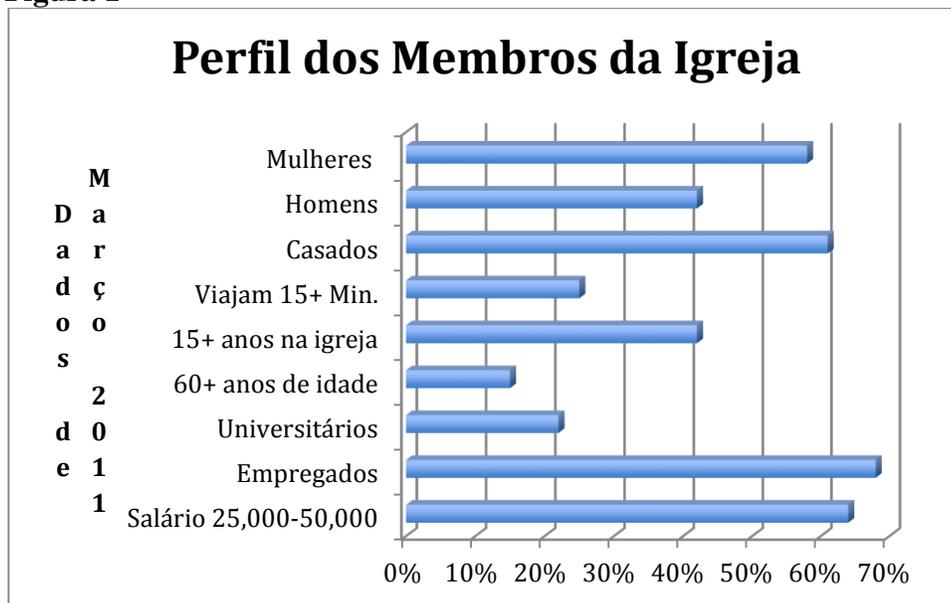


Figura 2

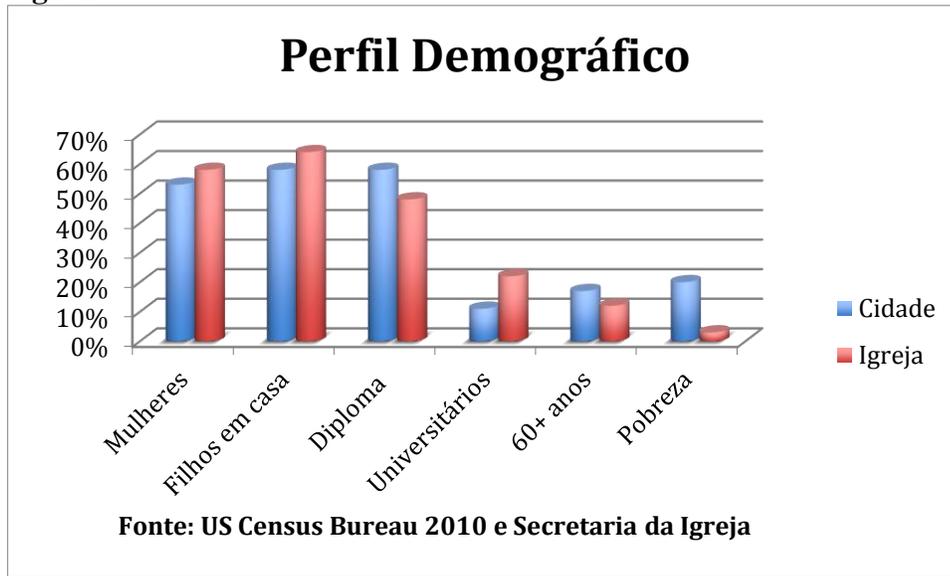
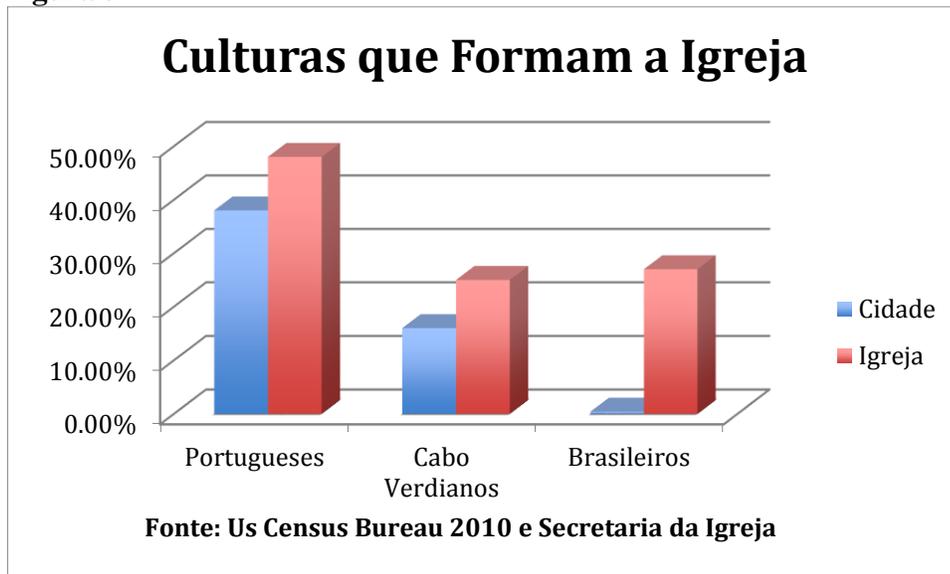


Figura 3

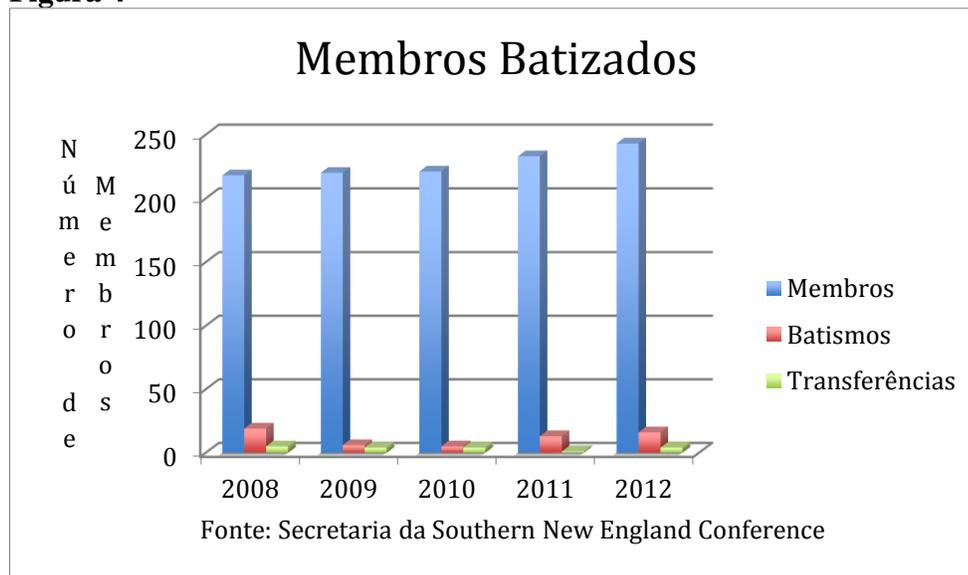


Desenvolvimento da Igreja de New Bedford

Analisar estatisticamente o desenvolvimento de uma igreja significa conhecer os problemas que ela enfrenta e as suas principais causas. Tal análise é fundamental para a

resolução de problemas e para o avanço no crescimento. Para acompanhar o crescimento ou o declínio de uma igreja, é preciso comparar, por meio de dados, o quantitativo de membros de um ano para outro e fazer a devida avaliação (Veja figura 4). De acordo com Bowman (1987), analisar avaliativamente uma igreja é como exercitar o corpo, comer bem e escovar os dentes. Segundo ele, embora saibamos a importância de tudo isso, sempre adiamos ou deixamos de fazer (p. 1). Até hoje, a igreja de New Bedford tem adiado a importante tarefa da avaliação. Por isso, estudaremos o seu desenvolvimento durante os últimos cinco anos e tentaremos compreendê-la da maneira como ela jamais foi conhecida.

Figura 4



Nota: São fontes de batismos: a televisão, com 28 chamadas por mês; o Food Bank, com 1150 pessoas atendidas mensalmente; os cultos de oração, com a média mensal de 8 visitas. Quanto aos batismos acima apresentados, 80% resultam de pessoas que procuram a igreja.

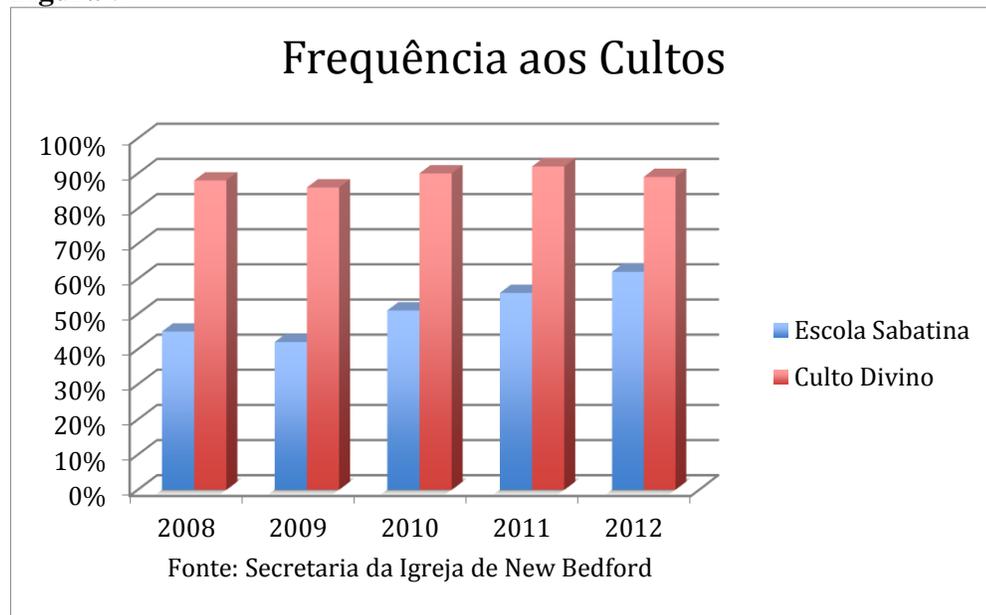
Frequência aos Cultos

Harper e Metzger (2009) afirmam que, embora Deus seja onipresente, Sua presença só pode ser plenamente experimentada se o Seu povo se reunir num lugar específico (p.

93). Mesmo vivendo diariamente debaixo da nuvem e do pilar de fogo, elementos representativos da presença de Deus, o povo de Israel adorava a Deus no santuário e, mais tarde, no templo (Êx. 25; Lv. 16). Cremos que a igreja de New Bedford é um exemplo de lugar designado por Deus para que o Seu povo O adore. Mas, embora constem 209 membros ativos na lista oficial, a assistência média na Escola Sabatina é de 22% no início do programa, às 9:30am, chegando a 78% até o término das atividades em classe e o início do culto divino, que começa às 11:00am (Veja Figura 5).

Em anos recentes, Sahlin (2003, p. 11) indicou que a frequência no louvor tem sido a melhor maneira de medir o crescimento e a vitalidade de uma igreja (p. 8). Segundo Sahlin (1997), há igrejas centralizadas apenas em programas (program-centered). Essa tem sido uma realidade na igreja de New Bedford. Infelizmente, muitos vão à igreja com um senso de obrigação, sem espontaneidade ou prazer. As pessoas apaixonadas por Jesus estão desaparecendo das igrejas. Na noite de cada domingo temos um culto evangelístico onde somente 28% dos membros estão presentes. Às quartas-feiras, no culto de oração, apenas 39% dos membros participam. Para White (1985), houve uma negativa mudança nos hábitos e costumes do povo em relação ao culto religioso. As coisas sagradas e preciosas, destinadas a prender-nos a Deus, estão quase perdendo a sua influência sobre nosso espírito e coração, sendo rebaixadas ao nível das coisas comuns (p. 193).

Figura 5



Perfil Financeiro da Igreja de New Bedford

De acordo com Sahlin (2003), dois terços das igrejas locais dizem que a sua situação financeira é excelente ou boa (p. 76). Nessa questão, a igreja de New Bedford apresenta boa situação, pois muitos dos seus membros, como bons imigrantes, antes de partirem de sua terra de origem, por sua fidelidade a Deus ou pela expectativa de garantir a provisão necessária no novo país, fizeram o mesmo voto que Jacó fez quando fugia do seu irmão Esaú para uma terra distante: “De tudo o que me deres, certamente Lhe darei o dízimo” (Gn. 28:22). Esse compromisso de fidelidade a Deus tem garantido, através dos anos, a estabilidade da igreja no nível chamado de “Plateau”, como mostrado no gráfico abaixo. Sahlin (2003) explica que os pastores adventistas pregam mais sobre o dízimo aos seus membros do que os pastores de outras denominações (p. 78).

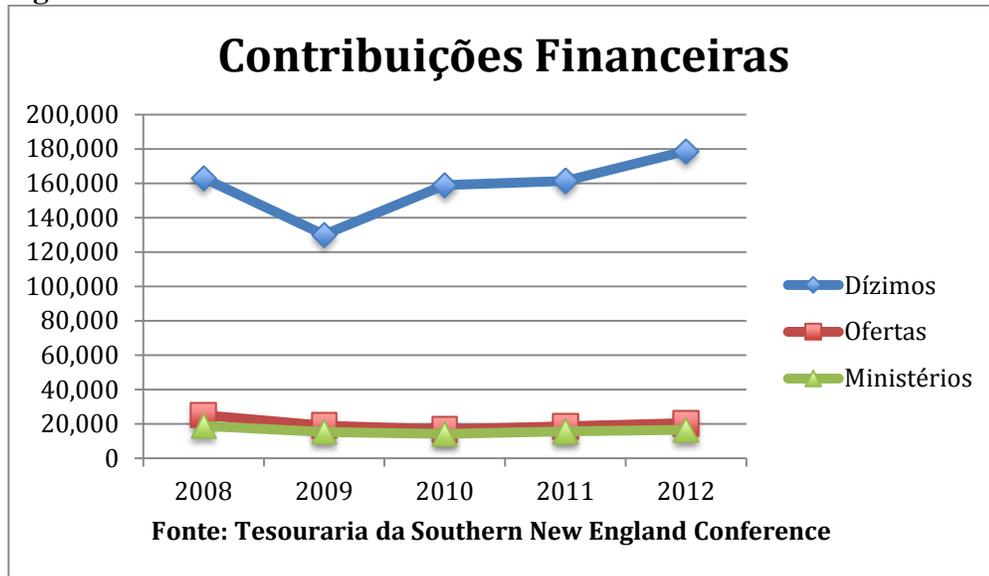
Creio que essa é a razão pela qual a igreja de New Bedford tem se mantido firme por mais de cinco anos. Embora, nesse período, tenhamos perdido muitas famílias que

auxiliavam financeiramente a igreja, vieram outras que continuam ajudando, por exemplo, na manutenção do programa de televisão, cujo custo anual é de \$ 12,000, sendo que a Conference nos ajuda com 50% desse total. Muitos cooperam com o Food Bank, cujas despesas anuais giram em torno de \$ 1,800; e colaboram com \$ 2,400 por ano, destinados à educação cristã. Visando a promoção de programas para jovens e crianças, os membros colaboram com \$ 3,200 anuais. Além disso, o evangelismo local recebe o auxílio anual de \$ 800,00. O investimento total da igreja para a realização de suas atividades anuais giram em torno de \$ 14,200.00 (Veja figura 6). A maioria dos membros da igreja de New Bedford continua sendo fiel a Deus, amando Sua igreja e cooperando generosamente com suas doações (Veja figura 6.1).

Figura 6



Figura 6.1



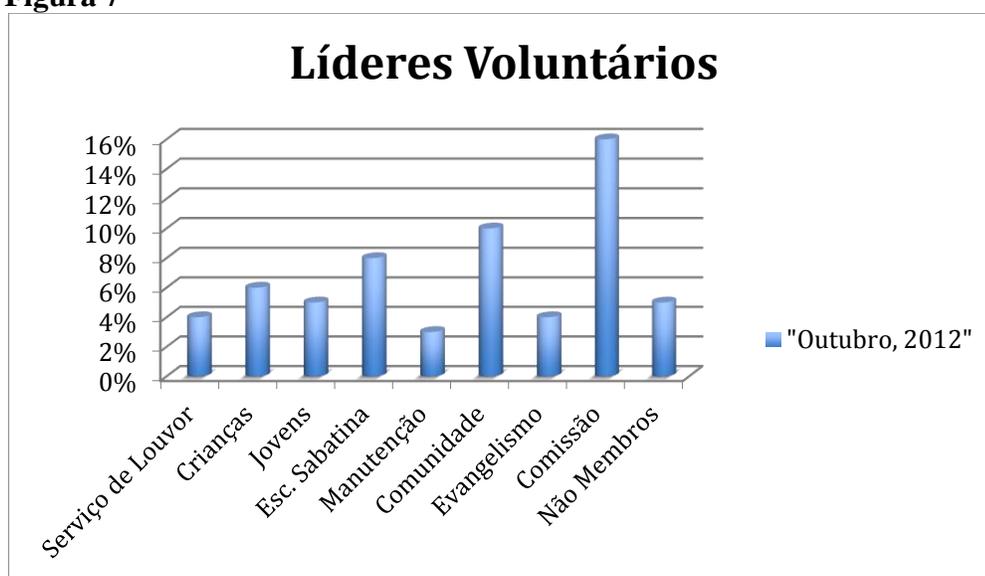
Os líderes da Igreja

A Igreja Adventista do Sétimo Dia é uma das únicas denominações que tem a maioria dos seus líderes servindo nos ministérios como voluntários (Sahlin, 2003 p. 75). Em contrapartida, tem se tornado comum nas outras denominações o pagamento de líderes para o exercício ministerial. Será que essa estratégia de liderança voluntária na Igreja Adventista do Sétimo Dia a tem colocado em situação de desvantagem em relação às outras denominações? A resposta é não, pois não há diferença de crescimento em relação às outras denominações não adventistas que têm dobrado o número de líderes pagos para ministrarem nas igrejas. Quanto aos pastores pagos pela igreja, a situação é a mesma das demais congregações não adventistas.

A igreja de New Bedford é parte de um distrito composto por três igrejas, embora só tenha um pastor. Todos os ministérios que a igreja usa para alimentar espiritualmente os membros e alcançar a comunidade são liderados por pessoas voluntárias. No serviço de louvor e som estão envolvidos 4% dos membros; no ministério infantil, 6%; no

departamento de jovens, 5%; na Escola Sabatina, 8%; na manutenção, 3%; no serviço comunitário, 10%; no evangelismo e televisão, 4%; e na tomada de decisões eclesiais, 16% dos membros participam. Há aqueles que lideram, mas não gostam de participar das reuniões de comissão (3%) (Veja Figura 7). Existem também líderes que, embora não ocupem um cargo específico na igreja, lideram pela influência espiritual, social e comunitária. Isso também faz a diferença na vida da igreja.

Figura 7



Como Obtive Uma Visão Geral do Desenvolvimento da Igreja?

Para adquirir uma visão total do desenvolvimento de uma igreja é necessário mergulhar no seu interior e navegar na sua história, coletando dados, ajuntando materiais e fazendo perguntas. O melhor momento para o início desse processo de identificação é no sábado de manhã. À entrada da igreja, é possível perceber o que os membros fazem, o que dizem e como se comportam. Em seguida, iniciamos o processo de investigação a fim de compreendermos a razão para o comportamento de cada membro. Apesar de

exaustivo, é um trabalho compensador, pois, clareando a identidade da igreja, fortalecemos a identidade dos membros, tornando-os ainda mais úteis à igreja e à comunidade.

Estudo de Campo

Este é um estudo qualitativo que busca desenvolver um modelo missional de evangelismo contínuo. A igreja tem que ser, por natureza, relevante para o lugar onde está instalada. A comunidade na qual a igreja está inserida deve ser beneficiada por nossas atividades. É preciso conhecer as pessoas, os seus costumes, a sua diversidade cultural e as suas necessidades. A pergunta do cristão não deve ser onde moro; mas por que moro ali? (Fl. 2:5). De acordo com Holt (2007), Deus nos fala por meio da comunidade; assim, conhecer a comunidade em que a igreja está localizada ou onde residimos é um dos primeiros textos da nossa vida diária, através do qual Deus nos fala (p. 103, 104). Não basta conhecer as pessoas da nossa comunidade; temos que estar presentes na vida delas. Isso significa conhecer de uma maneira encarnacional o campo no qual a igreja está estabelecida. McNeal (2009) declara que a igreja que se torna missional muda o seu foco de interno para externo, ou seja, procura atender às pessoas que precisam de ajuda e salvação. Quando a igreja investe sua energia, tempo e dinheiro no foco externo, ela prova a razão da sua existência (p. 6). Para White (1958a), Deus deseja que reconheçamos a divina superintendência manifestada em preparar campos de trabalho e o caminho para que esses campos sejam ocupados com êxito (p. 65).

A Importância do Estudo

Apesar de todos os ministérios da igreja de New Bedford estarem funcionando, não estão produzindo resultados em termos de estilo de vida encarnacional na comunidade. Rainer (2005) declarou que “95% das igrejas na América do Norte fazem programas somente para os seus próprios membros”, o que ele considera como sendo “o quarto pecado cometido por uma igreja em declínio”. A igreja de New Bedford tem líderes e recursos, mas somente 2% dos membros relataram a participação em alguma atividade missionária fora da igreja; aproximadamente, 72% participam somente de atividades dentro da igreja. É preciso que a igreja saia da zona de conforto e vá até onde estão os sofredores e os perdidos, pois muitos nunca terão condições de virem por si mesmos. De acordo com Guder et al. (1998), a igreja existe como uma comunidade, uma serva e uma mensageira do reino de Deus no meio de outros reinos, comunidades e poderes que tentam moldar nosso entendimento da realidade; a igreja missional deve ser como um apóstolo cuja missão é proclamar o Reino de Deus (p. 110).

Esse projeto qualitativo tem como objetivo mudar a estratégia esporádica de evangelismo na forma de eventos, programas comunitários, atividades sociais e treinamentos semanais, em um processo missional de discipulado contínuo. Trata-se de um projeto muito significativo, pois abrange os membros da igreja de New Bedford, envolvendo-os em contínua oração, contínuo estudo da Bíblia; contínuo testemunho e contínuo serviço à comunidade. O objetivo é reacender a paixão por evangelismo e manter esse fogo ardendo a fim de que pessoas sejam alcançadas para Cristo Jesus. Indubitavelmente, membros inativos serão transformados em discípulos comprometidos. McNeal (2009) declarou que uma igreja atracional sempre gera membros que participam

com dinheiro, orações e talentos. O foco está naquilo que acontece dentro da igreja. Mas uma igreja missional gera missionários que se sacrificam para servir às pessoas (p. 54).

Método Usado no Evangelismo Contínuo em New Bedford

No evangelismo contínuo, a metodologia tem que ser missional. Foi realizado, na igreja de New Bedford, um seminário de treinamento com oito classes, duas vezes por semana, durante um mês. Nesses treinamentos focalizamos a importância de uma vida de oração no evangelismo contínuo; realçamos a necessidade de um encontro pessoal com Cristo e da aceitação do Seu chamado; ensinamos os métodos usados por Cristo e motivamos os membros a adotarem um estilo de vida missional; falamos sobre as maneiras de partilhar as verdades da Bíblia com outras pessoas e de realizar um evangelismo encarnacional; reunimo-nos em Pequenos Grupos e destacamos a urgente necessidade desse tipo de encontro relacional; e, finalmente, aplicamos, a cada membro, um teste para a descoberta dos dons espirituais.

Os principais objetivos desses treinamentos eram: transformar discípulos inativos em discípulos comprometidos; tornar o discipulado um estilo de vida; ensinar técnicas para se formar novos discípulos. De acordo com White (1978), um obreiro preparado e educado para a obra, quando guiado pelo Espírito de Cristo, realizará muito mais do que dez obreiros deficientes no conhecimento e fracos na fé (109).

A igreja foi dividida em vários grupos, com duas ou três pessoas em cada grupo, visando os seguintes objetivos: oração diária por pessoas específicas a fim de que elas sejam alcançadas e façam parte do grupo; estudo diário de três capítulos da Bíblia, extraindo lições práticas para a vida espiritual de cada membro; testemunho diário

realçando os milagres de Jesus no dia a dia; e serviço voluntário visando ao atendimento a, pelo menos, uma pessoa por dia. Por meio da mídia (Facebook, Twitter e Text Messages), há constante contato entre os participantes de cada grupo a fim de que um motive o outro. Doze líderes da igreja foram escolhidos formando um grupo que se reúne com o pastor distrital uma vez por semana. Ao final de quatro meses, eles estarão prontos para formarem seus próprios grupos.

Essa é a metodologia criada pela igreja de New Bedford. A igreja está trabalhando arduamente na formação de uma cultura e de um estilo de vida missional em seus membros. Roxburgh e Romanuk (2006) explicam que nenhuma igreja precisa ficar presa a um ciclo de crescimento, estagnação e declínio; toda igreja pode ser transformada numa comunidade missional (p. 39). Conscientizados da situação de estagnação da igreja de New Bedford, procuramos identificar o problema e a urgente necessidade da igreja. Antes de iniciar o processo de restauração, buscamos fundamentar teologicamente o método a ser aplicado na missão. É na teologia que extraímos os princípios da Bíblia e do Espírito de Profecia para a sustentação de nossa metodologia. Como os princípios não mudam, toda metodologia fundamentada na teologia não tem como falhar.

Usamos também a história, por meio da qual obtemos uma análise das atividades realizadas no passado e podemos extrair princípios fundamentais para a execução da estratégia missional no presente. Entramos em contato com as ciências sociais, pois não há como implantar um método missional sem o conhecimento adequado das pessoas com as quais e pelas quais trabalharemos. Após todo esse processo, chegou o momento de colocar em prática a estratégia de evangelismo contínuo na igreja de New Bedford.

Análise Qualitativa de Dados

Para alcançar os resultados apresentados nesta análise, uma pesquisa foi realizada com 209 membros batizados da igreja de New Bedford. As pessoas acima de 18 anos responderam a um questionário de sete perguntas que versavam sobre a adoção de um processo contínuo de evangelismo na igreja em substituição a eventos esporádicos de evangelismo. A pesquisa foi realizada no momento do louvor – horário em que a igreja estava repleta de membros para o culto divino. De acordo com Sahlin (2003), esse é o melhor momento para se medir o crescimento e a vitalidade da igreja (p. 8). Dos 209 participantes, somente 152 pessoas responderam ao questionário.

Quando foram perguntados, quantas vezes eles haviam participado de um treinamento de evangelismo contínuo. 5% das pessoas responderam que eles haviam participado uma vez e 95% respondeu que nunca havia participado. Na pergunta de qual evento evangelístico eles haviam participado e que mais gostaram, 98% respondeu que foi o evangelismo por um ano e 2% do evangelismo realizado por uma semana. Na pergunta se o evangelismo contínuo havia afetado positivamente a vida deles. 78% respondeu positivamente sim, 17% provavelmente sim e 5% talvez. Na pergunta; sua igreja cresceu espiritualmente neste projeto evangelístico? 78% concordou totalmente, 21% concordou e apenas 1% discordou. Na pergunta se houve crescimento numérico. 68% concordou totalmente, 23% concordou e 9% discordou. Na pergunta do que eles mais gostaram neste projeto. 58% gostou do treinamento, 28% do envolvimento dos leigos e 14% da duração do evangelismo. Na pergunta se eles queriam que o projeto continuasse. 87% respondeu que definitivamente que sim, 8% provavelmente sim e 5% sim, com algumas mudanças. (Veja gráficos dos resultados deste questionário no Apêndice A)

Implicações das Informações Obtidas

Pelas informações obtidas após o seminário de treinamento e a prática do evangelismo contínuo por seis meses, a igreja de New Bedford está reagindo muito bem ao processo evangelístico. Durante esse período, acrescentamos oito novos discípulos por conversão; além disso, os jovens estão trazendo outros jovens para a igreja; estão dando estudos bíblicos e conduzindo os cultos de oração; há também aqueles que estão motivados a estudar teologia. Os adultos estão ativos nos Pequenos Grupos e, embora ainda não tenham se dividido, já estão planejando a divisão. As crianças estão envolvidas em trazer outras crianças para participarem do coral infantil; os pais de algumas crianças não adventistas têm participado da Escola Sabatina.

Em nossos estudos e pesquisas sobre a igreja de New Bedford descobrimos alguns pontos fortes que estamos usando para o cumprimento de nossa missão. Trata-se de uma igreja com três culturas diferentes, cada uma complementando a outra e enriquecendo a igreja no cumprimento da Grande Comissão de fazer discípulos. A maioria dos membros mora perto da igreja e conhece muito bem as necessidades da comunidade. Além de ser bem localizada (fica perto do centro da cidade, ao lado de uma rua movimentada, o que a torna visível e conhecida) e possuir fácil acesso, a igreja de New Bedford tem um amplo estacionamento. O edifício da igreja é próprio, sem qualquer espécie de dívida. Todas as dependências estão preparadas para o uso; atualmente há 12 ministérios funcionando na igreja, além de um grupo de 29 crianças da idade de 0 a 12 anos.

Encontramos alguns pontos fracos nos quais trabalharemos para transformá-los em pontos fortes. Trata-se de uma igreja muito acostumada a programas e envolvida em

muitas tradições. Suas atividades sociais internas nunca se voltaram para a comunidade. Ela está sempre em movimentos por causa dos membros que se mudam para outras cidades e de outros que chegam. Esses novos membros travam uma luta para ganhar espaço no grupo permanente. Muitos membros viajam entre uma hora e meia a duas horas, todos os dias, para chegar ao local de trabalho. Conseqüentemente, no sábado, alguns ficam muito cansados para participarem das atividades da igreja de uma maneira vibrante. É notória a necessidade de mais pessoas para ajudar na liderança da igreja. Um exemplo é a falta de pianista para ministrar os ensaios do coral e do conjunto, ou mesmo para tocar os hinos congregacionais.

A igreja de New Bedford tem uma grande oportunidade de alcançar não apenas a comunidade local, mas todo o município, além das cidades circunvizinhas, por causa do programa de televisão que vai ao ar duas vezes por semana, com duração de trinta minutos cada. Há também um programa intenso de distribuição de alimentos para a comunidade, por meio do qual são atendidas, por semana, 150 pessoas aproximadamente. Essa igreja ajuda a administrar a escola adventista do Cedar Brook, onde o número de crianças adventistas e não adventistas tem aumentado consideravelmente. Além disso, há um grupo que tem tomado conhecimento da igreja por meio das redes sociais.

Temos enfrentado algumas ameaças assustadoras. Por ser uma igreja de fala portuguesa, os adventistas da segunda ou terceira geração estão desaparecendo da igreja devido à barreira da língua; além disso, por não ser uma cidade universitária, muitos jovens se mudam para outros municípios em busca de mais estudos e oportunidades de trabalho. Alguns membros vivem estressados, pois a falta de certos documentos dificulta o acesso à saúde, gera transtorno para o envio dos filhos às universidades, impede a

conquista de um bom emprego, etc. Outro lamentável incidente é o aumento de crimes violentos (9 na escala de 10). De acordo com o U.S. Census Bureau (2010, 2011), a cidade tem perdido muitos habitantes nos últimos anos (em 2000, havia 93.768 habitantes; em 2009, esse número caiu para 91.053); isso, obviamente, tem refletido na igreja. Há também a interferência da crise financeira do país, que tem levado muitas famílias ao retorno para o país de origem.

Tendo examinado a raiz histórica, cultural, demográfica, ministerial, financeira e espiritual da igreja de New Bedford, verifica-se uma igreja que, nos últimos dez anos, teve os seus altos e baixos, ocasionando uma situação de estagnação. Quando a comunidade de crentes permanece nesse estado de letargia, pode haver uma falsa sensação de que se está vivo (Ap. 3:1). Os dados evidenciam uma igreja acomodada e perdida em meio aos seus programas, tradições e atividades sociais. Pelo fato de não fazer discípulos, pode-se afirmar que se trata de uma igreja que, de alguma maneira, está morrendo. Por meio desta pesquisa, chega-se à conclusão de que a igreja de New Bedford precisa estar focalizada em fazer discípulos e não apenas em preparar programas para os seus membros; é preciso buscar os perdidos e não apenas alimentar os santos; é necessário o envolvimento com a comunidade, como verdadeiros missionários de Deus, e não o enclausuramento nas paredes do templo.

Não podemos ignorar os fatores que afetam o crescimento ou promovem o declínio de uma igreja, pois eles podem ser fatais, caso haja resistência para as mudanças necessárias. Com certeza, o poder do Espírito Santo continuará operando por meio de sua igreja para que ela cresça e estabeleça o Reino de Deus aqui na terra. Afinal, o grande propósito da igreja é promover um significativo relacionamento com Cristo e um

encarnacional serviço ao próximo. Na igreja de New Bedford escolhemos o modelo de evangelismo contínuo, pois a igreja tem experimentado um contínuo crescimento em Cristo.

CAPÍTULO V

MODELO DE EVANGELISMO CONTÍNUO PARA A IGREJA DE NEW BEDFORD

Este modelo de evangelismo contínuo foi formado como resultado da avaliação feita sobre a situação e o perfil da igreja de New Bedford, Massachusetts. Os dados colhidos revelaram que a igreja estava, por muitos anos, num estado de “estagnação”. Os batismos eram esporádicos e o número de membros não aumentava; um evangelismo mais abrangente se fazia necessário. Assim, foi elaborado um modelo de evangelismo contínuo, visando não apenas o acréscimo de novos membros, mas também a formação de novos discípulos. O desenvolvimento do processo ocorreu por meio de grupos, cada um com duas ou três pessoas, que objetivavam o estudo da Bíblia, a oração intercessora e o testemunho diário. Esse modelo de evangelismo contínuo tem possibilitado a formação de discípulos que se preocupam em gerar novos discípulos. Dessa forma, a “porta do fundo”, comumente apontada como a causa de muitas apostasias, tornou-se uma “ponte” capaz de conduzir os pecadores a Jesus.

Descrição do Modelo

Embora haja muitos modelos criativos de evangelismo na literatura contemporânea, somente o modelo de Cristo pode resultar em crescimento e maturidade cristã, pois a igreja foi construída por Ele (Mt. 16:18). Nenhum ser humano pode, com verdadeiro sucesso, construir um modelo de crescimento de igreja diferente do estabelecido por Cristo; afinal, “Paulo plantou, Apolo regou, mas só Deus é quem pode dar o crescimento” (1 Co. 3:6). Líderes carismáticos e criativos em metodologias podem construir muitas

igrejas, mas estas jamais poderão ser chamadas de casa de Deus (Mt. 21:13; Mc. 11:17). A igreja de Cristo foi edificada sobre um Fundamento (1 Co. 10:4) muito superior a qualquer modelo humano (Sl. 61:2; Is. 55:9). Assim como Deus apresentou um modelo para a construção do santuário, há um modelo de crescimento de igreja: o ministério de Jesus Cristo. Devemos, tão somente, ir à Palavra de Deus e seguir Seus métodos. Em vez de apresentar estratégias desconhecidas ou métodos copiados de outras igrejas, este capítulo versará sobre um modelo simples, prático e natural – o modelo revelado na Bíblia e na natureza.

A Igreja Como Uma Comunidade Qualitativa

Conhecemos a qualidade de uma igreja pelos discípulos que ela produz. O seu crescimento está relacionado tanto com a qualidade devocional quanto com a qualidade de ação de cada membro (Cl. 1:6). De acordo com a Bíblia, há tempo para todo propósito debaixo do céu (Ec. 3:1); há tempo de orar e tempo de agir (Js. 7:6-10). Warren (1995) declara que uma igreja de qualidade deve ser fiel e frutífera (Jo. 15:16). Uma igreja que dá frutos glorifica a Deus (Jo. 15:8); uma igreja infrutífera é considerada ímpia e preguiçosa (Mt. 25:14-30). Deus não espera que produzamos mais frutos do que podemos, mas Ele espera que produzamos tudo o que pudermos pelo Seu poder (pp. 62-65). Se cada membro estiver em completa comunhão com Deus, haverá crescimento espiritual e a igreja crescerá em qualidade e quantidade (Jo. 15:4, 5). Segundo White (1979), a devoção contínua é capaz de estabelecer uma relação íntima entre o cristão e Jesus, assemelhando o discípulo ao seu Mestre, em espírito e em caráter (p. 251). Estas são as características de uma igreja de qualidade: comunhão com Deus e produção de frutos. Foi assim durante o

ministério de Jesus (Mt. 14:14, 23); foi dessa maneira que a igreja cristã primitiva cresceu (At. 2:42-47).

A igreja nasceu como uma comunidade contagiante. Ela não apenas investia tempo no estudo das Escrituras, mas também permanecia fiel na “doutrina dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão e nas orações” (At. 2:42); conseqüentemente, todos os dias “acrescentava-lhes o Senhor os que iam sendo salvos” (At. 2:47). De acordo com Schwarz (1996), à medida que os membros vivenciam esse método simples e orgânico, a igreja deixa de depender das próprias forças e começa a trabalhar por meio do Espírito de Deus que atua nela. Dessa maneira, pessoas simples são capacitadas a desempenhar tarefas especiais (p. 24). Qualquer igreja que aspire ao crescimento deve seguir esse modelo praticado pelos primeiros cristãos (At. 2:43). Deus, por intermédio do Seu Espírito, providenciou os talentos necessários (1 Co. 12:4-7, 28) para impedir que fatores negativos internos ou externos neutralizem o crescimento da igreja. Se fizermos a nossa parte, Deus proporcionará o devido crescimento à sua igreja (1 Co. 3:6).

Schwarz (1996) observou que uma igreja saudável tem oito marcas qualitativas: liderança capacitadora; ministérios orientados pelos dons; espiritualidade contagiante; estruturas funcionais; culto inspirador; grupos familiares; evangelização orientada para as necessidades; e relacionamentos marcados pelo amor fraternal (pp. 24-37). Sendo assim, a principal tarefa de uma igreja é desenvolver essas marcas, em vez de se esforçar para encher os cultos. É preciso que cada uma dessas marcas seja ungida pelo poder do Espírito de Deus (At. 2:4) e fortalecida por perseverantes orações, súplicas e esforço pessoal (At. 1:13, 14). Qualquer plano, programa ou procedimento é inútil se destituído da unção de Deus (Sl. 127:1). Uma igreja só pode experimentar verdadeira qualidade se

houver esforço humano ungido pelo poder de Deus (Mt. 16:18). É essa qualidade que produz quantidade.

A Igreja Formando Estruturas Funcionais

O modelo de estrutura de igreja que encontramos na Bíblia não é enrijecido e estático, mas funcional e dinâmico (At. 6). A estrutura de um edifício, embora composta por vários tipos de materiais, é rígida e estática. Não há vida, nem dinamismo. Portanto, não há crescimento. O mesmo não acontece com a igreja, pois, como organismo vivo e dinâmico, ela cresce e se desenvolve naturalmente. A figura que melhor ilustra suas funções é a do corpo humano, com sua estrutura viva e propensa ao crescimento. Assim, uma igreja de qualidade deve ser formada por ministérios funcionais. O termo “ministério”, traduzido da palavra grega *diakonia*, aparece 21 vezes no Novo Testamento sempre com o significado de serviço. Cada ministério é um tipo de *diakonia*, por causa de sua funcionalidade e serviço (1 Co. 12:4-7; Mt. 20:25-27). White (1990) declarou que a igreja de Cristo está organizada para o serviço – sua senha é servir (p. 148). Segundo Himitian (citado em issuu.com 2011), a estrutura só pode ser funcional se houver: o “Princípio da Pluralidade”, ou seja, a atuação de um grupo com o número mínimo de duas pessoas (Lc. 10:1); o “Princípio da Unidade”, que é a atuação em unidade, semelhante aos membros da igreja primitiva (At. 4:32); o “Princípio da Autoridade”, que implica a atuação dos membros como corpo e a aceitação de Cristo como a cabeça desse corpo (Ef. 5:23); e o “Princípio do Desenvolvimento Gradual”, em que se observa o crescimento paulatino e natural, normalmente iniciado por pequenos grupos. Desde o livro de Atos até Apocalipse, observa-se uma estrutura eclesiástica que proporcionava crescimento e desenvolvimento de acordo com as necessidades (ISSUU, Dezembro 2011, pp. 22-24).

Cada ministério precisa acrescentar algum valor à igreja. Para isso, tem que ter forma e produzir frutos, ou seja, precisa gerar novos conversos para Deus. O ministério que não produz fruto torna-se um fardo à igreja (Mt. 21:19). Uma avaliação criteriosa é imprescindível para demonstrar se um ministério deve ser eliminado ou se a sua liderança precisa ser renovada (Mt. 21:43). Ao invés de ministérios que apenas satisfazem às exigências do tradicionalismo, devem ser criadas estruturas que deem significado e propósito para a igreja. Segundo Schwarz (1996), uma igreja de qualidade é capaz de multiplicar constantemente o seu trabalho de maneira que todos possam atuar (p. 28).

O propósito de uma estrutura funcional na igreja é unir todos os ministérios em um só corpo; e o corpo deve estar unido à cabeça que é Cristo (1 Co. 12:12; Ef. 4:15). Dessa forma, é possível que o corpo seja nutrido e que haja crescimento e multiplicação. A estrutura da igreja cristã primitiva começou de maneira singela – apenas 12 apóstolos (Lc. 6:13). Com a multiplicação de discípulos, foi necessária a criação do ministério de diáconos (At. 6:1-7). Mas a igreja continuou crescendo e, conseqüentemente, a estrutura teve que ser ampliada com a formação de novos ministérios, todos estabelecidos pelo próprio Deus (1 Co. 12:5, 28), para suprir às necessidades da igreja, visando à sua multiplicação por todo o mundo (Mt. 24:14).

Schwarz e Schalk (1997, pp. 75-83) sugerem dez passos práticos para o estabelecimento de estruturas funcionais na igreja:

1. Conscientize a sua igreja de que a questão das estruturas tem relevância espiritual.
2. Assuma responsabilidade total sobre as estruturas atuais.
3. Faça, por escrito, uma declaração de propósito da sua igreja.

4. Identifique as estruturas que promovem o crescimento e as que o impedem.
5. Coloque objetivos mensuráveis para reformar as estruturas da igreja.
6. Avalie todas as suas estruturas em relação ao seu potencial de multiplicação.
7. Relacione os dons presentes nos membros com as marcas de qualidade menos desenvolvidas na sua igreja.
8. Abandone o maior número de programas/atividades que contribuem pouco para o desenvolvimento da igreja.
9. Desenvolva e divulgue um organograma que mostre claramente a área de atuação de cada pessoa na igreja.
10. Avalie a eficácia das medidas.

Embora haja diversidade de ministérios (1 Co. 12:5), todos devem cooperar para que a igreja se torne uma agência ganhadora de almas e um centro formador de novos líderes. Tais estruturas requerem vigilância constante a fim de que estejam sempre cumprindo os seus objetivos e não se torne um fardo que deva ser eliminado. De acordo com White (1981), “Deus estabeleceu alguns na igreja” (1 Co. 12:28) a fim de que cada cristão se torne parte permanente da sua estrutura espiritual. Para ela, se não houver esse envolvimento, a igreja se encontrará na mesma condição de um corpo humano acidentado ou enfermo (p. 19).

A Igreja Evangelizando a Comunidade Local

Quando se pensa em evangelizar uma comunidade, algumas indagações são necessárias: O que é igreja? Qual é o objetivo pelo qual ela existe? Qual é a sua missão e a sua mensagem? Engen (1991) declarou que uma igreja somente pode redescobrir a sua natureza missionária se ela tiver uma visão correta do seu papel na comunidade local (p.

15). A mais plena expressão de adoração a Deus só é possível quando a igreja age de acordo com a sua natureza missionária em meio à comunidade. Trata-se, segundo Neill (1997), de uma igreja em busca da não igreja (p. 87). O princípio da pregação do evangelho e da encarnação (Jo. 20:21) não envolve somente as palavras, mas, acima de tudo, os atos de compaixão. Blauw (2003) declara que aquele que viu a Cristo não pode deixar de ver o mundo, e quem viu o mundo sabe onde as suas necessidades estão localizadas (p. 109). Não há bênçãos na comunhão com Deus dentro da igreja, caso não haja serviço à comunidade local com um conhecimento detalhado das suas necessidades. Se a igreja não tem essa missão, ela perde a sua própria natureza assim como o sal perde a sua salinidade (Mt. 5:13).

A igreja existe neste mundo para atender à sua comunidade. Enquanto essa missão não for cumprida, ela permanecerá neste lugar. Bonhoeffer (1980) declarou que a igreja só é igreja quando ela existe para os outros (p. 153). É na dedicação em atender às necessidades das pessoas que a igreja revela seu amor por Deus. Esta é a verdadeira religião: ministrar a todos os necessitados (Tg. 1:27) em todos os lugares (At. 1:8). Se a igreja estiver pronta para atender às necessidades das pessoas, ela também estará apta para evangelizar a sua comunidade local e o mundo. Hirsch (2006) faz diferença entre o que ele chama de “eu para a comunidade” e “a comunidade para mim”. No primeiro caso, as pessoas estão preocupadas em atender às necessidades do seu próprio grupo; no segundo, as pessoas se reúnem para obter uma visão de missão que vai além do seu grupo (p. 236). Neste caso, a igreja se torna um instrumento eficaz para que a comunidade seja alcançada por Deus.

Após refletir em uma importante indagação: “Sua comunidade choraria se a sua igreja deixasse de existir?”, Patrick (2001) sugere que a igreja não somente tem que estar localizada na comunidade, mas ela tem que existir para a comunidade. Deus ordena que Seu povo mergulhe profundamente em sua comunidade (pp. 615-621). Se conhecermos as suas necessidades e capacitarmos a igreja para atendê-las, estabeleceremos uma ponte sobre a qual o evangelho chegará com toda a facilidade em cada lar. Rusaw e Swanson (2010) afirmaram que as boas novas acompanhadas de boas ações são como duas asas de um avião – uma é incompleta sem a outra. São evidentes as boas novas e as boas ações na vida e no ministério de Cristo (p. 506). Essa é a ponte capaz de adentrar no maior número de lares da comunidade, e por meio da qual as pessoas podem passar sem nenhum preconceito e chegar até a igreja.

A Igreja se Multiplicando em Novas Comunidades

Multiplicação é o primeiro mandamento dado por Deus à humanidade (Gn. 1:28). Henrichsen (1984) explica que a multiplicação é uma das leis fundamentais do universo. Tudo – animais, árvores, plantas e bactérias – opera segundo o princípio da multiplicação. Essa é a maneira de Deus fazer as coisas (p. 140). Ao envolver-Se com as comunidades, Cristo tornava Deus visível em Suas palavras e ações (Jo. 12:45). Dessa forma, multiplicavam-se a multidões a fim de ouvi-Lo (Mt. 4:25). Os Seus discípulos também foram incumbidos da missão de multiplicação contínua (Jo. 20:21; Mc. 16:20). A ordem era fazer outros discípulos (Mt. 28:19, 20). Ao seguirem o método de Jesus, obtiveram grandes resultados: novos discípulos foram multiplicados (At. 6:7), a Palavra de Deus se multiplicou em todos os lugares (At. 12:24) e, conseqüentemente, igrejas foram multiplicadas (At. 9:31).

Cristo providenciou recursos para que a multiplicação de pessoas, de discípulos e de igrejas continuasse em todos os lugares e em todos os tempos (Jo. 14:16, 26). Segundo White (2009b), é o uso inteligente da capacidade, das faculdades e dos meios concedidos por Deus, e consagrados ao Seu serviço, que fará a diferença nas comunidades onde a igreja se encontra (p. 107).

De acordo com Roxburgh e Boren (2009), quando a Ordem dos Beneditinos foi formada, um dos votos que o monge tinha que tomar era o de não se mudar para outro lugar. Seu papel era crescer e se desenvolver somente no local onde estava (p. 164). Tratava-se, obviamente, de uma tendência egoística de vida. White (1978) recomenda o desenvolvimento de um espírito missionário a fim de que novas localidades sejam alcançadas. O egoísmo de manter grandes grupos reunidos não é o plano do Senhor. Ela recomenda que avancemos em novos lugares para que a verdade se torne acessível àqueles que não a conhecem (p. 47). O princípio da multiplicação é visível em toda a natureza (Gn. 1:22, 28). Apesar das conquistas já realizadas e da idade avançada, Josué foi desafiado por Deus a conquistar a nova terra (Js. 13:1-6); o povo de Israel não podia aposentar as armas enquanto houvesse territórios para alcançar (Js. 13:9-12); a estratégia de Deus para o êxito nas conquistas e a multiplicação de territórios consistia em dividir o povo (Js. 13:7). A igreja apostólica, por meio dos cultos nos lares, seguia esse mesmo princípio (Rm. 16:5; Cl. 4:15; Fm. 1).

Stetzer e Rainer (2010) declaram que a divina missão pertence a cada crente e abrange todos os lugares (p. 488). As igrejas não podem ter somente programas centrípetos, mas, por meio de missionários dispostos, deve haver também atividades centrífugas, visando alcançar o maior número possível de comunidades para que o reino

de Deus seja multiplicado na terra. Segundo White (2009b), há um número significativo de pessoas, em cada comunidade, que resistem a qualquer cerimônia religiosa realizada em um templo. A única forma de alcançá-los é levando o evangelho nos seus lares (p. 126).

Em seu livro “The Bridges of God”, McGavran (2005) destacou a importância do evangelismo relacional para o crescimento do reino de Deus. Segundo ele, cada sinagoga alcançada pelo apóstolo Paulo produzia um grande número de homens e mulheres que, motivados por uma fé incandescente, comunicavam a Palavra de Deus aos amigos e parentes que moravam em cidades ainda não alcançadas pelo evangelho. Assim, a mensagem da salvação era bem recebida em inúmeras novas comunidades (p. 28).

Independentemente das dificuldades, o crescimento da igreja pode ocorrer em qualquer lugar, a qualquer tempo e sob qualquer circunstância (Townes, 1995, p.116). Para tanto, o princípio de crescimento contínuo por multiplicação deve estar arraigado em cada ministério da igreja. A respeito disso, Schwarz (1996) salienta que esse princípio é capaz de influenciar todas as áreas da vida da igreja. O verdadeiro fruto da macieira não é uma maçã, mas sim uma nova macieira. De igual maneira, o verdadeiro fruto de um grupo de crentes não é mais um cristão, mas sim um novo grupo. Os verdadeiros frutos de uma igreja não são novos grupos, mas novas igrejas. O verdadeiro fruto de um líder não é um grupo de seguidores, mas novos líderes. Os verdadeiros frutos de um evangelista são novos evangelistas. Sempre que esse princípio é compreendido, os resultados são imensos (p. 68). Cada líder deve conhecer os princípios de multiplicação e aplicá-los em seus ministérios a fim de que a igreja experimente um crescimento exponencial, com uma despesa muito menor e com esforço conjunto.

Implementação do Modelo

Cada igreja em crescimento tem o seu próprio modelo de evangelização. Na Bíblia, não existe um modelo específico de crescimento de igreja. As igrejas são livres para escolher o método adequado de acordo com o contexto e as necessidades da comunidade local. Modelos de evangelismos – tradicionais ou contemporâneos – sempre serão usados como um processo de crescimento e plantio de igrejas. De acordo com Malphurs (2007), os líderes devem assistir às conferências evangelísticas realizadas em igrejas de sucesso e extrair lições que possam ser aplicadas em seu ministério, mas nunca devem aderir à imitação de modelos (p. 376). Conforme já mencionado, o modelo implantado na igreja de New Bedford ocorreu por meio de grupos, cada um com duas ou três pessoas, que objetivavam o estudo da Bíblia, a oração intercessora e o testemunho diário. Esse é o único modelo que pode ser aplicado com sucesso em qualquer contexto missionário.

Iniciando a Visão

De acordo com Fish e Conant (1976), não necessitamos tanto de programas; mas de poder. Não carecemos de uma ordem externa que nos envie aos perdidos; mas do impulso de uma Presença interna. Por detrás de cada missão bem-sucedida, existe o impulso de uma nobre visão que nos conduz em direção aos perdidos (p. 74, 75). A igreja de New Bedford estava estagnada por vários anos e precisávamos reverter a situação. Tínhamos uma visão que consistia no envolvimento de cada membro da igreja em três áreas: (a) contínua comunhão pessoal (Dn. 6:10), (b) contínua adoração na igreja (Sl. 42:4) e (c) contínua multiplicação na comunidade (Mt. 14:14; At. 10:38; Gl. 6:10).

Para tornar real essa visão, todos os membros se reuniram em três fases de 40 dias de oração. A primeira fase foi realizada nos meses de janeiro e fevereiro; a segunda, nos

meses de maio e junho; e a terceira, nos meses de setembro e outubro. Durante esses períodos contínuos de oração e súplica (Dn. 9:3-23), Deus nos motivou a implementar o plano contínuo de evangelismo, levando a igreja a um crescimento qualitativo e quantitativo. Chambers (1992) explica que quando Deus nos dá uma visão, Ele nos faz descer ao vale a fim de que sejamos moldados no formato da visão. É nesse vale que muitos desanimam e desistem. Cada visão se tornará real se tão somente tivermos paciência (July 6, par. 3).

Quando a visão se torna real, ela adquire forma e estrutura, mas isso não é suficiente. É necessária a ação do Espírito de Deus para dar vida e eficiência a cada projeto (Ez. 37:7-10). Entendemos que o crescimento espiritual da igreja é a plataforma do crescimento quantitativo. Para Warren (1995), há um fato que muitos pastores tendem a ignorar: qualidade produz quantidade. Uma igreja com pessoas transformadas atrai outras pessoas (p. 51). Esse crescimento não é instantâneo; é preciso obediência à “visão celestial” (At. 26:19). Com contínua determinação, a visão deve ser aplicada na vida diária de cada membro para que ela possa se concretizar. Chambers (1992) comenta que muitas vezes nos esquecemos da visão pelo fato de sermos muito práticos no trabalho; além disso, por falta de crescimento espiritual, corremos o risco de perdermos o cumprimento da visão concedida por Deus (March 11, par. 4).

Para sermos efetivos no evangelismo contínuo, não basta pregarmos a mensagem de Cristo, mas, acima de tudo, precisamos seguir a Sua metodologia. White (1990, p. 143) declara que unicamente os métodos de Cristo podem trazer verdadeiro êxito. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Em

seguida, Ele ordenava: "Segue-Me" (Jo. 21:19). Jesus não apenas nos deu uma mensagem a ser pregada, mas também nos ensinou a maneira mais adequada de partilhá-la. Nas estratégias evangelísticas de Cristo encontramos princípios eternos que funcionam perfeitamente em nossos dias (Mt. 10; Lc. 10).

A estratégia planejada para a igreja de New Bedford, como já mencionado, consiste na formação de ministérios, com três líderes em cada, tendo como base as três marcas de crescimento de igreja: (a) crescimento espiritual, (b) adoração fervorosa na igreja e (c) multiplicação na comunidade. Tal estratégia foi modelada de acordo com o perfil da igreja e com as necessidades de nossa comunidade. Não se trata de uma cópia exata de um modelo aplicado em outra igreja, mas é resultado da observação de vários modelos praticados por diversas congregações e do estudo de livros sobre crescimento de igreja.

Elaborando o Planejamento Estratégico

De acordo com Abdala (2009), tanto na guerra como no evangelismo, é importante haver uma estratégia bem definida para aumentar a eficiência, unir a equipe e avaliar a metodologia (p. 42). Na elaboração desse planejamento estratégico, a igreja de New Bedford avaliou a sua forma de trabalho e se dispôs a mudanças necessárias para que cada membro possa ser usado como instrumento nas mãos de Deus. White (1958b) salienta que Deus, em Seu plano para salvar a raça caída, emprega instrumentos humanos como Sua mão ajudadora. Isso é imprescindível para que a humanidade seja alcançada. É necessária a cooperação de cada cristão a fim de que o trabalho em prol dos semelhantes seja desenvolvido com discernimento e prontidão (p. 99).

O envolvimento de todos os membros no crescimento da igreja é um princípio bíblico (Ef. 4:11-16). De acordo com Peters (1981), a participação de todos os membros nessa missão não é apenas desejável para fins práticos, mas a própria constituição e natureza da igreja exigem isso (p. 219). Considerando a importância dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito (1 Co. 12:4-11), foi aplicado um teste de dons com os membros da igreja de New Bedford. Schwarz (1996) argumenta que os cristãos que vivem de acordo com os seus dons espirituais não agem por força própria, mas pelo impulso do Espírito de Deus. Dessa forma, pessoas simples são capacitadas a realizar tarefas especiais (p. 24). O teste de dons revelou uma variedade de talentos na igreja, levando-nos a desenvolver os seguintes ministérios:

Pequenos Grupos

Cristo desenvolveu Seu ministério usando a estrutura dos pequenos grupos (Mt. 4:18-22). Ele não devotou Sua vida, tempo e energia com as multidões, mas com um pequeno grupo de 12 homens, os quais foram ensinados, treinados, equipados e enviados para fazerem outros discípulos e se multiplicarem (Mt. 28:19). White (1985) recomenda que os membros de uma igreja numerosa sejam divididos em pequenos grupos a fim de que também sejam úteis no trabalho com os descrentes (p. 22). O modelo denominado Grupo dos 12, descrito por Comiskey (2002, pp. 244-246), não foi apropriado para nossa igreja, pois o grupo era grande e poucos participavam. Seguimos a orientação de Donahue e Robinson (2001) que sugerem grupos menores com oito componentes, possibilitando mais tempo para compartilhar experiências e atender às necessidades de cada membro (p. 255). Esses grupos são abertos a fim de que as pessoas da comunidade sejam alcançadas.

Johnson (1997) declarou que não é suficiente estar presente na comunidade, devemos ocupá-la (p. 50).

Redes Sociais

Adaptando o Modelo de Cole (1999) sobre “Grupos de Transformação de Vidas” (LTG - The Life Transformation Groups System) (pp. 63-70), quatro grupos, compostos de três jovens em cada grupo, comprometeram-se a estudar três capítulos da Bíblia por dia. Durante a semana eles se comunicam por meio das redes sociais motivando uns aos outros. Uma vez por semana, cada grupo se encontra por uma hora para relatar a experiência de leitura da Bíblia, destacando o que aprenderam e planejando como praticar. Em seguida, cada um menciona dois nomes de amigos que precisam de ajuda e, durante a semana, mediante as redes sociais, eles entram em contato com essas pessoas. Cole (1999) declarou que a força vem na multiplicação. O fato é que a multiplicação é um maravilhoso poder. É o princípio da multiplicação que libera a explosão da bomba atômica (p. 29). Nas redes sociais, os jovens estão se multiplicando sem esforço ou treinamento – uma multiplicação natural.

Grupos de Oração

Para um contínuo crescimento espiritual, adotamos um plano contínuo de oração que consiste no seguinte: grupos de dois orando nos lares; correntes de oração; horários específicos para cada membro orar; revezamento entre os membros, em cada culto, para momentos de oração; cultos específicos de oração; e dias especiais de meditação e oração. A oração afeta cada dimensão de crescimento de uma igreja. Pointer (1984) afirma que a constante oração é um sinal de crescimento. Para ele, toda igreja em crescimento

reconhece esse sinal como sua fonte de poder e bênçãos (p. 61). Na igreja de New Bedford, oramos pelos líderes e membros da igreja (At. 14:23; Ef. 6:18, 19), e também pelos novos conversos (1 Ts. 3:1-10); oramos por santidade e pelo amadurecimento de cada membro (Fl. 1:9, 11), pela missão da igreja (Mt. 9:38; Jo. 17:18), pelos perdidos (Lc. 23:34; Jo. 17:20) e pelo poder do Espírito Santo (At. 1:8). Torrey (1983) explica que o nosso viver deve refletir uma vida de oração. É preciso adquirir o hábito de falar com Deus antes de qualquer outra atividade do dia (p. 81).

Começando o Treinamento

Sem treinamento a igreja não pode crescer. White (1985) declara que devemos ensinar os membros a trabalhar para Deus e a depender mais dEle e menos dos ministros. Para ela, essa é a melhor maneira de ajudar a igreja (p. 384). Os líderes têm o dever de equipar os membros da igreja para o serviço (Ef. 4:12), possibilitando a descoberta e o uso dos dons (1 Co. 12:27-31) a fim de que o corpo de Cristo seja edificado e multiplicado. Esse treinamento não deve ocorrer em um evento de vários dias, mas em um programa de final de semana. Abdala (2009) explica que um final de semana de treinamento é mais eficaz do que uma série de treinamentos que dure meses (p. 65). Todos os membros devem ser participantes e não apenas expectadores, pois cada um é parte da comunidade de sacerdotes reais responsáveis na difusão da luz do evangelho (1 Pe. 2:9). Ninguém deve ficar parado, pois, segundo White (1953b), os membros inativos são vistos por Satanás como seus empregados. Ele procura ocupar os membros em linhas de trabalho que absorvem energias, destruindo sua espiritualidade e utilidade na igreja (p. 425).

Em New Bedford, realizamos um treinamento intensivo de final de semana, incluindo as seguintes classes:

Pequenos Grupos

Os líderes da igreja foram treinados e divididos em grupos de oito pessoas. Uma vez por semana eles se reuniam e desenvolviam o seguinte programa: (a) estudo consistente da Bíblia, (b) orações fervorosas por pessoas em necessidades e (c) testemunhos diários. Cada grupo assumiu o compromisso de crescer e multiplicar-se no período de oito a nove meses. O objetivo era que cada grupo se desenvolvesse e se multiplicasse em quatro grupos de oito pessoas num determinado local, possibilitando, assim, o plantio de uma nova igreja.

Testemunhos Efetivos

Além de ser uma ordem divina (At. 13:47), a prática dos testemunhos é um estímulo para o crescimento espiritual daquele que testemunha e para a salvação daquele que ouve (Mc. 5:18-20). De acordo com Towns (1995), o testemunho consiste em narrar às pessoas aquilo que Deus tem feito em nossa vida. Ou seja, é anunciar o que se viu a respeito de Jesus (1 Jo. 1:1); o que se ouviu sobre Sua pessoa (At. 4:20); e o que se experimentou por meio de um relacionamento com Ele (At. 4:1-20) (p. 384).

Multiplicação Espiritual

Os líderes devem ser motivados a fazer discípulos (Mt. 28:18-20). É preciso que haja uma prática constante do evangelismo *oikos* (essa expressão grega significa “casa”; evangelismo *oikos*, portanto, é o evangelismo relacional, comumente realizado nos lares), ativando uma reação espiritual em cadeia (Jo. 1:35-49). Schwarz e Schalk (1998)

declaram que quando uma igreja começa a usar as pontes do *oikos*, põe em ação a dinâmica da multiplicação: cada um que se converte, ao entrar para a igreja, acaba trazendo consigo o seu *oikos*. Uma igreja em crescimento prioriza, de forma especial, essas pessoas (137).

Liderança Missional

McNeal (2009) explica que esse tipo de liderança deve tornar-se um estilo de vida. Trata-se da dedicação total de cada membro com a missão de Deus no mundo. Quando isso ocorre, há significativas mudanças nas atividades da igreja: os ministérios, que outrora priorizavam as atividades internas, passam a ter um foco externo; o investimento no desenvolvimento de programas dá lugar ao investimento pessoal; e a liderança deixa de estar baseada na igreja para estar focada no Reino de Deus (pp. 41-129). É fundamental que a igreja se torne um centro de aprendizado, onde as pessoas sejam envolvidas em contínua capacitação. Apesar de ser um processo que exige tempo e paciência, ele é capaz de formar e transformar vidas (Rm. 12:1, 2).

Organizando Equipes de Ministérios

Jesus organizou a Sua equipe antes de iniciar o evangelismo público (Lc. 6:13). Aquele grupo de homens comuns, sem qualificações especiais, tornou-se a base de Seu ministério. Assim, para se organizar equipes de ministérios, deve-se começar pela escolha dos líderes (Jo. 1:35-51). Essa escolha não deve ser apressada e nem baseada no grau de educação ou influência, mas na sua espiritualidade e nos seus dons. Há sérias consequências quando usamos os critérios errados. Bounds (2007) declara que os “homens procuram os melhores métodos, mas Deus está à procura dos melhores homens”

(p. 8). Depois de 40 dias de oração com a igreja, aplicamos o teste de dons espirituais, desenvolvido por Schwarz, a fim de que cada membro pudesse conhecer melhor as habilidades que Deus lhe concedeu.

Os resultados foram apresentados à comissão da igreja, que tomou a decisão de dividir os membros de acordo com os dons, em grupos de três. Quatro grupos de três líderes formaram pequenos grupos responsáveis por determinadas tarefas. Um grupo, por exemplo, ficou responsável pelo louvor contagiante na igreja; outro, pelo departamento de oração; outro grupo, pelo trabalho comunitário. O alvo principal desses grupos não era apenas manter um ministério na igreja, nem formar novas igrejas, mas, acima de tudo, formar novos líderes (2 Tm. 2:2). Essa foi a ordem de Cristo (Mt. 28:19). Foi votado que esse processo se tornasse contínuo (At. 2:42; 1 Tm. 4:13).

Segundo Cole (1999), a Bíblia apresenta cinco razões por que grupos de duas ou três pessoas formam o melhor contexto para o crescimento qualitativo e quantitativo da igreja:

1. Comunidade – “O cordão de três dobras não se quebra tão depressa” (Ec. 4:12). Um grupo de três pessoas é o ideal para se experimentar um real crescimento, pois evita o domínio de uma única pessoa em uma discussão e dificulta a escusa de alguém para não participar. Portanto, num grupo de três todos participam, todos aprendem e todos crescem.

2. Prestação de Contas – “Não aceites a acusação contra um presbítero, senão com duas ou três testemunhas” (1 Tm. 5:19). Poucas coisas podem ser feitas sem prestação de contas. Não é fácil abrir o coração para um grupo numeroso, principalmente se há pessoas desconhecidas. Mas é possível encontrar apoio para a prática de prestação de contas em um grupo composto por três pessoas que nos conhecem e nos entendem.

3. Confidencialidade – “Se um irmão se recusa a te ouvir, leva contigo uma ou duas pessoas, para que pela boca de duas ou três testemunhas toda palavra seja confirmada” (Mt. 18:16). O Senhor deixa claro que, ao lidarmos com o erro e com o pecado, o ambiente mais seguro é aquele onde existem duas ou três pessoas. Isso gera conforto na partilha das lutas e possibilita melhor confidencialidade.

4. Flexibilidade – “Onde estiverem dois ou três reunidos em Meu nome, aí estarei no meio deles” (Mt. 18:20). Dentre as lições que podem ser extraídas desse texto, uma delas é a da flexibilidade. É mais fácil coordenar um encontro com três pessoas do que com um grupo muito numeroso.

5. Reprodução – As coisas simples se multiplicam com mais facilidade do que as complexas. Grupos de duas ou três pessoas é a mais básica unidade da igreja. Quando se inicia a multiplicação nesses grupos de base, podemos infundir o próprio código genético de reprodução na igreja. Se não houver multiplicação em grupos de três na igreja, não haverá em nenhum outro grupo maior (Cole, 1999, pp. 49-52).

De acordo com White (1985), se num determinado local existem apenas dois ou três que conhecem a verdade, eles devem se reunir como um grupo de obreiros. Deve ser mantido um intacto laço de união, perseverando juntos em amor e unidade. Quando eles trabalharem e orarem em nome de Cristo, seu número aumentará (p. 22). A igreja de New Bedford iniciou esse processo de formar grupos de três pessoas para diferentes missões dois meses antes do início do programa de evangelismo contínuo na igreja.

Mobilizando e Supervisionando Membros Para o Serviço

Há na Bíblia um princípio básico de crescimento: a igreja cresce quando todos os seus membros estão ativos no serviço do Senhor. De acordo com Russell & Russell

(2003), não existe mais distinção entre clérigos e leigos. Todos os cristãos devem ministrar; somos todos sacerdotes (1 Pe. 2:5, 9) (p. 175). No Antigo Testamento, encontramos a mobilização do povo na construção do tabernáculo (Ex. 35:4-29). No Novo Testamento, percebe-se que a liderança treinava os membros para o ministério (Ef. 4:11-16). Segundo Cotterell (1981), nem tudo o que o Espírito Santo deseja fazer está sendo feito, pois os dons que Ele distribuiu na igreja para que o trabalho fosse realizado não estão sendo colocados em prática. Os ministros precisam entender a importância de mobilizar toda a sua congregação (p. 48).

Nosso maior desafio é estimular pessoas descomprometidas com a missão para que possam realizar o trabalho de Deus de maneira voluntária e apaixonada. Reid (1998) explica que nas igrejas há diferentes níveis de comprometimento entre os membros. Para certas pessoas, o cristianismo é apenas um passatempo e não uma paixão. Na verdade, tais indivíduos precisam ser evangelizados. Há também aqueles que são crianças espirituais. Outros têm a natureza espiritual sufocada pelo predomínio da vida carnal. Alguns tiveram um encontro com Cristo, mas, embora professem amá-Lo, não se envolvem na missão, pois acreditam que evangelismo é trabalho para profissionais. Outros são ativos na igreja, mas não sabem como trabalhar eficazmente. São pessoas que precisam ser ensinadas e motivadas (pp. 206-208).

São inúmeros os métodos usados para mobilizar os membros da igreja. Em New Bedford, usamos os seguintes recursos: momentos diários de oração; visitação pessoal feita pelo pastor e anciãos; rede social para lembretes de reuniões e tarefas; cultos inspiradores com o objetivo de reavivar os membros; e reuniões de treinamento e motivação. cremos que, a menos que todos estejam ativos, as bênçãos de Deus jamais

serão derramadas em Seu povo. De acordo com White (1948a), se cada membro não cumprir o seu papel individual como servo de Cristo, a igreja sempre estará em trevas e sem força (pp. 285, 286).

Para Rainer (1999), as igrejas que incentivam as pessoas a participar do ministério têm uma característica básica que as diferencia das demais: demonstram altas expectativas com relação a todos os seus membros (p. 23). Esse é o segredo das igrejas que crescem, pois esperam cada vez mais dos seus líderes e não menos. Os líderes de grupos de três recebem assistência direta dos anciãos, que são responsáveis por fornecer materiais, motivação, instruções e solução de problemas que o grupo não conseguiu resolver. Os anciãos se encontram semanalmente com o pastor a fim de receberem instruções e orarem juntos. O pastor também os auxilia na resolução de questões que não puderam ser resolvidas com os líderes dos grupos.

Avaliação do Modelo

Deus Se importa com a avaliação daquilo que fazemos para Ele (Zc. 2:2; Ap. 11:1). Segundo Anderson (1965), tudo o que aparece em suficiente quantidade pode ser medido e avaliado. Assim, o serviço realizado no evangelismo e a maneira como ele é feito podem ser corretamente averiguados. Nessa avaliação, podemos encontrar “a reta medida que Deus nos deu, para chegarmos até vós” (2 Co. 10:12, 13), e teremos a oportunidade de melhorar o nosso trabalho para Deus (pp. 467, 468). A avaliação é uma ferramenta indispensável para mensurar a qualidade dos ministérios da igreja. No entanto, é um processo que exige muita paciência. Para Wagner (1987), tempo e paciência são fundamentais para que a avaliação seja feita diligentemente. Caso essa avaliação seja negligenciada, será muito difícil fazer as correções necessárias para o sucesso da

estratégia evangelística (p. 148). Em cada atividade deve haver uma análise dos erros, dos acertos e das expectativas de melhorias.

Em vez de ser um ato casual e esporádico, concordamos que esse tipo de avaliação tornar-se-ia uma prática normal em nossa igreja. Embora o nosso modelo de grupos de três ainda esteja no início, já é possível fazer importantes constatações. Nesse período de um ano, 103 pessoas foram treinadas e estão participando ativamente nos pequenos grupos, nas redes sociais, nos cultos contagiantes e nos serviços comunitários. Além disso, já penetramos com o evangelho em duas outras comunidades e 16 pessoas estão sendo discipuladas nos grupos de três, recebendo a capacitação adequada para a formação de novos discípulos. Também, nesse período, 11 pessoas foram batizadas e estão envolvidas nas atividades da igreja.

Cada grupo foi criado e desenvolvido com o objetivo de servir como instrumento nas mãos de Deus, a fim de que a igreja cresça em qualidade e quantidade. Cada atividade tem se tornado uma oportunidade para o ganho de almas; cada membro, como verdadeiro discípulo, tem tido o privilégio de gerar novos discípulos. Dessa forma, o evangelismo contínuo tornou-se um estilo de vida na igreja de New Bedford.

CAPÍTULO VI

CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

Tentar novos métodos numa igreja com mais de 50 anos de existência não é uma tarefa fácil. Muitos membros querem o crescimento da igreja, mas sentem-se desconfortáveis pela chegada de novas pessoas, pois criaram um círculo fechado de amizade entre eles e sentem-se ameaçados pela possibilidade desse círculo ser quebrado. Uma nova estratégia evangelística envolvendo todos os ministérios da igreja e de duração contínua tem sido pouco empregada na nossa Conference e na igreja de New Bedford nunca foi utilizada. Este projeto revelou que Deus tem muitos meios de fazer uma igreja crescer. Todos estes métodos estão à nossa disposição. Não importa a quantidade de anos de existência ou a quantidade de membros de uma igreja, ela pode crescer, pois é Deus quem faz a igreja crescer (1 Co. 3:7). Devemos parar de fazer a igreja crescer por nossas próprias forças e usarmos os métodos e as pessoas escolhidas por Deus e os resultados serão satisfatórios em todas as igrejas, independente dos desafios e resistências enfrentados.

Neste capítulo apresentarei a conclusão do projeto em forma de um pequeno resumo do resultado obtido no uso do método contínuo de evangelismo e a seguir algumas recomendações em forma de sugestões que podem fazer diferença nas igrejas que se dispuserem a deixar de fazer evangelismo de uma maneira tradicional e usar novos métodos missionais; onde o evangelismo deixa de ser um evento e passa a ser um processo contínuo.

Conclusão

Em apenas um ano foi possível demonstrar a eficácia da aplicação do sistema contínuo de evangelismo. Após 30 anos de estado letárgico, a igreja de New Bedford experimentou um profundo reavivamento, tornando-se um grande exemplo de crescimento quantitativo e qualitativo para outras igrejas. Os pastores Frank Tochterman e Whitford Shaw, respectivamente presidente e departamental de evangelismo e ministérios da Southern New England Conference (Massachusetts), implantaram um modelo semelhante em todas as igrejas da Conference. Embora os resultados não tenham sido como os da igreja de New Bedford, houve um reavivamento na área de evangelismo e todos os pastores distritais se propuseram a fazer novos ajustes em seus métodos a fim de que maiores resultados sejam alcançados.

Recomendações

Para todos os líderes de igreja que desejarem colocar em prática este processo de evangelismo contínuo as recomendações são as seguintes:

1. Preparar a igreja para a mudanças que ocorrerão. Mostrando os fundamentos bíblicos para a causa da mudança.
2. Envolver todos os membros da igreja treinando-os a serem mais do que membros, mas discípulos.
3. Todos os dias buscar comunhão pessoal com Deus e durante o dia testemunhar do que Ele tem feito na sua vida e na sua igreja.
4. O Pastor deve estar envolvido em cada ministério, treinando, provendo material e motivando os membros a continuarem com o projeto.

5. A Conference deve estar ciente do que está acontecendo na sua igreja para que possa dar o suporte financeiro e proteger o Pastor contra críticas de membros.

6. Fazer além daquilo que é considerado fundamental na igreja, como promover bons programas, mudar o estilo de música, incentivar pregações criativas, usar efeitos visuais ou melhorar a aparência do templo; tudo isto é importante, mas não resolve a crise evangelística da igreja.

7. Atualizar as estratégias e as abordagens a partir dos métodos convencionais, pois as antigas fórmulas não funcionam mais.

8. Não ter medo de usar métodos diferentes. Os dons são diferentes, por isso há métodos diferentes e empregá-los podemos alcançar diferentes tipos de pessoas.

9. Desejo intenso de ter o mesmo propósito de Cristo Jesus; “Buscar e salvar o perdido” (Lc. 19:10).

10. Mais importante do que usar novos métodos é trabalhar com as pessoas certas.

Todas essas recomendações, colocadas em prática na igreja de New Bedford e em algumas igrejas da Southern New England Conference, mostraram-se viáveis para serem praticadas em qualquer igreja que esteja disposta a se comprometer com o crescimento quantitativo e qualitativo de membros. Se houver profundo senso de missão, os resultados serão imediatos, espontâneos e contínuos.

APÊNDICE

APÊNDICE A

GRÁFICOS COM AS PERGUNTAS FEITAS NO TREINAMENTO

New Bedford Church
As Perguntas que Aparecem nos Gráficos Foram Feitas na Mesma
Ordem Que se Encontra no Questionário e no IRB

1 - Quantas vezes você participou de um treinamento de evangelismo contínuo antes deste?	
Mais de cinco vezes	–
Duas a quatro vezes	–
Uma vez	5%
Nunca	95%

2 - Se você já participou de um evento evangelístico, de qual você mais gostou?	
Evangelismo por um ano	98%
Evangelismo por três meses	–
Evangelismo por um mês	–
Evangelismo por uma semana	2%

3 - Este projeto de Evangelismo Contínuo afetou positivamente sua vida espiritual?	
Absolutamente sim	78%
Provavelmente sim	17%
Talvez	5%
Provavelmente não	–

4 - Com que intensidade você concorda com o crescimento espiritual da sua igreja neste projeto evangelístico?	
Concordo totalmente	78%
Concordo	21%
Descordo	1%
Descordo totalmente	–

5 - Com que intensidade você concorda com o crescimento numérico da sua igreja neste projeto evangelístico?	
Concordo totalmente	68%
Concordo	23%
Não estou certo	9%
Descordo	–
Descordo totalmente	–

6 – De que você mais gostou a respeito deste programa de evangelismo contínuo?	
Do treinamento	58%
Do envolvimento de pessoas leigas	28%
A duração do evangelismo	14%
Nada	–
Outro	–

7 - Você recomenda que este programa de evangelismo contínuo permaneça em sua igreja?	
Definitivamente sim	87%
Provavelmente sim	8%
Sim, com algumas mudanças	5%
Provavelmente não	–
Definitivamente não	–

APÊNDICE B

IDÉIAS DE PROGRAMAS DE ORAÇÃO

1. Realize três períodos de 40 dias de oração, nos meses de Janeiro, Junho e Outubro. Use as apostilas do Seminário de Enmriquecimento Espiritual. 1 SEE Comunhão e Santidade; 2 SEE – Saúde e Adoração; e 3 SEE – O Batismo Diário do Espírito Santo.
2. Faça correntes de oração com uma escala de pessoas orando a cada hora do dia.
3. Abra a igreja diariamente das 5:00am – 7:00am para que as pessoas, a caminho do trabalho, parem por alguns minutos para orar. Repita o processo no período da tarde, das 5:00pm – 7:00pm, para que, ao voltarem do trabalho, eles possam parar novamente para um momento de oração. Alguns que não podem participar no período da manhã, participam à tarde.
4. Estabeleça momentos de oração nas classes da Escola Sabatina.
5. Incentive os anciãos a orarem com o pregador antes do sermão e durante a exposição da mensagem.
6. Estabeleça vigílias de oração e jejum.
7. Motive os membros das classes da Escola Sabatina a irem de casa em casa para orarem pelos afastados, doentes, amigos e membros da igreja.
8. Estabeleça que, nos cultos de oração, a congregação cante três hinos e se divida em grupos de oração intercessora. Em seguida, cante dois hinos e peça para três pessoas orarem por necessidades específicas. Finalmente, cante um hino, permita que a igreja ore silenciosamente por dois ou três minutos, leia uma passagem da Bíblia ou do Espírito de Profecia que verse sobre a necessidade de oração e termine com um hino e uma breve oração.
9. Envie aos membros mensagens com pensamentos sobre oração; pregue sobre esse assunto e faça semanas de oração.
10. Ore pelo menos por três pessoas, todos os dias, até que elas sejam curadas, experimentem a conversão ou peçam que não orem mais por elas.

APÊNDICE C

IDÉIAS DE ESTUDO DA BÍBLIA NO EVANGELISMO

1. Após o sermão do Sábado, dê aos membros um lista de versos da Bíblia sobre um determinado tema para que eles leiam durante a semana
2. Divida os membros da igreja em grupos de dois e três, os quais deverão estudar três capítulos da Bíblia por dia.
3. Sugira que os membros de cada grupo utilizem a Rede Social para incentivo mútuo à leitura diária da Bíblia.
4. Recomende uma reunião semanal entre os membros de cada grupo, com duração de uma hora, a fim de compartilharem as lições aprendidas durante a leitura bíblica na semana.
5. Promova o mês da Bíblia, no qual todas as atividades devem estar relacionadas com as Escrituras.
6. Presenteie os aniversariantes com Bíblias em diferentes versões.
7. Distribua Bíblias na comunidade.
8. Veicule todos os dias versos bíblicos na Rede Social.
9. Nos programas jovens, promova momentos de curiosidades da Bíblia e concursos bíblicos.
10. Estabeleça uma semana de silêncio na igreja, na qual, todas as noites, os membros tenham a oportunidade de passar uma hora na igreja, meditando sobre passagens específicas da Bíblia, intercalando com oração e trechos do Espírito de Profecia que tratem da importância da comunhão com Deus.

APÊNDICE D

IDÉIAS DE COMO TESTEMUNHAR NO PROCESSO DE EVANGELISMO

1. Testemunhar é uma ordem bíblica (Mt. 28:19, 20; At. 1:8; 13:47) que traz alegria ao coração de Deus (Lc. 15:8-10; 15:11-32; 15:4-7). É a resposta de um coração constrangido pelo amor de Deus (2 Co. 5:14) e anelante pela volta de Jesus (Mt. 24:14). Nunca substima a influência de um amável testemunho.

2. Identifique pessoas interessadas e testemunhe a elas. Podem ser familiares, amigos íntimos, colegas de trabalho, vizinhos e conhecidos casuais.

3. Aproveite para testemunhar em oportuniades áureas como: dilema familiar, crise emocional ou financeira, problema de saúde, trauma mundial, crise pessoal etc...

4. Aplique a a técnica do testemunho efetivo: comece perguntando sobre a família da pessoa, mostre-se interessado pela família dela. Depois pergunte sobre sua profissão; o que ela faz, o que ela aprecia no seu trabalho etc. Neste ponto da conversa pergunte sobre a religião da pessoa; verifique se ela frequenta alguma igreja nas proximidades ou se ela nasceu numa família religiosa. Então fale da sua experiência pessoal com Deus. As pessoas ficam mais interessadas no Salvador quando ouvem histórias de vidas transformadas por Ele.

5. Use os três elementos fundamentais do testemunho cristão: (a) como era minha vida antes de conhecer a Jesus; (b) como eu conheci a Jesus; e (c) e como minha vida mudou após o encontro com Jesus.

6. Saia com alguém para praticar o dom do testemunho. “Muitos teriam boa vontade de trabalharem se lhes ensinassem a começar.” (E. G. White, Serviço Cristão, p. 59).

7. Forme Pequenos Grupos na igreja a fim de que as pessoas partilhem suas experiências umas com as outras; isso edifica o corpo de Cristo e anima cada pessoa a testemunhar em qualquer lugar. Deus geralmente não nos outorga um dom espiritual totalmente maduro; ele deve ser desenvolvido pelo uso.

8. Dê prioridade em equipar, ensinar e fortalecer os líderes a fim de que cumpram seu ministério no mundo. “Deve-se ensinar as pessoas em como transmitir aos outros o conhecimento que elas receberam.” (E. G. White, 7T. P. 20).

9. Use os métodos de Cristo no processo do testemunho. Cristo se aproximava das pessoas como alguém que desejava o seu bem; Ele demonstrava simpatia; Ele ministrava às suas necessidades; Ele ganhava-lhes a confiança e dizia-lhes “Siga Me”. “Unicamente os métodos de Crsto trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo” (E. G. White, Ciência do Bom Viver, p. 143).

LISTA DE REFERÊNCIAS

- Abdala, E. (2009). *Manual para evangelistas: Estratégias modernas para séries de colheita e plantio de igrejas*. Cachoeira, BA: Instituto de Crescimento de Igreja CePLiB Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia.
- ADCOM, (2000, para. 2). *A seventh-day adventist statement on religious liberty, evangelism, and proselytism*. This statement was voted by the General Conference of Seventh-day Adventists Administrative Committee (ADCOM), for release at the time of the General Conference Session in Toronto, Canada, June 29-July 9, 2000. <http://adventist.org/beliefs/statements/main-stat50.html>
- Ammerman, T. N., Carroll, W. J., Dudley, S. C., & McKinney, W. (1998). *Studying congregations*. Nashville, TN: Abingdon Press.
- Anderson, R. A. (1965). *O pastor – evangelista*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira.
- Arn, W., Arn, C., (1998). *The master's plan for making disciples*. Grand Rapids, MI: Baker Books.
- Barna, G. (1992). *The power of vision*. Ventura, CA: Regal Books.
- Barrett, Y. L., Guder, L. D., Hobbs, C. W., Hunsberger, R. G., Stutzman, L. L., & Kooten, V. J. "Et al". (2004). *Treasure in clay jars: Patterns in missional faithfulness*. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans.
- Barro, J. H. (2004). *Uma igreja sem propósitos*. São Paulo, SP: Associação Religiosa Editora Mundo Cristão.
- Blauw, J. (2003). *A natureza missionária da igreja*. São Paulo, SP: Editora ASTE.
- Bonhoeffer, D. (1980). *Discipulado*. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal.
- Bowman, B. (1987, January). *Assessing your needs assessment*. Newsletter Training 24(1), 10-12. Retrieved from: ABI/INFORM Global database (Document ID: 825669).
- Bounds, E. M. (2007). *Power through prayer*. New York: Cosimo Books.
- Bull, M., & Lockhart, K. (1989). *Seeking a sanctuary Seventh-day Adventism and the american dream*. Bloomington, IN: Indiana University Press.

- Burrill, R. (2003). *Creating healthy adventist churches through natural church development*. Berrien Springs, MI: NADEI Seventh-day Adventist Theological Seminary Andrews University.
- Burrill, R. (1999). *Revolução na igreja*. Sabugo, AB: Publicadora Atlântico.
- Burrill, C. R. (1998). *Recuperando uma abordagem Adventista à vida e missão da igreja local*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira.
- Burril, R. (1996). *Radical disciples for revolutionary churches*. Fallbrook, CA: Hart Research Center.
- Chambers, O. (1992). *My utmost for his highest*. Grand Rapids, MI: Oswald Chambers Publications.
- Cole, N. (1999). *Cultivating a life for God*. Carol Stream, IL: ChurchSmart Resources.
- Coleman, R. E. (2006). *Plano mestre de evangelismo*. São Paulo, SP: Mundo Cristão.
- Coleman, R. E. (1964). *The master plan of evangelism*. Old Tappan, NJ: Fleming H. Revell.
- Comiskey, J. (2002). *Cell group explosion: How your small group can grow and multiply*. Houston, TX: TOUCH Publications.
- Commission on Evangelism. (1944). Westminster, England: The Press and Publications Board of the Church Assembly.
- Cotterell, P. (1981). *Church alive*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press.
- Dayton, E. R., & Fraser, D. A. (1990). *Planning strategies for world evangelization*. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans.
- Dias, E. C. M. (2012). *Definindo evangelismo e testemunho*. Comentário da Lição da Escola Sabatina, 2 Semestre, Abril – Junho, 2012. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira.
- Donahue, B., & Robinson, R. (2001). *Edificando uma igreja de grupos pequenos*. São Paulo: Editora Vida.
- Drummond, L. A. (1992). *The word of the cross*. Nashville, TN: Broadman & Holman.
- Duewel, W. (1989). *Ablaze for God*. Grand Rapids, MI: Zondervan.
- Engen, V. C. (1991). *Povo missionário, povo de Deus*. São Paulo: Edições Vida Nova.

- Ferraz, I. (1991). *“Segue-Me”*: Manual para instrução de obreiros e leigos. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira.
- Fish, J. R., & Conant, E. J. (1976). *Every-member evangelism*. New York: Harper and Row.
- Gelder, V. C., Forney, G. D., Roxburgh, J. A., Bullock, W. M., Zscheile, D., & Anderson, R. D. “et al”. (2008). *The missional church & denominations: Helping congregations develop a missional identity*. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans.
- Gelder, V. C., & Zscheile, J. D. (2011). *The missional church in perspective: Mapping trends and shaping the conversation*. Grand Rapids, MI: Baker Academic.
- Graham, B. (1974). *The gift and calling of the evangelist*. (Papers from the Lausanne Congress on Evangelism, pg. 17).
- Green, M. (1970). *Evangelização na igreja primitiva*. São Paulo, SP: Vida Nova.
- Guder, L. D., Barrett, L., Dietterich, T. I., Hunsberger, R. G., Roxburgh, A. J., & Gelder, V. C. (1998). *Missional church: A vision for the sending of the church in North America*. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans.
- Hadden, J. K., Swann, C. E. (1981). *Prime time preachers*. Reading, MA: Addison-Wesley Publishing Co.
- Harper, B., & Metzger, L. P. (2009). *Exploring ecclesiology: An evangelical and ecumenical introduction*. Grand Rapids, MI: Brazos Press.
- Henrichsen, W. A. (1984). *Disciples are made – not born*. Wheaton, IL: A Division of SP Publications, Inc.
- Henry, M. (2000). *Matthew Henry’s Commentary on the whole Bible*. (Vol. 5, p. 36). Peabody, MA: Hendrickson Publishers.
- Himitian, J. (2011, Dezembro). *Ministérios e estruturas da igreja*. ISSUU. Retrieved from: <http://issuu.com/ricardo.menighelli/docs/ministerios-e-estruturas-da-igreja>.
- Hirsch, A. (2006). *The forgotten ways*. Grand Rapids, MI: Brazos Press.
- Holt, S. C. (2007). *God, next door: Spirituality and mission in the neighbourhood*. Brunswick East, VIC: Acorn Press.
- Hybels, B. (1997). *Rediscovering church: The story and vision of willow creek community church*. Grand Rapids, MI: Zondervan.

- Johnson, K. W. (1997). *Small groups for the end-time*. Hagerstown, MD: Review and Herald.
- Kaiser, C. W. (2012). *Mission in the Old Testament: Israel as a light to the nations*. Grand Rapids, MI: Baker Academic.
- Kamstra, D. (1992, March). *Book: Willow creek community church: Church leader's handbook*. <http://www.reformedworship.org/article/march-1992/book-willow-creek-community-church-church-leaders-handbook>.
- Kane, H. J. (1976). *Christian missions in biblical perspective*. Grand Rapids, MI: Baker Book House.
- Kaplan, A. M., Haenlein, M. (2010). Users of the world, unite! The challenges and opportunities of social media. *Science direct*, 53 (1), 59 – 68.
- Kincaid, J. (2011, 23 de Junho). Facebook now has 750 million users. *TechCrunch*, 1. Retrieved from <http://techcrunch.com/2011/06/23/facebook-750-million-users/>
- Kittel, G. (1964). *Theological dictionary of the New Testament* (Vol. 2, p. 720). Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans.
- Lewis, R., Cordeiro, W. (2005). *Culture shift: Transforming your church from the inside out*. San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Malphurs, A. (2011). *The nuts and bolts of church planting*. Grand Rapids, MI: Baker Books.
- Malphurus, A. (2007). *A new kind of church: Understanding models of ministry for the 21st century*. Grand Rapids, MI: Baker Books.
- MARC. (1972, August). Newsletter p. 6. Retrieved from: <http://www.meaningstore.org/index.html>.
- McGavran, D. A. (2005). *The bridges of god, a study n the strategy of missions*. Eugene, OR: Wipf & Stock Publisher.
- McGavran, A. D., & Arn, C. W. (1977). *Ten steps for church growth*. San Francisco, CA: Harper San Francisco.
- McIntosh, L. G. (2003). *Biblical church growth*. Grand Rapids, MI: Baker Books.
- McNeal, R. (2009). *Missional renaissance: Changing the scorecard for the church*. San Francisco, CA: Jossey-Bass.

- McPhee, A. G. (1978). *Friendship evangelism*. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House.
- Minatrea, M. (2004). *Shaped by God's heart: The passion and practices of missional churches*. San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Miller, A. S., & Hoffman J. P. (1995, March). *Risk and religion: An explanation of gender differences in religiosity*. *Journal for the scientific study of religion* 34(1) 63-75. Retrieved from: <http://www.blackwellpublishing.com/journal.asp?ref=0021-8294&site=1>.
- Muzio, R. (2007), *O dna da liderança cristã*. São Paulo: Publicadora Mundo Cristão.
- Neill, S. (1997). *História das missões*. São Paulo: Edições Vida Nova.
- Newbigin, L. (1995). *The open secret: An introduction to the theology of mission*. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans.
- Newman, J. D. (May 04, 2008). Dream for new hope adventist church. http://www.mynewhopechurch.com/pages/page.asp?page_id=99875
- Nichol, D. F. (1978). *Seventh-day Adventist Bible Commentary* (Vol. 1, pp. 207, 209). Washington, DC: Review and Herald.
- Nielsen, (2010, june 15). Social networks/blogs now account for one in every four and a half minutes online. *Nielsenwire, 1*. <http://blog.nielsen.com/nielsenwire/global/social-media-accounts-for-22-percent-of-time-online/>
- Niles, D. T. (1951). *That they may have life*. New York: Harper and Brothers.
- Norton, R. (2001). *La persuasión cristiana, el arte de ganar almas*. Berrien Springs, MI: Kerygma Publications.
- Peters, W. G. (1981). *A theology of church growth*. Grand Rapids, MI: Zondervan.
- Peters, W. G. (1972). *A biblical theology of missions*. Chicago, MI: Moody Press.
- Pointer, R. (1984). *How do churches grow?* Basingstoke, Hants, UK: Marshall Morgan & Scott.
- Rainer, R. S. (2010). *Transforamtional church*. Nashville, TN: Broadman & Holman.
- Rainer, T. S. (2005). *Seven deadly signs of a dying church*. Outreach magazine. Retrieved from: <http://www.churchleaders.com/outreach-missions/outreach-missions-, articles/139400-seven-sins-of-dying-churches.html>.

- Rainer, R. S. (1999). *High expectations: The remarkable secret for keeping people in your church*. Nashville, TN: Broadman and Holman.
- Reid, A. (1998). *Introduction to evangelism*. Nashville, TN: Broadman & Holman.
- Roxburgh, J. A., & Boren, S. M. (2009). *Introducing the missional church: What it is, why it matters, how to become one*. Grand Rapids, MI: Baker Books.
- Roxburgh, J. A., & Romanuk, F. (2006). *The missional leader: Equipping your church to reach a changing world*. San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Roxburgh, J. A., & Boren, S. M. (2009). *Introducing the missional church: What it is, why it matters, how to become one*. Grand Rapids, MI: Baker Books.
- Russel, B., Russel, R. (2003). *Uma igreja de sucesso: 10 princípios bíblicos testados e aprovados*. São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova.
- Sahlin, M. (2003). *Adventist congregations today*. Lincoln, NE: Center for Creative Ministry.
- Sahlin, M. (1997, September 11). *How group dynamics impact your ministry*. Ministry Magazine.
- Sahlin, M., Gavin, J., Washington, F., Williams, G., Chavanz, J., & Moyer, B. (1994). *Ministries of compassion*. Lincoln, NE: Church Resources Distribution Center.
- Samaan, P. G. (1999). *Christ's way of making disciples*. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association.
- Samaan, P. G. (1990). *Christ's way of reaching people*. Hagerstown, MD: Review and Herald.
- Schwarz, A. C., & Schalk, C. (1997). *A prática do desenvolvimento natural da igreja*. Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança.
- Schwarz, A. C. (1996). *O desenvolvimento natural da igreja*. Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança.
- Shuler, J. L. (1940). *Public evangelism*. Washington, DC: Review and Herald Publishing Association.
- Sjogren, S. (2001). *10 ways to reach your community*. Colorado Springs, CO: NavPress Publications.
- Stedman, R. C. (1976). *Body life*. Glendale, CA: Regal Books.

- Stetzer, E., & Rainer, S. T. (2010). *Transformational church: Creating a new scorecard for congregations*. Nashville, TN: Broadman & Holman.
- Stetzer, E., Putman, D. (2006). *Breaking the missional code: Your church can become a missionary in your community*. Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers.
- Stetzer, E. (2006). *Planting missional churches*. Nashville, TN: B&H Publishing Group.
- Stokes, J. (2005). Sound and communications. *Willow creek redefines worship*, 51(4), 30-32.
- Terry, J. M. (1994). *Evangelism a concise history*. Nashville, TN: Broadman & Holman.
- The Lausanne Movement. (1982). The report of *LOP 21: Evangelism and social responsibility: An evangelical commitment*. Grand Rapids, MI: Lausanne Committee for World Evangelization. Lausanne Occasional Paper 21.
- Thompson, W. O. (1999). *Concentric circles of concern: Seven stages for making disciples*. Nashville, TN: Broadman & Holman.
- Torrey, R. A. (1983). *How to pray*. Pittsburgh, PA: Whitaker House.
- Towns, E. L. (1995). *Evangelism and church growth: A practical encyclopedia*. Ventura, CA: Regal Books.
- Training Terms newsletter (2001, January). *Action research: Harnessing the power of participation*. Copy Editor.
- Tyra, G. (2011). *The Holy Spirit in mission: Prophetic speech and action in christian witness*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press.
- Wagner, C. P. (1987). *Strategies for church growth*. Ventura, CA: Regal Books.
- Warren, R. (2002). *The purpose-driven life*. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House.
- Warren, R. (1995). *The purpose-driven church*. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House.
- Webb, A. J. (2012). *Evangelismo e testemunho*. Comentário da Lição da Escola Sabatina, 2 Semestre, Abril – Junho, 2012. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira.

- White, E. G. (2009a). *Parábolas de Jesus*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira.
- White, E. G. (2009b). *Beneficência social*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira.
- White, E. G. (1995). *Medicina e salvação*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira.
- White, E. G. (1990). *A Ciência do bom viver*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira.
- White, E. G. (1985a). *Testemunhos seletos* (Vol. 2). Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira.
- White, E. G. (1985b). *Testemunhos seletos* (Vol. 3). Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira.
- White, E. G. (1985c). *Testemunhos Vol. 7*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira.
- White, E. G. (1981a). *O Grande conflito*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira.
- White, E. G. (1981b). *A história dos profetas e reis*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira.
- White, E. G. (1979). *O Desejado de todas as nações*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira.
- White, E. G. (1978). *Evangelismo*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira.
- White, E. G. (1976a). *Patriarcas e profetas*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira.
- White, E. G. (1976b). *Atos dos apóstolos*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira.
- White, E. G. (1958a). *Obreiros evangélicos*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira.
- White, E. G. (1958b). *Mensagens Escolhidas vol. 1*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira.
- White, E. G. (1953a). *Testimonies for the church* (Vol. 9). Mount View, CA: Pacific Press.
- White, E. G. (1953b). *Testimonies for the church vol. 6*. Mountain View, CA: Pacific Press.

- White, E. G. (1948a). *Testimonies for the church* (Vol. 4). Mount View, CA: Pacific Press.
- White, E. G. (1948b). *Testimonies for the church* (Vol. 8). Mount View, CA: Pacific Press.
- White, E. G. (1942). *The ministry of healing*. Mount View, CA: Pacific Press.
- White, E. G. (1938). *Counsels on sabbath school work*. Washington, DC: Review and Herald Publishing Association.
- White, E. G. (1888, May 8). *Some shall depart from the faith*. Washington, DC: Review and Herald.
- Wilson, J. (2008). *Preparing for your harvest: Connecting with people who matter to God*. Lincoln, NE: AdventSource.
- Wind, P. J. (1993). *Constructing your congregation's story*. Minneapolis, MN: Augsburg Fortress.
- Woodford, V. L. (2012). *Great commission, great confusion, or great confession? The mission of the holy christian church*. Eugene, OR: Wipf & Stock.
- Woolever, C., & Bruce, D. (2002). *A field guide to U.S. congregations*. Louisville, London: Westminster John Knox Press.
- World Council of Churches (April 1, 2012). *Evangelism: Witnessing to our hope in Christ*. Source: International Review of Mission.
- U.S. Census Bureau. (2010, 2011). Retrieved from: <http://factfinder.census.gov>
<Http://quickfacts.census.gov/qfd/states/25/2545000.html>.

VITA

CURRICULUM VITAE

Paulo G. Vieira
Born in Linhares ES, Brazil

EDUCATION

2013—Doctor of Ministry (Andrews University in Progress)
2005—Master of Arts in Pastoral Ministry (Andrews University)
1984—Bachelor in Theology (Seventh-day Adventist Theological Seminary - São Paulo – Brazil).

WORK EXPERIENCE – PASTORAL

2003 - present—Pastor and Portuguese Coordinator of Southern New England Conference.
1996 - 2003—Pastor of two churches in Ontario Conference - Canada.
1998 - 2003—Associate Speaker of “It’s Writing Program” on Television – Canada.
1992 – 1996—District Pastor of two Portuguese churches, Transvaal Conference – Johannesburg, South Africa.
1991 - 1992—Chaplain/Pastor (Seventh-day Adventist Elementary School – EDESSA, Colatina ES, Brazil).
1986 - 1992—District Pastor of 18 churches, Espírito Santo Conference, Vitória ES, Brazil.
1985 - 1986—Principal of Elementary School